NO SUPLEMENTO LITERÁRIO: «TEATRO DE AQUILINO» POR CARLOS PORTO

Diário de Lisboa

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS

QUINTA-FEIRA, 16 DE OUTUBRO DE 1969 N.º 16 819 ANO 49.º PREÇO 1$50

ATENÇÃO

A MOSCA

PICA AOS SÁBADOS

O QUARTEL-SEDE DOS B. V. DE LISBOA SERÁ CONSTRUÍDO EM OLIVAIS-SUL

• As obras (que principiam no começo do ano) estão orçamentadas em 10 mil contos

A Associação dos Bombeiros Voluntários de Lisboa, que tão valiosos serviços tem prestado á humanitária causa a que se dedica, deu hoje começo ás comemorações do 101.º aniversário da sua fundação, apresentando á vereação do Município a maqueta e anteprojecto das instalações do novo quartel-sede, que amanhã serão expostas num estabelecimento da Baixa.

O presidente da assembleia geral dos Bombeiros Voluntários de Lisboa, sr. almirante Nuno de Brion, acompanhado do presidente da direcção, sr. Henrique Cordeiro, apresentou a maqueta do futuro quartel-sede ao chefe da edilidade lisboeta, convidando também os vice-presidentes e os vereadores presentes a apreciá-la.

Da autoria do arquitecto Frederico George, o edifício, que será construido em Olivais-Sul, num terreno oferecido há um ano pelo Município áquela associação humanitária, terá espaço para 20 viaturas e dormitórios para igual numero de homens.

Compreende também um serviço de ambulâncias, bem como um posto médico destinado aos sócios. Além disso, o futuro quartel-sede beneficiará ainda de uma sala polivalente, com piscina e diversos aparelhos de ginástica.

(Continua na página central)

A Sociedade Nacional de Belas-Artes tem, desde hoje, de novo a funcionar o Curso de Formação Artística, criado em 1965. O espírito informal caracteriza as suas aulas, leccionadas por nomes conhecidos no nosso meio artístico. São em número de 26 os alunos inscritos nos dois primeiros anos do curso.

(LER NA PAGINA DEZ)

HOJE 40 PAGINAS
VISADO PELA CENSURA

DIA DA MORATÓRIA NOS EUA

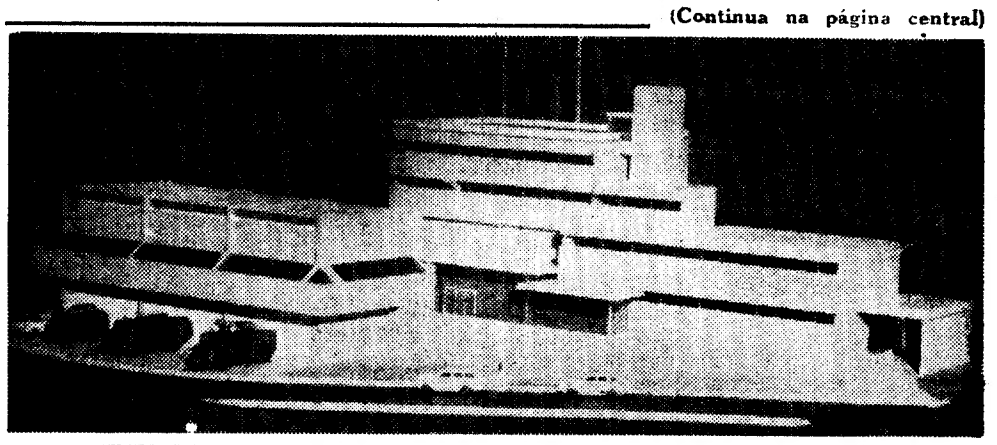
O MAIOR PROTESTO CONTRA A GUERRA

WASHINGTON, 16 — (R.) — Cerca de 30 000 pessoas desfilaram a noite passada, à luz de velas, até à Casa Branca, para culminarem um dia de protestos em todo o país contra a guerra no Vietnam.

A Polícia estabeleceu um apertado dispositivo de segurança á volta da Casa Branca para impedir quaisquer perturbações.

O aumento das precauções registou-se pouco depois de cerca de 100 militantes negros tentarem abrir caminho á força, empurrando os guardas da Polícia que se encontram nos portões, e entrar na Casa Branca.

(Continua na 7.ª página)



Eis a maqueta do futuro quartel-sede dos Bombeiros Voluntários de Lisboa, que será construído em Olivais-Sul

Dr. Moreira Baptista

Faz hoje um ano que o sr. dr. César Moreira Baptista tomou posse do cargo de secretário de Estado da Informação e Turismo, depois de ter desempenhado, durante alguns anos, as funções de secretário nacional da Informação e, cerca de um mês, as de subsecretário de Estado da Presidência do Conselho.

Por esse motivo, o sr. dr. Moreira Baptista recebeu, no seu gabinete, numerosos telegramas de felicitações, bem como os cumprimentos dos seus subordinados.

A SOYUZ-6 ATERROU

MOSCOVO, 16 — (F. P.) — O voo da nave cósmica Soyuz-6 terminou com sucesso. O veículo espacial aterrou suavemente no território da U.R.S.S.

A aterragem verificou-se ás 12 e 12 locais (10 e 12 em Lisboa) a 180 km a noroeste de Karaganda — anuncia Rádio Moscovo. Os dois cosmonautas da Soyuz-6 encontram-se bem. (Mais notícias na pág. 7)

Edição da noite

especial ELEIÇÕES

O DIREITO À SAÚDE E À ASSISTÊNCIA SANITÁRIA

mesa-redonda em que intervieram António Galhordas (C. D. E.), António Pardete da Fonseca (C. E. M.) e Fernando Magalhães Colaço (C. E. U. D.). Moderador, José Pinto Correia.

● Manifesto dos candidatos da Oposição de Beja sobre a crise da cultura em Portugal ● Espelho da Imprensa ● Assim vamos nós ● Reportagens ● Notícias

HOJE NO SUPLEMENTO

MESA REDONDA

MORREU QUEIMADA A POBRE SEPTUGENÁRIA

MAS SALVARAM-SE AS ECONOMIAS

VISEU, 16 — Aconteceu em Águas Boas (Lamas, do Concelho de Sátão), onde um incêndio rápidamente devorou, durante a madrugada, a pequena casa da sr.ª Maria Salgado, de 70 anos, mãe de três filhos maiores, um dos quais reside em Moledo ali perto e outro está em França.

O mais grave e dolorosamente lamentável, é que a pobre mulher, andeira e trabalhadora nos recados e quefazeres para uns e para outros, dormia a sono solto, e o fogo deve tê-la surpreendido já quando a pobre não conseguiu fugir... E lá ficou, no braseiro, de onde os populares solícitos, mas involuntàriamente, fatalmente tardios, recolheram os seus restos calcinados.

Depois, remexido o triste espólio da infeliz, descobriu-se, numa pequena arca, a importancia de quatro mil escudos — ao que parece, mil de economias da infeliz Maria Salgado e o resto dinheiro que o filho lhe vinha mandando de França.

VISITA DOS MINISTROS DA DEFESA E DA SAÚDE AO NORTE DO PAÍS

Em avião militar, chegaram hoje, ás 11 e 30, ao aeródromo de manobra n.º 1 em Maceda (Ovar) os ministros da Defesa Nacional e da Saude e Assistência, respectivamente, general Sá Viana Rebelo e dr. Cancela de Abreu, que se faziam acompanhar das respectivas esposas, e o primeiro, ainda, pelo secretário adjunto, contra-almirante Sequeira Araujo, vice-chefe do estado-maior da Força Aérea, general Machado de Barros e outros oficiais.

O ministro da Defesa e aqueles oficiais superiores visitaram demoradamente aquele aeródromo que, como se sabe, foi construído, para fins ligados á N. A. T. O. e posteriormente entregue á Força Aérea Portuguesa. De tarde, aquele membro do Governo visitou a Colónia de Férias da Aguda, da Fundação do Grémio dos Armazenistas de Mercearia, a fim de estudar a possibilidade da sua utilização durante a maior parte do ano como centro de educação de crianças, filhos e órfãos de militares.

Entretanto, o ministro da Saude visitou os hospitais de Estarreja, Murtosa e Ilhavo, os asilos Viscondessa de Salreu e dos Inválidos da Murtosa, o Lar de S. José, em Ilhavo e, também, a Colónia de Férias da Aguda.

Amanhã, este membro do Governo prossegue as suas visitas de trabalho aos hospitais de Albergaria-a-Velha, Ovar, S. João da Madeira e Feira, ao asilo da Santa Casa da Misericórdia de Ovar, ao Recolhimento dos Velho de D. Manuel e ao asilo de Nossa Senhora da Saude, regressando depois a Lisboa, para voltar na próxima semana ao distrito de Aveiro, a fim de continuar com as suas visitas a estabelecimentos de saude e assistência regionais.

Integrada nas comemorações das bodas de ouro o Belenenses promoveu a realização de uma exposição de Livros de Educação Física e Desportos e das recordações desportivas do dr. Mário Duarte. Na imagem vemos o dr. Mascarenhas Ataíde, da Direcção-Geral dos Desportos que visitou aquela exposição, acompanhado dos dirigentes dos «azuis» Acácio Rosa e dr. Gouveia da Veiga

DISTINÇÃO CHILENA CONCEDIDA AO DR. MARTINS DE CARVALHO

Ao princípio da tarde, na residência do embaixador do Chile em Lisboa, dr. Rafael de la Presa, este diplomata fez entrega ao dr. Henrique Martins de Carvalho, antigo ministro da Saude e Assistência, diplomata e vice-presidente da Sociedade dos Amigos do Chile, das insígnias da Ordem de Bernardo O'Higgs. A distinção no grau de grã-cruz, foi-lhe atribuída pelo dr. Eduardo Frei, presidente da República do Chile, sob proposta do embaixador La Presa.

Assistiram á cerimónia o conselheiro da Embaixada, o cônsul e outros altos funcionários da representação diplomática chilena no nosso País e entidades convidadas, entre as quais altas individualidades da vida nacional e amigos do homenageado. Ali estiveram, entre outras personalidades, o prof. Abreu Faro, presidente do Instituto de Alta Cultura, os reitores das Universidades da capital, os profs. Leite Pinto, presidente da Sociedade dos Amigos do Chile, Galvão Teles, Adriano Moreira, Paulo Cunha, dr. Pedro Pita e escultor Leopoldo de Almeida.

O embaixador chileno saudou o dr. Martins de Carvalho, sublinhando o seu valor e prestígio, bem como os serviços prestados á amizade luso-chilena. O homenageado agradeceu, por fim, a honra concedida.

XII JAMBOREE NO AR

Como nos anos anteriores, os Escuteiros de Portugal contactarão através das ondas artezianas, com os 12 milhões de escuteiros espalhados pelo globo, numa manifestação unica em todo o mundo, o Jamboree no Ar, a realizar neste fim-de-semana. Serão 48 horas de plena actividade, desde a 1 hora (TMG) do dia 18 até ás 23 e 59 (TMG) do dia 19. Milhares de radio-amadores ajudarão os escuteiros a estabelecer as comunicações.

O Jamboree no Ar é um dos muitos meios através dos quais o escutismo procura desenvolver a amizade e compreensão internacionais. Os contactos estabelecidos pela rádio resultam muitas vezes em ulterior intercambio de experiências e de ideias, através do correio, culminando com visitas aos respectivos países para conhecimento pessoal.

A Secretaria Mundial do Escutismo, em virtude de a sua estação privativa ainda não estar em condições de funcionar, usará, mais uma vez, das facilidades concedidas pelo International Amateur Radio Clube, de Genebra, para utilizar o posto 4U1ITU.

No dia 18, será aposto na correspondência apresentada nos postos de correio dos Serviços Centrais (Cais do Sodré-Lisboa-2) e Região Norte (Rua Barão de São Cosme, 225 — Porto), um carimbo comemorativo do XII Jamboree no Ar.

I Salão de Fotografia

TOMAR, 16. — No sábado, ás 21 e 30, será inaugurado o I Salão de Fotografia desta cidade, promovido pela Comissão Municipal de Turismo

Necrologia

FALECIMENTOS

D. Guilhermina Duarte Filipe de Oliveira Pinto

Faleceu a sr.ª D. Guilhermina Duarte de Oliveira Pinto, de 48 anos, natural de Lisboa, casada com o sr. Ricardo Machado de Oliveira Pinto, mãe do sr. Arnaldo Filipe de Oliveira Pinto. O funeral, a cargo da Agência Barata, realiza-se amanhã, pelas 10 horas, da igreja de S. João de Deus para o cemitério do Alto de S. João.

AUSTIN 250 JU

69ACL-05

NAS VERSÕES:
- FURGÃO FECHADO
- FURGÃO MISTO DE CARGA E PASSAGEIROS (5 E 9 LUGARES)
- CHASSIS/CABINE PARA OS MAIS DIVERSOS TIPOS DE CARROÇARIA
- CHASSIS/CABINE COM CAIXA DE CARGA SIMPLES (TIPO GALERA)

CARACTERÍSTICAS:
- PÊSO BRUTO: 2500 Kg
- CARGA ÚTIL: 1300 Kg
- VOLUME DE CARGA: 5,7 m³

MOTORES A DIESEL (1,5 lt.) OU GASOLINA (1,6 lt.)

SEGURANÇA E CONFORTO

OFERECEMOS-LHE A MAIOR POSSIBILIDADE DE ESCOLHA DO VEÍCULO ADEQUADO AOS DIFERENTES TIPOS DE SERVIÇO, ALÉM DA MÁXIMA UTILIZAÇÃO AO MAIS BAIXO CUSTO.

O VEÍCULO CERTO PARA EMPRESAS COMERCIAIS E INDUSTRIAIS, HOTEIS, COMPANHIAS DE TRANSPORTES AÉREOS, ESCOLAS, ETC

DIST. GERAIS: J. J. GONÇALVES SUCRS. S.A.R.L. LISBOA·PORTO·EVORA
BRAGA·SANTARÉM·MATOSINHOS · AGENTES EM TODOS OS DISTRITOS
AV. ELIAS GARCIA, 123, 3.º-D. - LISBOA - TELS. 75 01 91/2/3

Operações de Bolsa
BANCO DO ALENTEJO

N/T «FUNCHAL»

ACEITAM-SE PASSAGEIROS PARA

SOUTHAMPTON

O navio sairá de Lisboa a **20 do corrente** com o seguinte itinerário:

	chegada	saída
Lisboa		20/10
Southampton	23/10	24/10
Lisboa	27/10	

Consulte o seu agente de viagens ou directamente os nossos serviços:

EMPRESA INSULANA DE NAVEGAÇÃO

Rua Augusta, 152 — Tel. 37 03 41
LISBOA - 2

TER SEM ALEGRIA DE CONQUISTAR

O VAZIO DA SOCIEDADE MODERNA DA FOTONOVELA À PUBLICIDADE

É verdade que há um enorme esforço de informação a despender. «Muitas vezes em matéria de toxicomania, temos que enfrentar uma atitude, ao mesmo tempo, moralizadora e agressiva do terapeuta e da sociedade» (dr. Bensoussau). Dar a conhecer a possível decadência física, fazer compreender os sofrimentos que podem nascer da dependência incessantemente agravada perante uma necessidade cada vez menos contentada com a sua satisfação passageira: eis o que poderá levar alguns a desistir, sobretudo se lhes mostrarmos que é possível desistirem antes de a não-satisfação os fazer sofrer de verdade.

Por ALFRED GROSSER

Mas o êxito da informação supõe já que o informado aceita a ideia de futuro e a ideia de consequência. «O álcool mata devagar; nós não temos pressa». A inscrição supostamente divertida que figurava em tantos bares vale também para a droga, nesta altura, em que tantos jovens têm, felizmente, tendência para se desviarem do álcool.

Que importa o que pode acontecer-me se posso recorrer á droga como meio de vencer o presente e se a noção de futuro não tem grande sentido, não só porque não vejo muito bem o que o futuro pode trazer-me mas também porque, sendo jovem, não tenho futuro! Passar á idade adulta, como os adultos lhe chamam, será uma espécie de morte.

Além disso, julga-se que o prazer deixará apenas uma agradável recordação: o viajante voltará como partiu. Essa ilusão existia já quanto a outros divertimentos, a outras evasões, desde as estupidificantes fotonovelas até aos filmes de violência.

A droga permite lutar contra «a vaga melancolia da alma»: Já há mais de 40 anos que Aldous Huxley mostrava em *O Admirável Mundo Novo* como, nos raros instantes de insegurança deixados pelas satisfações criadas pelos divertimentos, se podia restabelecer a euforia, graças a algumas doses de «soma». E descrevia as festas, os «ofícios de solidariedade», onde certos grupos comungavam carnalmente depois de terem absorvido a droga criadora de euforia.

Mas, no mundo descrito por Huxley, entrava em acção uma vontade política: era muito deliberadamente que os governantes utilizavam a droga para que os cidadãos nunca se afastassem da felicidade pela reflexão, por uma interrogação sobre a sociedade e sobre si mesmos.

Dizer que existe uma tal vontade é contentar-se com criar um inimigo mitológico. A realidade é menos simples e menos absoluta para cada um de nós. Não é só a publicidade que convida ao consumo, á satisfação de desejos que ela contribui para criar. Toda uma filosofia social, toda uma pedagogia contribuem para o mesmo.

A posse é um direito. Não possuir é ser frustrado. Mas a posse demasiado fácil torna as pessoas *blasées* e dá lugar a novas necessidades, cuja não satisfação, por falta de recursos, dará azo a novas frustrações Tudo se fará, seja o que for, para conseguir o dinheiro que faculta a droga. Mas a princípio a droga proporciona uma satisfação mais barata que a *Triumph* que se gostaria de ter, uma vez que a *Mobylette* se conseguiu com facilidade demasiada para que o facto de conseguir pudesse dar uma grande alegria. Por saltos sucessivos assim se vai correndo atrás da alegria de ter, porque nunca se aprendeu a alegria de conquistar parcialmente, quer se trate da aquisição de objectos, quer da posse sexual.

Como aprendê-lo se a educação recebida consistiu em recusar a educação? Deram-nos inteira liberdade de desejar, antes de nos explicarem o que podia ser desejável, antes de nos ensinarem desejos que não nascem espontaneamente, como, por exemplo, o da alegria artística. A pretexto de respeitarem a liberdade da criança e do adolescente, quanto abdicação nos pais e nos professores! A verdade é que a abstenção é uma abdicação perante o que é devido á liberdade futura da criança de hoje. Já agora nasce nela um sentimento de insegurança, gerador do desejo de fuga, se lhe dizem incessantemente: «Escolhe sózinho!». A criança precisa de ser guiada por alguém de quem goste e não de ser abandonada a si própria, tem necessidade de se opor a um vazio e não de ficar só face a ele. E escolher supõe um mínimo de vontade. Ora, a vontade educa-se, cultiva-se, pelo menos essa vontade que por nós próprios criamos, sem sermos sacudidos por desejos contraditórios e passageiros.

As «ciências humanas», mal divulgadas, são, em parte, responsáveis por esta pedagogia do abandono. E têm igualmente responsabilidades mais directas. Em certos temas da psicologia e da psicanálise, ou da sociologia (como aparecem, pelo menos, ao nível da multidão) há milhares de jovens que retêm apenas as escusas possíveis, as negociações possíveis. O que eu sou, devo-o áquilo que formou o meu subconsciente na idade em que eu não tinha consciência de ter consciência; devo-o a todas as influências que a sociedade exerce sobre mim. De que poderei eu ser responsável? Porque hei-de procurar transformar-me, uma vez que eu devia antes sentir compaixão por mim mesmo? Libertar-me não é exercer a minha vontade, é escutar complacentemente os desejos obscuros que em mim dormitam. Desdenhá-los não seria escolher entre os materiais com que me construo, mas exprimir, e, portanto, tornar-me psíquicamente enfermo.

A sociedade é má. Adaptar-se a ela é capitular é submeter-se a constrangimentos mutiladores. Para esta sociedade, da qual não faço parte, da qual todos os outros (menos os camaradas que são como eu sou e sentem como eu sinto) fazem parte, tudo é permitido.

A sociedade é má. Não são só muitos analistas que

(Continua na 10.ª página)

DE «LE MONDE» em exclusivo para o «DIÁRIO DE LISBOA»

Crédito Universitário
BANCO DO ALENTEJO

À VENDA A 3.ª EDIÇÃO DA
REORGANIZAÇÃO INTERNA DE EMPRESAS INDUSTRIAIS
Um livro do maior interesse para todos os dirigentes modernos. Mais uma publicação, sobre organização e gestão de empresas, editada pelo INSTITUTO NACIONAL DE INVESTIGAÇÃO INDUSTRIAL
Um volume brochado com 529 páginas, ao preço de 150$00
À venda nas livrarias e no depositário:
LIVRARIA PORTUGAL
RUA DO CARMO, 70 — LISBOA

CURSO LICEAL EXT. N. ÁLVARES
NOCTURNO • ADMISSÃO AOS INSTITUTOS
C. PREPARATÓRIO ..... 220$00
2.º CICLO P. DISC.; 1 SEC. 250$. 2 SEC. ..... 350$00
3.º CICLO COMPLETO ..... 400$00
PR. JOÃO DO RIO, 2 (à Alameda) — Telef. 72 24 61

ECOS

ACABA de aparecer no mercado livreiro uma preciosa reedição das «Folhas Caídas» de Almeida Garrett, com introdução de outro grande poeta, dos maiores da língua portuguesa, José Gomes Ferreira. O estudo de José Gomes é tanto mais valioso quanto, através da sua subjectividade, é impiedoso o retrato que nos oferece das virtudes e dos correlativos defeitos de Garrett, em arte, no amor, na vingança, na política. Mostra-no-lo com a sua costela de «burguês de ventre prático», de casaco verde-bronze e colete de neve, mas também capaz de heroismo, generosidade e de dignidade no sofrimento, como quando em Bruxelas se viu escorraçado como um lacaio do posto diplomático que ocupava. Exclama José Gomes: «Porque serão sempre os parvos a mandar nos homens de génio?!» José Gomes Ferreira percorre no seu prefacio toda a existência e a obra lírica de Garrett, atendendo à «criptogâmica» filiação das suas ideias e sentimentos. Comenta as poesias inspiradas pelo «Anjo Mau» (a viscondessa da Luz) que, ao chocar-se com a imagem de Adelaide, entra em cena na poesia de Garrett com o seu rasto célebre de rimas em **us** (luz, reluz, reduz, cruz). Em suma, uma introdução que se lê com avidez e esclarece o leitor menos advertido sobre toda a significação dos versos de Garrett.

★

PUBLICA o «Express» um importante artigo sobre o mal-estar americano. O descontentamento contra Nixon parece ser hoje nos Estados Unidos tão pronunciado como o era ontem o descontentamento contra Johnson. Nesse artigo é analisado a guerra do Vietnam pela juventude universitária. Por outro lado, em Nova York os brancos pobres agruparam-se em torno de Mario Brocaccino e das suas acusações contra o desconforto em que vivem os trabalhadores de origem estrangeira, irlandeses, italianos, judeus, etc. Proccacino é candidato democrático à presidência da municipalidade de Nova York. A sua linha de combate é o ataque à inflação.

RECTÂNGULOS DA VIDA

PUBLICIDADE

Por MARIA JUDITE DE CARVALHO

Nós, os humanos deste nosso tempo, gostamos muitíssimo de não pensar nas coisas comezinhas do dia-a-dia. Em crianças a família escolhia por nós o sabonete, as camisolas e a pasta com que íamos à escola. É talvez por isso que hoje, senhores — ou relativamente senhores — das nossas acções, livres pelo menos de escolher sabonete, roupas e pasta, pomos o olhar no jornal de todos os dias ou no pequeno «écran» de todas as noites, abrimos (também acontece) os ouvidos ao transistor, e seguimos os conselhos que a publicidade toda-poderosa nos dá.

A publicidade usa uma técnica quase tão velha como o Mundo, pelo menos tão velha como a História. É uma técnica de que muita gente boa, má e assim-assim se tem servido, embora só muito recentemente para fins comerciais. Os reis começaram logo por dizer e repetir aos seus povos, que os dirigiam pela graça de Deus, e os povos acreditaram. O que os povos, não acreditam! Mas dizer não basta, repetir não basta. É preciso que isso aconteça todos os dias, várias vezes por dia se possível. E assim a ideia vai penetrando no indivíduo, vai fazendo parte dele. E o indivíduo passa a estar tão certo de a tartaruga ser um quelónio e do π ter 3,1416, como de o detergente X lavar ainda mais branco. Porque tudo pertence à sua cultura geral e lhe foi metido no cérebro activamente à força de estudo ou passivamente, de tanto ver e ouvir.

— Aqui há tempos entrei numa loja e pedi um produto qualquer. De momento não me ocorreu nenhuma marca, até porque são todas iguais. Mas subitamente o subconsciente segredou-me o quer que fosse e eu disse: «Marca tal». A empregada lamentou mas não tinha. Em dois dias havia-se esgotado tudo. Porque há três dias que o produto tal era anunciado na Televisão.

Conselhos que não pedimos nem agradecemos, mas que nos apressamos a seguir à risca, sem reflectir que as laminas fazem todas elas (aproximadamente) o mesmo número de barbas, os detergentes lavam igualmente branco, as lacas para o cabelo regulam (conforme os preços) e se 9 de cada 10 estrelas usam determinado sabonete, não é esse decerto o seu unico tratamento de beleza.

Mas quereremos nós saber disso? Claro que não. Queremos é seguir a onda. De resto, a publicidade sai de vez em quando do ramerrão habitual e dá um ar da sua graça deixando o mundo inteiro sufocado, como, por exemplo está a acontecer com um jovem e superinsólito anuncio da «Airborn».

O prazo de inscrição no certame de pintura «Motivos da Costa do Sol»

Termina no fim deste mês, conforme já foi noticiado, o prazo para a entrega de trabalhos concorrentes ao Certame Internacional de Pintura «Motivos da Costa do Sol».

Os artistas nacionais e estrangeiros que pretendam concorrer podem, portanto dirigir-se ainda á administração da Sociedade Estoril-Sol, entidade promotora do certame, pedindo que lhes sejam fornecidos os necessários esclarecimentos. Relembramos que aquela empresa instituiu três prémios pecuniários (10 000$00, 5 000$ e 2000$00) que serão atribuidos aos três primeiros classificados, segundo a decisão de um juri constituido por um representante da Estoril-Sol, outro da Escola Superior de Belas-Artes e outro dos artistas concorrentes

No ESTORIL o «DIARIO DE LISBOA» vende-se na Tabacaria do Parque, Arcadas do Parque

NOVO SISTEMA REGISTADO

30% de lucro sobre o custo do sistema clássico CHALETS e BUNGALOWS de forma revolucionária. Estas construções totalmente mobiladas e decoradas em 80 dias. INTERESSA-NOS vender patente para Portugal ou nomear delegado-geral para promoção de vendas.

INMOBILIARIA MIRASOL, S. A.
C/ Aribau, 114
BARCELONA—(ESPAÑA)

Externato SÁ DE MIRANDA

PRIMÁRIO • C. PREPARATÓRIO • LICEAL
• Inexcedível Corpo Docente
• Instalações funcionais e aprazíveis

RUA ALEXANDRE BRAGA, 17 (À ESTEFÂNIA)
Telef.: Secret. 45310 — Direcção 537532

Exposição de Arte da África Portuguesa levada de Angola ao estrangeiro

O pintor Luís Jardim, conservador do Museu de Angola, em entrevista concedida ao jornal «A Província de Angola», definiu, nas suas linhas essenciais, os vários planos que aquela instituição tenciona levar a cabo o mais breve possível: Exposição de Arte da África Portuguesa levada aos Estados Unidos, Canadá, Brasil, Inglaterra, França, Itália e Alemanha; uma exposição itinerante através de Angola, levando peças fundamentais do Museu a todos os centros populacionais; a criação do Grupo de Amigos do Museu, de forma a apoiar e intensificar a sua acção; a constituição de salas de Arte Contemporanea na área do Museu; e uma Exposição de Arte Contemporanea Portuguesa que levasse a Angola os nomes mais significativos da pintura, escultura e desenho do nosso País.

COMUNICAÇÃO ENTRE MARIDO E MULHER

Às vezes o que falta é uma palavra dita na hora certa, um sorriso, um olhar. Aprenda aqui as regras básicas da comunicação entre marido e mulher, que podem levar um casamento feliz através da vida. Não perca este sensacional artigo no número de Outubro das **Selecções**, em distribuição exclusiva da Livraria Bertrand.

ora diga-nos...

— Em que idade teve o primeiro relógio?

Ao primeiro relógio está, quase sempre, ligada uma recordação agradável.

● — Tive o primeiro relógio aos 10 anos — *afirmou-nos o jovem Carlos Alberto Viegas.*

— Quem lho ofereceu?

— Foi o meu pai que mo deu. Como não tinha relógio estava sempre a perguntar as horas, e ele então comprou-me um relógio.

— Então não teve o relógio como prémio, por exemplo, de ter feito a quarta classe?

— Não!

● *A sr.ª D. Custódia da Silva Simões Gomes, empregada de limpezas e vendedora de hortaliça, respondeu-nos por sua vez:*

— Tinha 22 anos!

— Comprou-o ou ofereceram-lho?

— Ofereceu-mo o meu marido. Fiz anos... Custou 240 escudos. Não tive relógio mais cedo porque não pude. Somos pobres. Não podia.

● *A terminar o breve inquérito disse-nos o sr. Manuel Mendes Duro, reformado da Carris:*

— Tinha treze anos. Por acaso foi a minha mãe que mo ofereceu.

— Porquê?

— Pràticamente foi por lhe fazer as vontades. Eu era muito trabalhador, e como fazia a vontade a meus pais, eles ofereceram-mo!

— Ainda conserva esse relógio?

— Não, foi já há bastantes anos. Depois desse tive já três relógios.

CITROËN

Felicita Francisco Romãozinho

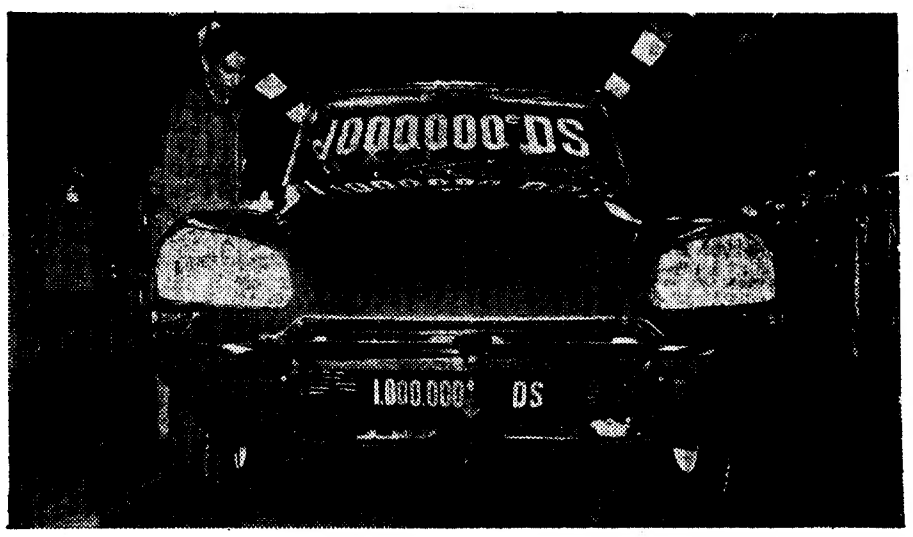
VENCEDOR DO 3º RALI INTERNACIONAL TAP

À partida — 126 viaturas
Classificadas — 23 equipas, 4 das quais terminaram a prova
1.º da classificação geral — Francisco Romãozinho em DS 21,
repetindo o sucesso obtido ao consagrar-se

VENCEDOR ABSOLUTO DA XX VOLTA A PORTUGAL

então ao volante de um CITROËN ID 20,
única viatura à chegada, entre 26 concorrentes

Março de 1969



No momento em que o milionésimo DS sai das linhas de fabricação, uma equipa portuguesa, face à elite dos pilotos internacionais, comprova pela segunda vez em 1969 que o aperfeiçoamento conseguido com a experiência de 14 anos de construção dos modelos D Citroën, os mantém no seu lugar de sempre: **o primeiro.**

A viatura utilizada por Francisco Romãozinho, bem como os novos modelos Citroën para 1970 (DSpecial, DSuper e DS 21) estão expostos no stand da Av. Fontes Pereira de Melo, 97-A, em Lisboa, onde brevemente será apresentado o automóvel-sensação do recente Salão Automóvel de Paris, o DS 21 de injecção electrónica.

EM RALIS, COMO EM UTILIZAÇÃO NORMAL, OS MODELOS «D» CITROËN SÃO SEMPRE EQUIPADOS COM PNEUS MICHELIN

SHERIFF PRECISA-SE

OS CANDIDATOS PODEM AVALIAR DOS "SAUDÁVEIS" BENEFICIOS DO CARGO, ATRAVÉS DA PELICULA ALTAMENTE ELUCIDATIVA:

SHERIFF PRECISA-SE

— support your local sheriff! —

JAMES GARNER JOAN HACKETT WALTER BRENNAN

HARRY MORGAN JACK ELAM

SÃO JORGE — PROGRAMA 3 — PANK

HOJE ÀS 21.30

ESTREIA

A PARÓDIA DAS PARÓDIAS

12 ANOS

Argumento e produção: WILLIAM BOWERS. realizador: BURT KENNEDY COLORIDO

13.ª SEMANA

HELGA

O SEGREDO DA MATERNIDADE

no Cinema VOX

maiores de 21 anos

LIVRARIA BERTRAND

OS COMEDIANTES

POR GRAHAM GREENE

uma acusação, de tremenda força e eloquência, à mediocridade, agora adaptada para o cinema por Peter Glenville

COLECÇÃO AUTORES UNIVERSAIS

SÉRIE MONUMENTAL — 65$00

TRINDADE

Hoje, às 21,30

CONCURSO DE ARTE DRAMÁTICA ORGANIZADO PELA SECRETARIA DE ESTADO DA INFORMAÇÃO E TURISMO COM A COLABORAÇÃO DA F. N. A. T.

«ANTÍGONA»

pelo Grupo de Teatro dos Estudantes do Instituto Industrial do Porto

(Maiores de 17 anos)

AMANHÃ — «QUANDO A VERDADE MENTE», pelo Moura Martins Sport Clube, de Moura Martins

(Maiores de 17 anos)

Bilhetes à venda no Teatro, aos preços de 10$00, 5$00 e 2$50

RESTAURANTE SNACK O CONVÉS

NUM AMBIENTE DE AGRADÁVEL CONFORTO, A CERTEZA DE UMA BOA REFEIÇÃO

EXPLORAÇÃO E GERÊNCIA DE HOTER

RAUL SOLNADO em «AMOR ÀS RISCAS»

VASCO MORGADO APRESENTA

HOJE, 2 APAIXONANTES SESSÕES

Às 21 horas e às 23 horas

(Adultos)

AR CONDICIONADO TEATRO VILLARET o mais moderno e confortável de Lisboa

UMA HISTÓRIA ONDE SE PROVA QUE AMAR É DIVERTIDÍSSIMO

COM Krefft É LIMPINHO!...

KREFFT • AS FAMOSAS MÁQUINAS DE LAVAR ROUPA E LOUÇA • A MAIS ALTA QUALIDADE ALEMÃ • ASSISTÊNCIA TÉCNICA ESPECIALIZADA

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS: TELVI PORTO LISBOA

A Casa da Imprensa volta a organizar a Grande Noite do Fado

A Casa da Imprensa organiza, de novo este ano, a Grande Noite do Fado. Espectáculo que costuma atrair milhares de espectadores, decorrerá no Coliseu dos Recreios (gentilmente cedido pelo empresário Américo Covões), na noite de 18 de Novembro.

Todos os bairros de Lisboa vão desfilar no maior palco popular da capital. Escusado será salientar as revelações que, mercê da intervenção em anteriores «Noites do Fado», atingiram já os mais altos planos do nosso panorama artísticos. Assim, a Casa da Imprensa pretende que todas as agremiações bairristas se representem na brilhante parada fadista que, a 18 de Novembro, fará confluir ao Coliseu dos Recreios uma multidão ávida de apreciar os melhores fadistas amadores de Lisboa.

ATRÁS DO REPOSTEIRO

- *É muito natural que venha a ser brevemente apresentada em Lisboa a peça de Buchat, «O casamento entre os pequenos burgueses».*
- *Ingressou no elenco da companhia do Nacional a artista Henriqueta Maya.*
- *Ingressou no elenco do Teatro Experimental de Cascais a artista Fernanda Borsati.*
- *A artista Io Apoloni deve participar no desempenho da próxima revista dos Parodiantes de Lisboa.*
- *Após uma larga digressão por Moçambique já regressou a Angola a Companhia Laura Alves.*
- *Os bailados da nova revista do Variedades vão ser dirigidos pelo artista Paulo José.*
- *O Tetro Experimental de Cascais, que foi convidado a fazer uma digressão pela província, deve apresentar, ainda este ano, a peça «A Celestina», com Fernanda Borsati na protagonista.*
- *A peça de James Saunders, «Amanhã, digo-te por música» vai ser apresentada pelo «Grupo 4», composto por João Lourenço, Rui Mendes, Morais e Castro e a jovem actriz Luísa Salgueiro.*

Operações de Bolsa
BANCO DO ALENTEJO

TAUROMAQUIA

A toirada e o fado e os turistas

PARIS, 16 — (A. N. I.) — A revista «Connaissance du Monde», no número agora distribuído, publica um artigo em que elogia a toirada á portuguesa, explicando pormenorizadamente aos seus leitores o que é uma «pega». O articulista considera a toirada á portuguesa e o fado elementos de propaganda nacional, que tem levado a Portugal, de ano para ano, maior número de turistas franceses.

TOIROS NO MONTIJO

DOMINGO, 19 DE OUTUBRO

AS 17.15 HORAS —— M/ 6 anos

GRANDIOSO FESTIVAL COM PICADORES

A FAVOR DA MISERICÓRDIA DO MONTIJO

REAPARIÇÃO DE **JOSÉ LUPI**

6 TOIROS ESPANHÓIS DE CHARCO BLANCO-SALTILLO DE TOLEDO

1 NOVILHO DA SOCIEDADE AGRÍCOLA RIO FRIO

CAVALEIROS

JOSÉ MALDONADO CORTES
JOSÉ LUPI
ANTÓNIO INÁCIO VARGAS
GREGÓRIO MORENO PIDAL

E A REVELAÇÃO DA TEMPORADA

JOSÉ JOAQUIM LUPI

ESPADAS

AMADEU DOS ANJOS

— E —

GREGÓRIO LALANDA

2 GRUPOS DE FORCADOS:

AMADORES DO MONTIJO, de ANTÓNIO SÉCIO
TERTÚLIA TAUROMÁQUICA DO MONTIJO, de JOAQUIM RESTOLHO

VENDA DE BILHETES:

LISBOA, AGÊNCIA ABEP — Tel. 328823
MONTIJO, DROGARIA MODERNA — Tel. 230235

TRANSPORTES ASSEGURADOS PARA LISBOA E ARREDORES DO MONTIJO NO FINAL DO ESPECTÁCULO

CINEMA DE PARIS

«Justine» e Anouk

Justine encontrou sem dúvida a sua encarnação cinematográfica: na face agudamente sensível e trágicamente desesperada de Anouk Aimée vivem os sentimentos mortais da heroína de Lawrence Durrel.

Nela sem dúvida se gera e corre a aventura estranha da venenosa Alexandria — e em ninguém mais a vivencia nos apareceria tão autêntica e tão perfeita. Sem dúvida, o amor e a demanda do desconhecido, o mistério e a fatalidade se definem nos traços angustiados, de desencantada ânsia, daquela que um dia foi «Lola»... Sem dúvida, sem dúvida...

Mas aí se detém o filme de George Cukor. E poderia George Cukor ir mais longe ao substituir Joseph Strick («Ulysses»), já depois da desistência avisada de Mankiewcz?

O «Alexandria Quartet» de Durrell é um dos mais consideráveis romances do nosso tempo, ou, mais exactamente dos anos 50. «Justina» abre a série, como uma introdução bizarra ao universo ambíguo que vai ser vivido mais do que analisado. Nele está tudo — ou nada, que em nada se resume o sentido da obra, na suatotalidade... Descrever esse nada foi o cúmulo da habilidade efabulativa de Durrell; não o de George Cukor. Como aliás era de esperar, dada a estrutura da obra sentimental do velho «routier» de Hollywood.

E então assistimos a curiosos esforços de redução e de reorganização do esquema dramático, perfeitamente aberto, da obra original, tornada decididamente fechada, e falsamente completa.

Para além do fácil jogo do ajustamento das personagens e dos intérpretes (Dirk Borgade é um Pursewarden convincente; Noiret um Pombal aceitável; Ana Karina uma Melissa tocante; Michael York não pode ser Darley), jogo de memória nossa ao serviço dum imaginário idealizado, mais importa observar o filme em si próprio, como possibilidade efabulativa responsável pelas personagens dadas E aí a obra de Cukor falhou — em subtileza, em delicadeza, em inteligência. A «pesquisa sobre o amor moderno» que Lawrence Durrell realizou é fundida em termos antigos através de uma habilidade antiga, onde toda a necessidade metafísica está ausente. A aventura de Justine banalizou-se no filme — ou comercializou-se. E tudo ficou explicado com o fio condutor de uma conspiração política que não é,ou que não pode ser durrellianamente mais do que uma desculpa inacreditada de indiferente solução romanesca. Até ver — ou seja, até que a obra verdadeiramente faça explosão na totalidade sinfónica do «Quarteto».

...Mas em Anouk Aimée podemos, apesar de tudo, amar também Justine, «sensual e cruel» como Alexandria...

J. A. FRANCA

Teatro Maria Matos

ESTAMOS ANSIOSOS POR COMUNCAR CONSIGO.

TALVEZ V. TAMBÉM QUEIRA COMUNICAR CONNOSCO.

TELEFONE DA NOSSA BILHETEIRA: 71 70 17

A ESPERADA INAUGURAÇÃO COM **«TOMBO NO INFERNO»** DE **AQUILINO RIBEIRO** ESTÁ PARA MUITO BREVE.

(ADULTOS)

CASA DA COMÉDIA: «MÁRIO OU EU-PRÓPRIO — O OUTRO»

No teatro de bolso das Janelas Verdes, Rua de São Francisco de Borja, 22, estreia-se, ás 22 horas, hoje, a peça num acto, de José Régio «Mário ou Eu-próprio — O outro», interpretada por Jorge Vale e Vítor de Sousa, com a colaboração de Manuela Machado. A encenação é de Norberto Barroca. Neste espectáculo serão declamados, ainda, poemas de Mário de Sá Carneiro, intimamente ligados á obra que será levada á cena. Ao sábado, matinées ás 16 horas.

Esta peça será representada durante dez dias seguidos sem interrupção. Marcações de lugares pelo telef. 677299, a partir das 18 e 30.

Após esta homenagem a Mário de Sá Carneiro, será reposto o drama «A Dança da Morte», de Augusto Strindberg, com versão portuguesa de Ricardo Alberty e interpretação de Carmen Dolores, Álvaro Benamor e Augusto Figueiredo, a fim de satisfazer inumeros pedidos do público mais directamente ligado á Casa da Comédia.

Espectáculos subsidiados pelo Fundo de Teatro.

No MONTIJO o «DIARIO DE LISBOA» vende-se na Tabacaria Moderna, Rua Almirante Candido dos Reis, 6.

— VOCÊ **ONTEM** LEU... E NÃO ESQUECEU!
— VOCÊ **HOJE** VAI VER...
— E RECORDARÁ PARA SEMPRE!

por quem os sinos dobram

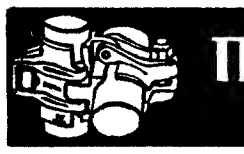
FILMES LUSOMUNDO

TECNICOLOR
M. de 12 anos

com
GARY COOPER
INGRID BERGMAN

AGORA EM
3.ª SEMANA NO MUNDIAL

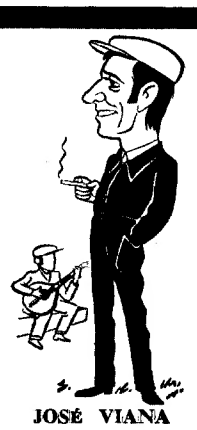
LIVROS DO BRASIL S. A. R. L. TEM À VENDA A EDIÇÃO PORTUGUESA DESTE «BEST SELLER» DE ERNEST HEMINGWAY



MUNDUS
ANDAIMES E BANCADAS

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos.



JOSÉ VIANA na «Voz da Guitarra»

• VÁ HOJE, AO

E DIVIRTA-SE, COM A COLOSSAL REVISTA

ESPERTEZA SALOIA

MARIA VITÓRIA

O triunfo de um grande elenco, com:
● SALVADOR ● JOSÉ VIANA ● MARIEMA
● BARROSO LOPES ● DORA LEAL
A atracção nacional ● HELENA TAVARES — A atracção filipina ● «THE MELODIES»
À frente de uma óptima companhia

● Às 20,45 e às 23 horas

ADULTOS

DOMINGO, À TARDE ÀS 16 H.

Actualidade internacional

AUMENTA A POPULARIDADE DO LABOUR

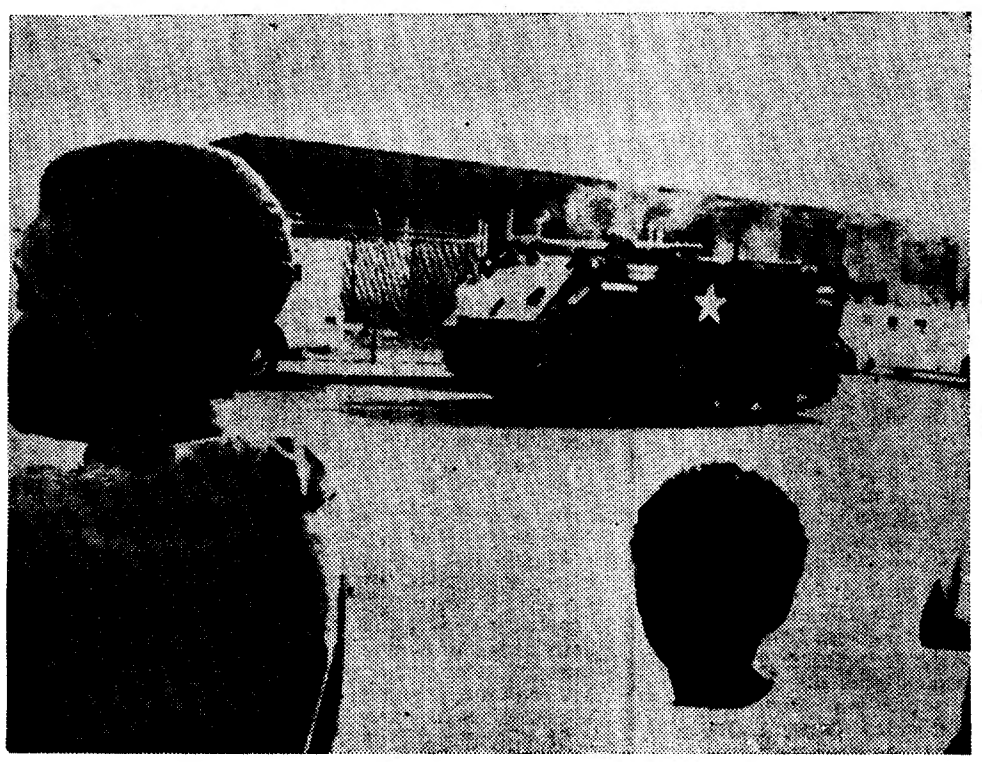
LONDRES, 16 — (F. P.) — Uma sondagem á opinião publicada esta manhã pelo «Daily Mail» confirma a subida de popularidade dos trabalhistas junto dos eleitores britânicos.

Segundo esta sondagem, o avanço dos conservadores sobre o Labour desceu de 18,8 por cento em Setembro para 9,9.

Em caso de eleições gerais antecipadas, os eleitores pronunciar-se-iam do seguinte modo (em percentagem):

— Trabalhistas 39,3 (32,7 em Setembro).
— Conservadores 49,2 (51,5).
— Liberais 7,9 (10,4).
— Diversos 1,7 (1,9).
— Sem opinião 1,9 (3,5).

Por outro lado, o «score» pessoal de Wilson progrediu 5 por cento durante o mesmo período enquanto o de Heath, chefe da oposição, retrocedeu 4 por cento.



TANQUES EM LAS VEGAS — Durante os recentes distúrbios raciais o «mayor» de Las Vegas pediu a intervenção da Guarda Nacional que utilizou tanques na repressão das manifestações. Na foto, vê-se um desses veículos militares percorrendo uma rua da capital do Estado de Nevada

Espera-se que as três Soyuz regressem à Terra

MOSCOVO, 16 — (R.) — O voo conjunto de sete astronautas soviéticos numa «troika» de naves espaciais em órbita terrestre parecia hoje estar prestes a atingir o auge.

As três naves, a Soyuz-6, a 7 e a 8, foram oficialmente indicadas a noite passada como tendo passado a maior parte do dia de ontem em manobras de aproximação de perto, que observadores afirmaram parecer ser um preliminar para uma tentativa de uma operação de junção.

Desde que a primeira das cápsulas, a Soyuz-6, foi lançada no sábado passado e as outras se seguiram a intervalos de 24 horas, fontes não oficiais soviéticas têm previsto uma acoplagem por duas das naves como parte do plano do país para construir uma estação espacial em órbita a longo prazo.

Notícias não oficiais diziam ontem que os voos durariam, pelo menos, até ao fim da semana, havendo muito tempo para uma junção das Soyuz-7 e 8, as quais, segundo se crê, dispõem de capacidades para acoplagem.

As primeiras horas de hoje foi comunicado que as naves voavam em formação chegada, enquanto que os astronautas repousavam, antes de outro dia atarefado, de acordo com o programa, que, como é hábito da política soviética de nunca fornecer informações prévias sobre voos espaciais, não foi anunciado.

Tem-se anunciado oficialmente que a Soyuz-6 não possui equipamento para acoplagem. Contudo, afirmou-se dispor de «novos sistemas» não especificados a bordo, assim como equipamento para soldagem experimental de juntas de metal não desligáveis no espaço.

As conjecturas são que, enquanto as duas naves gémeas se juntam para formar uma estação espacial, a Soyuz-6 podia atracar-se a elas e realizar a operação de soldagem.

Fontes soviéticas não oficiais esperam que todas as três cápsulas regressem á Terra, embora não ponham de lado a possibilidade de algum material não tripulado ser deixado no espaço, de maneira a formar a base de uma estação espacial, que seria construída durante uma série de futuros lançamentos.

SOLDAGEM

MOSCOVO, 16 — (R.) — Na cápsula Soyuz-6, em órbita em torno da Terra, foram efectuadas experiências de soldagem automática — anunciou hoje a agência Tass.

BRASIL

REABRE NO DIA 22 O PARLAMENTO

RIO DE JANEIRO, 16 — (F. P.) — O Parlamento brasileiro, colocado na situação de férias forçadas pelo acto institucional de 13 de Dezembro passado, reabrirá oficialmente no dia 22, nos termos de um acto complementar proclamado pelos membros da Junta Militar.

Um segundo acto complementar convoca o Parlamento, para a eleição do novo presidente da República e do seu vice-presidente, no dia 25.

OJUKWU ACEITA NEGOCIAR

LIBREVILLE, 16 — (R.) — O general Odumegwu Ojukwu, dirigente de Biafra, concordou em negociar sem condições prévias com o Governo da Nigéria, segundo uma carta recebida nesta cidade pelo presidente do Gabão, Albert Bernard Bongo.

Círculos autorizados informaram que a carta foi entregue ontem, em Libreville, pelo enviado de Biafra, «sir» Louis Mbanefo.

No texto, o general Ojukwu sugeria que as conversações fossem acompanhadas de um cessar-fogo, acrescentando que estava pronto a tomar parte pessoalmente nas discussões.

O DIA DA MORATÓRIA

(Continuação da 1.ª página)

Os guardas, em menor número, pediram imediatamente reforços para repelir os negros e pelo menos três deles foram presos e acusados de conduta desordeira.

Algumas pedras e uma garrafa foram atiradas contra um carro patrulha da Polícia quando seguia com um dos homens presos, após o breve recontro junto dos portões. Foi o único disturbio de certa monta que ocorreu na capital americana durante os protestos do Dia da Moratória.

OPINIÃO DE McCARTHY

NOVA YORK, 16 — (R.) — O senador Eugene McCarthy afirmou a noite passada que a moratória do Vietnam era «a unica maneira eficaz que temos de mudar o Governo».

O senador, entrevistado durante um comício do Dia da Moratória no Bryant Park, disse que a Moratória fora a primeira vez que tais manifestações nacionais maciças tinham sido tentadas para modificar a política do Governo.

A opinião contra a guerra representa um círculo eleitoral político para o futuro, acrescentou McCarthy que se recusou a declarar se representaria esse círculo na eleição presidencial, mas acrescentou: «Estou certo de que será para alguém em 1972».

Centenas de milhar — possivelmente mesmo milhões de americanos — surgiram ontem em cidades, vilas e aldeias de todo o país para protestarem contra a continuação do envolvimento dos Estados Unidos no conflito asiático, que já causou a morte de cerca de 40 000 soldados «yankees».

Após o maior protesto coordenado contra a guerra na História americana, os organizadores anunciaram novas manifestações para 14 e 15 de Novembro, a não ser que haja uma mudança da política quanto ao Vietnam.

Educação permanente
—tema de uma reunião da UNESCO em Paris

PARIS, 16. — (A. N. I.) — «Se as sociedades querem fazer frente aos problemas escolares e cumprir as suas responsabilidades na formação dos cidadãos devem, antes de tudo, transformar por completo as ideias quanto á escola e ao ensino» — concluiu o conselho executivo da U. N. E. S. C. O., reunido em Paris para debater a necessidade da educação permanente.

Os peritos reunidos na capital francesa fazem notar que as exigências de educação crescem sem cessar, uma vez que os indivíduos consideram a educação indispensável para atingirem as suas aspirações de cidadania e de profissão. O estadista, o administrador e o pedagogo compreenderam que o fomento e os altos níveis de vida estão dependentes de um eficaz sistema de educação.

Frente a essas esperanças—observa a U. N. E. S. C. O.—, registam-se constantemente em todo o mundo malogros, decepções, mal-estar e protesto dos alunos. É a crise de uma educação, «que foi muito valiosa na transmissão dos conhecimentos entre gerações mas que hoje não pode assegurar ao indivíduo nem á colectividade a preparação para as tarefas que o aguardam no mundo contemporâneo.»

Segundo o subdirector-geral encarregado dos serviços de educação, Carlos Flexa Ribeiro, do Brasil, «o ser humano da segunda metade do século XX não pode ser formado nos modelos de uma escola que teve a sua razão de ser há cem, duzentos ou trezentos anos. A educação não se pode hoje interromper. A própria formação universitária será frágil se não tiver continuação».

OPINIÃO DE SEDOV

O único planeta habitado é a Terra

SANTIAGO DO CHILE, 16 — (F. P.) — «Estou convencido de que o unico planeta habitado é a Terra», declarou nesta cidade o director do programa espacial soviético, Leonid Sedov.

Sedov, que se encontra em Santiago há dois dias, depois de ter assistido á Conferência Mundial de Astronáutica em Buenos Aires, fez esta declaração durante uma conferência de Imprensa destinada a explicar o sentido da missão das três Soyuz. Acrescentou que a União Soviética não pensava enviar um homem á Lua este ano.

A experiência soviética, explicou, tem por fim resolver alguns problemas levantados pela vida e pelo trabalho dos homens no cosmos. Para mais, as estações automáticas espaciais servirão á U.R.S.S. para estudar, nas melhores condições, os planetas Marte e Vénus. A partir destas estações, verdadeiras bases avançadas no espaço, efectuar-se-ão os lançamentos em direcção aos planetas afastados. Depois de ter assinalado o interesse destas estações para o estudo da estrutura dos planetas do sistema solar, Sedov imaginou a criação de grandes navios do espaço, capazes de percorrerem enormes distâncias com vários homens a bordo.

Referindo-se ao interesse comercial das estações espaciais, o orador explicou que estes satélites artificiais permitiriam melhorar consideràvelmente as comunicações, nomeadamente no domínio da Rádio, do telefone e da Televisão.

Interrogado sobre as relações entre os programas espaciais soviético e americano, Leonid Sedov afirmou: «Não se trata duma competição desportiva entre a União Soviética e os Estados Unidos».

Como lhe perguntassem se as diferenças existentes entre os programas soviético e americano não poderiam atrasar a conquista do espaço no seu conjunto, Sedov explicou que teria sido «ilógico» que as duas nações despendessem tanta energia científica, económica e humana «para se copiarem mutuamente».

CONVITE A COSMONAUTAS RUSSOS?

HOUSTON (Texas), 16 — (F. P.) — O coronel Frank Borman, comandante da Apolo-8, que em Dezembro de 1968 girou em volta da Lua, convidou dois cosmonautas soviéticos a visitarem os Estados Unidos, estando a chegada prevista já para a próxima segunda-feira — afirmou ontem o vespertino «Houston Post».

O coronel Borman efectuou uma visita á U.R.S.S. em Julho ultimo.

No centro espacial de Houston recusam-se a desmentir ou a confirmar a notícia. Nenhuma indicação foi dada pelo jornal quanto á identidade dos cosmonautas soviéticos que visitarão os E.U.A.

Contra o D.D.T.

NOVA YORK, 16 — (F. P.) — Trinta biliões de dólares (900 milhões de contos) são reclamados por uma original, em nome da geração e das gerações futuras, aos principais fabricantes norte-americanos do insecticida DDT.

A sr.ª Victor Yannacone intentou uma acção nesse sentido num tribunal federal, argumentando que todos os americanos têm o direito de gozar dos recursos naturais do seu país sem que estes sejam alterados pelo produto químico «biocida e persistente» que é o DDT. A sr.ª Yannacone tenciona entregar aos municípios e ao Governo federal as indemnizações que venha a receber.

Conta Infantil
BANCO DO ALENTEJO

AOS COSTUMES DISSE NADA

TER OU NÃO TER A CHAVE DO CARRO EIS A QUESTÃO...

O sr. Ribeiro estava muito bem descansado em sua casa quando recebeu a dolorosa notícia de haver sido multado. Razão: deixar o automóvel diante da porta de um «stand» de automóveis na Avenida António Augusto de Aguiar. O sr. Ribeiro não pagou a multa. Não pela importância, declara, mas «por uma questão moral». Prefere que tudo se justifique no tribunal.

Ei-lo, pois, presente no Tribunal de Polícia. Não nega o facto material. Deixou, é verdade, o automóvel diante do «stand»; confirmou que o carro, tal como estava, prejudicava o acesso ao «stand». Simplesmente, na altura da transgressão já o sr. Ribeiro não era o dono do automóvel, pois o transaccionara com a firma do estabelecimento em questão. Faz prova da transacção. Conta que avisara o novo proprietário do carro da situação em que o mesmo se encontrava e que ele até dissera: «oh senhor Ribeiro, pode-se ir embora descansadinho, eu vou já mandá-lo tirar.»

O doutor juiz ouve tudo, incluindo os discursos directos, com uma atenção que se aproxima da tensão. Por fim, já de posse de todos os esclarecimentos, declara que, de momento, só lhe falta saber um pormenor, o pormenor essencial: Quem tinha a chave do carro na altura da transgressão?

A chave estava em poder do empregado do «stand» A prova já-la o sr. Ribeiro por meio de correspondência trocada com o proprietário do estabelecimento. Pelo que, provada a não negligência do réu, o resultado do julgamento não podia ser outro: o sr. Ribeiro foi absolvido.

A HIDRO ELÉCTRICA DO CÁVADO COM OUTRAS EMPRESAS DA REDE EI

Sob a presidência do sr. eng.º Nuno de Vasconcelos Porto, presidente da Camara Municipal desta cidade, e em sua representação, reuniu-se em 14 de Outubro, a assembleia geral da Hidro-Eléctrica do Cávado, a fim de deliberar sobre a fusão da Sociedade com a Companhia Nacional de Electricidade, S. A. R. L., a Empresa Termoeléctrica Portuguesa, S A. R. L., a Hidro Eléctrica do Douro, S. A. R. L., e a Hidro Eléctrica do Zezere, S. A. R. L., nos termos do Decreto-Lei n.º 49211, recentemente publicado.

Compareceu elevado numero de accionistas, em representação de caixas de previdência, bancos e de várias actividades do nosso meio industrial e comercial que, no seu conjunto, possuiam ou representavam a quase totalidade do capital social.

Iniciados os trabalhos, usou da palavra o sr. eng. José Albino Machado Vaz, presidente do conselho de administração, que começou por esclarecer a assembleia de que os motivos que determinaram a sua convocação eram da mais alta importancia para a sociedade e para a evolução futura do abastecimento geral do País em energia eléctrica.

E acrescentou: A nova orientação que o Governo decidiu imprimir ao sector da electricidade permitirá, assim se espera, alcançar uma solução técnica económica, social e financeira que melhore, em futuro breve a situação actual.

Embora perfeitamente clara e explícita a ordem do dia da convocatória, que menciona, sem ambiguidades, a decisão fundamental a tomar, e como ela se deverá efectivamente processar para não perder tempo, a que se junta naturalmente o conhecimento que todos os accionistas certamente têm do Decreto-Lei n.º 49 211, até só pelas notícias que a Imprensa oportunamente lhe dedicou, poderia tornar dispensável mais pormenorizada justificação. Mas dada a importancia extraordinária de todas as decisões a tomar entendeu-se conveniente completar com pormenor suficiente, quer para a sua boa compreensão, quer para evidenciar os altos objectivos a atingir.

Em seguida formulou várias e expressivas considerações, focando os diversos aspectos do problema a resolver, e apontando as suas possíveis soluções mediante uma proposta que submeteu á deliberação da assembleia.

Destacamos dessa proposta o enunciado das regras a adptar para que se opere a fusão e ao regime legal dela resultante que será, sem duvida, mais favorável aos interesses dos capitais investidos na Industria da electricidade, quer na produção, quer no transporte a energia. Salientamos a afirmação de que se tenderia para a obtenção do indispensável equilíbrio entre a política tarifária menos onerosa para o consumidor e uma justa remuneração dos capitais aplicados nos investimentos

Manifestaram o seu apoio á proposta da Caixa de Previdência do distrito do Porto e a outras instituições congéneres, o sr. dr. Valentim de Almeida e Sousa e o sr. dr. António do Espírito Santo.

Por fim a proposta mereceu a aprovação por unanimidade de todos os accionistas presentes.

Usou então da palavra o presidente do conselho de administração, sr. eng.º José Machado Vaz, que exprimiu a sua congratulação pela forma civicamente correcta como decorreu a assembleia, o que aliás, está nas tradições da empresa

E a seguir afirmou: as decisões tomadas pela grande maioria dos accionistas serão da maior importancia para o futuro da electricidade portuguesa, continuando os accionistas através da participação que tomarão na nova sociedade a influir nos destinos desta estrutura fundamental da vida da Nação.

E a terminar: A «Hica» não morre, antes rejuvenesse na sua nova modalidade, que aceitou com os olhos postos nos interesses do País e com a satisfação de ter bem cumprido a sua missão nestes 24 anos da sua existência.

Antes de encerrar a sessão o presidente da mesa da assembleia geral, sr. eng.º Nuno de Vasconcelos Porto, pronunciou algumas palavras salientando factos da vida sociedade que em face da decisão da assembleia, serão objecto de fusão com as restantes empresas da rede primária, e disse: quase 25 anos de vida de uma empresa,

UM CENTRO DE FORMAÇÃO DO PESSOAL FERROVIÁRIO

No prosseguimento da sua política de modernização de serviço e de valorização do pessoal, a C. P. inaugura, amanhã, às 16 horas, com uma sessão pública a que preside o ministro das Comunicações e que terá a assistência do subsecretário do Trabalho e Previdência e de altas individualidades ligadas aos sectores do transporte e do trabalho nacionais, o seu Centro de Formação do Pessoal, no Entroncamento.

Para a cerimónia oficial de inauguração da 1.ª fase de construção, que abrange os edifícios de direcção escolar e residencial, um comboio especial com partida de Lisboa-Santa Apolónia, ás 14 e 20, conduzirá até ao Entroncamento os convidados da C. P., que regressarão a Lisboa, ás 20 e 15.

Esta importante obra, consignada no III Plano de Fomento, abrangerá ainda duas outras fases: a 2.ª prevendo a construção de escola de aprendizes e ginásio-auditório, e a 3.ª fase, compreendendo zona de campos desportivos. O custo total da 1.ª e 2.ª fases importará em cerca de 41 mil contos, considerado o equipamento. A área total da zona abrangida pelo Centro é de 150 mil metros quadrados.

Pelo novo Centro deverão passar, em cursos de aprendizagem, formação e aperfeiçoamento, á roda de 4000 agentes, por ano.

Os cursos, já em funcionamento desde o dia 6 do corrente mês, respeitam a pessoal de estação e de acompanhamento de comboios, de condução de unidades motoras, e de oficinas e de via, a nível de execução.

O dr. Manuel Teles preside em Milão a uma reunião de exibidores cinematográficos

Por via aérea, partiu hoje para Milão o sr. dr. Manuel Teles que, na sua qualidade de presidente da União Internacional de Exibição Cinematográfica, ali vai presidir aos trabalhos da assembleia geral daquele organismo.

Para participar na mesma assembleia seguiu, também, o sr. Francisco Correia de Matos, presidente do Grémio Nacional das Empresas de Cinema.

Acaba de sair:

SOCIEDADES ANÓNIMAS

CONCEITOS FUNDAMENTAIS

REGIME TRIBUTÁRIO

pelo Dr. ASSIS TAVARES

1 vol. c/ 680 págs. 150$00

CLÁSSICA EDITORA — RESTAURADORES, 17 — Lisboa

Esgotamento nervoso

Desenho mostrando os filamentos nervosos rodeando uma célula ganglionar.

A quase todos os homens e mulheres muito ocupados chega um determinado momento em que as tarefas do dia a dia se tornam insuportáveis. Elas parecem demasiado difíceis, terrivelmente maçadoras, exageradamente exaustivas.
Esta falta de energia e entusiasmo para encarar o trabalho, podem não ser uma *coisa* passageira como julga. Talvez seja o primeiro sinal de um grave esgotamento nervoso.

Como actua o Sanatogen

A saúde do seu sistema nervoso depende do trabalho eficiente das células nervosas. Quando elas não recebem proteína e fósforo em quantidades suficientes, definham. O crescimento normal do tecido nervoso e o seu funcionamento ficam prejudicados. O Sanatogem ajuda o desenvolvimento de tais células. Fornece-lhes toda a proteína concentrada e fósforo orgânico de que necessitam. Esta acção do Sanatogen, ajuda os «nervos» e desenvolve a sua capacidade. Promove a estabilidade nervosa e ajuda a conseguir um sistema nervoso eficiente.

Recomendado pelos médicos

Mais de 25.000 médicos na Alemanha, Inglaterra e outros países estão a recomendar o Sanatogen. Testes sob controle médico evidenciam que o Sanatogen dá sempre óptimos resultados. Experimente-o no seu caso.

Para todas as formas de «nervos»

Os «nervos» podem manifestar-se de muitas formas: —esgotamento e depressão, insónias, preocupações exageradas, irritabilidade, quebra de energias, cansaço contínuo e até indigestão. Tudo situações que o fazem sentir-se *em baixo de forma.* Sanatogen ajuda-o a recuperar em toda a plenitude a alegria de viver.

Sanatogen

THE PROTEIN NERVE TONIC

diese Produtos Dietéticos, Lda. - Apartado 1382 — Lisboa 1

O FUTURO QUARTEL DOS B. V. DE L.

(Continuação da 1.ª página)

Haverá uma zona destinada a exercícios e uma outra para habitação do pessoal. Finalmente, um clube (ou sala de convívio) proporcionará aos sócios aprazíveis reuniões.

Prevê-se que a construção do novo quartel-sede comece no princípio do ano. O seu custo — calcula-se — andará por uns dez mil contos.

O antigo quartel, no Largo do Barão de Quintela, funcionará como uma secção dos Bombeiros Voluntários de Lisboa.

O general França Borges afirmou que o Município adquiriu já um terreno para a construção do futuro quartel dos Bombeiros Voluntários de Campo de Ourique.

Em três

Foi criada na província de Moçambique, na dependência dos Serviços de Agricultura e Florestais, a Brigada de Fomento Frutícola.

///

Foi considerada de utilidade publica a expropriação de um imóvel para a instalação de um retransmissor da Emissora Nacional em Miranda do Douro.

///

Foram reconduzidos nos

O Município de Lisboa condenou hoje a atitude sueca

A Câmara Municipal de Lisboa aprovou um voto de repulsa pela atitude da Suécia em fornecer assistência moral e material aos rebeldes ultramarinos.

Além disso, o general França Borges afirmou que a Câmara Municipal de Lisboa não adquirirá materiais suecos para quaisquer obras que tenha em curso.

Pretendem vender ouro, pratas ou jóias recebendo o máximo?

GRANDE OURIVESARIA DA MODA

RUA DA PRATA, 257

Pasta Medicinal Couto Evita e trata doenças da boca PORQUE É MEDICINAL

O APROVOU A FUSÃO E ELÉCTRICA NACIONAL

que — qual organismo dinâmico e vivo — teve os seus altos e baixos. Se imparcialmente atentarmos á curva de evolução da sua actividade, nenhum favor lhe faremos ao considerá-la num nível muito acima da média, em termos de nos podermos orgulhar de ter conscientemente contribuído para o progresso do País.

Os accionistas presentes bem podem testemunhar que nunca a empresa se desviou dos seus objectivos que sempre encarou os problemas de frente, não temendo soluções novas.

Mas a projecção e prestígio que alcançou a nossa sociedade não foi obra do acaso. Foi, sim, o resultado de um facto particularmente relevante e obra dos homens que a ela se dedicaram. Trata-se do altíssimo grau a que o espírito de empresa foi guindado no seio da «Hica».

Efectivamente, as sucessivas administrações, de mãos dadas com os quadros do pessoal, na confiança dos accionistas, estruturaram uma empresa que merece o nome. Criou-se uma organização que transcendeu o objectivo material de construir barragens e produzir energia eléctrica, na medida em que o que efectivamente se gerou foi uma comunidade cujos corações pulsaram sempre em uníssono, com noção clara do caminho a seguir para o alcance das sucessivas metas, perfeitamente integradas no interesse nacional. Posso afirmar que todo o pessoal da «Hica» trabalha nesta casa não exclusivamente para obter a justa remuneração que lhe permita uma vida digna, mas também para colaborar de alma e coração na obra em que estávamos empenhados. Gerou-se uma família, hierarquicamente confiante, em que as relações de trabalho sempre se processaram em base de real amizade entre todos.

Vai-se fundir a «Hica» com outras empresas que não conheço em pormenor, mas a apreciação da sua obra permite-nos concluir da sua grande capacidade realizadora e elevado nível técnico. Só a vivência interna que tive na «Hica» me permite apreciá-la no sentido absoluto em que o fiz. Admito que possam ser iguais, não superiores neste aspecto. Assim, levam v. ex.as, senhores mandatários, um pesadíssimo encargo para as negociações da fusão e que ultrapassam a rigidez dos números, ou das convenções, ou dos articulados laboriosos ou das negociações delicadas. Levam v. ex.as o espírito da «Hica» e isso não se escreve nem calcula: sente-se.

Temos assim garantia duma empresa bem humana, consciа de que lhe compete trabalhar com afinco para o bem de Portugal, que instilará permanentemente nos seus servidores, desde o presidente do conselho de administração ao mais humilde trabalhador, o sentido do dever de servir. E' o servir que dignifica o homem, que o faz no sentido superior de se sentir integrado numa comunidade que espera e precisa da sua colaboração. Aí será a fonte da sua justa satisfação pessoal, na humildade inerente a um carácter firme e bem formado.

Uma palavra de agradecimento a todos os administradores da «Hica», do passado e do presente. Uma palavra de reconhecimento a todo o pessoal que passou por aqui ou se encontra a trabalhar na empresa tem inteiro cabimento nesta assembleia geral.

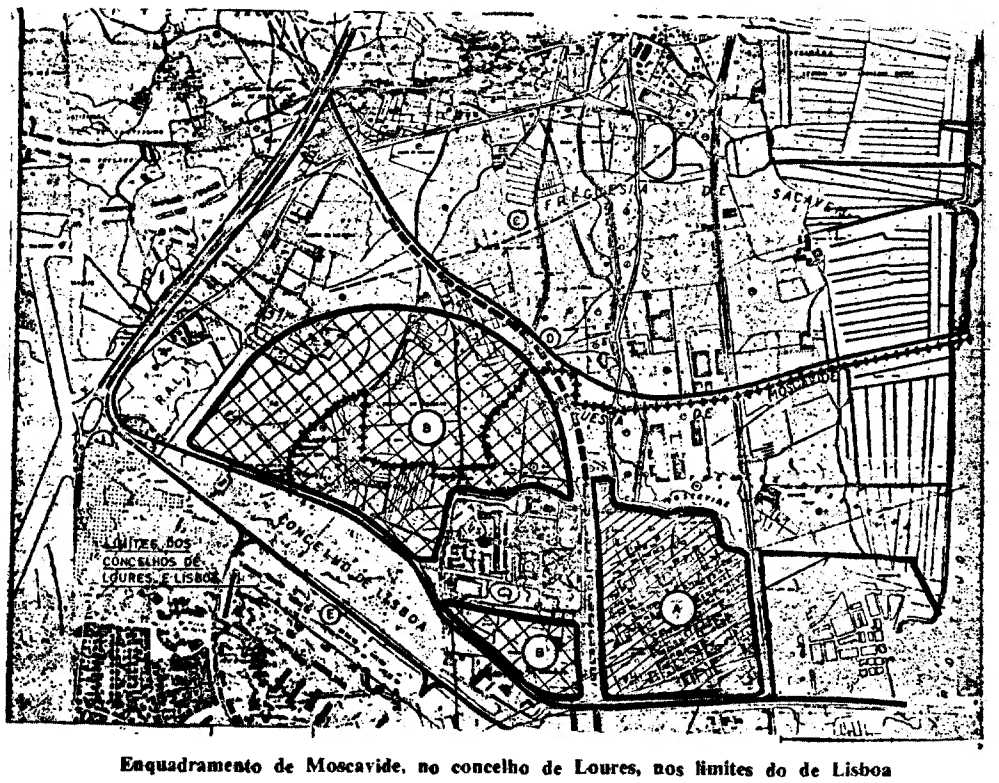
A Camara Municipal do Porto, como presidente desta assembleia geral, encabeça este voto de justo apreço por todos os que na sua vida, duma forma ou doutra, colaboraram devotadamente na empresa que não morre mas que se prolonga em novas perspectivas nas quais pairará, estamos certos, o espírito da Hidro Electrica do Cávado.

três linhas

lugares de presidente e vice-presidente do Município de Ilhavo, respectivamente, os srs. drs. Amadeu Eurípedes Cachim e Alcino da Costa Couto; e nomeado director do Museu Regional e Marítimo o sr. dr. Frederico de Moura.

///

O quadro do pessoal da Faculdade de Letras do Porto foi acrescido de três lugares de professor catedrático e de dois lugares de professor extraordinário, adstritos ao grupo de Filosofia Romanica.



Enquadramento de Moscavide, no concelho de Loures, nos limites do de Lisboa

MOSCAVIDE (A 11 KM DE LOURES) TEM 30 MIL HABITANTES E EXPANDE-SE JÁ PARA SACAVÉM

Para a instalação do novo bairro de Moscavide, a Camara Municipal de Loures, solicitada pela Direcção-Geral de Administração Politica e Civil, sobre o número provável de habitantes da sede do concelho, forneceu os seguintes elementos:

«Os números de habitantes da sede do concelho e do núcleo urbano de Moscavide cifram-se, respectivamente, em 7000 e 30 000. Atendendo a que nas zonas urbanas da periferia é muito frequente a habitação de mais de uma família num só fogo, o critério usado para determinar a população com base no número de consumidores de energia eléctrica justifica a estimativa de 30 000 habitantes para Moscavide. O centro do referido núcleo urbano dista 11 quilómetros da sede do concelho»

Ao mesmo tempo, a Camara Municipal de Loures esclareceu que a expansão do núcleo urbano abrange terrenos pertencentes á Junta de Freguesia de Sacavém.

O Municipio de Loures, como ontem noticiámos, julga necessário o prazo mínimo de seis meses para o estabelecimento do condicionalismo para instalação e funcionamento do Bairro de Moscavide.

Operações de Bolsa
BANCO DO ALENTEJO

Ourivesaria da GUIA
UM NOME NA OURIVESARIA PORTUGUESA
FUNDADA EM 1919
RUA D. DUARTE, 4-B
(Edificio do Hotel Mundial)

CHOCOLATES TAGIDES
BARREIRO · LISBOA · QUELUZ

POSSE DO NOVO DIRECTOR CLÍNICO DO HOSPITAL CONDE DE FERREIRA

PORTO, 16 — Tomou posse do cargo de director clínico do Hospital Conde de Ferreira, o doutor António Fernandes da Fonseca, professor de Psiquiatria na Faculdade de Medicina da Universidade do Porto. Passa assim a ocupar um cargo no qual se destacaram entre outras, as figuras eminentes de António Maria de Sena, Júlio de Matos e Magalhães Lemos.

Investigador de renome internacional na moderna ciência psiquiátrica, o prof Fernandes da Fonseca teve acção relevante na elaboração do Relatório das Carreiras Médicas, documento decisivo no estudo da estruturação da Medicina Nacional.

Pertenceu até há pouco, á respectiva comissão, tendo-se demitido por discordar da orientação segunda pelos actuais corpos directivos da Ordem dos Médicos, orientação essa que influenciou grandemente a recente legislação contrária a autonomia das Faculdades de Medicina.

Esta atitude define a linha de isenção e coerência que caracteriza a carreira universitária e hospitalar do prof. Fernandes da Fonseca.

A cerimónia da posse foi excepcionalmente concorrida, vendo-se, no salão nobre do Hospital, mesários da Santa Casa da Misericórdia, professores e alunos universitários e outras pessoas de todas as categorias sociais, entre as quais magistrados, médicos e advogados.

Das palavras do novo director clínico do Hospital Conde de Ferreira destacamos, pelo seu interesse no campo da assistência psiquiátrica, o seguinte passo: *«Os números que se referem a internamentos e consultas efectuados nesta casa documentam o muito que se tem feito, apesar de todos os condicionalismos que nos são impostos. Todo o problema da assistência psiquiátrica tem de ser revisto. É indispensável remodelá-la desde as estruturas. Colaboração não pode significar absorção ou sujeição, donde a necessidade de uma autonomia descentralizadora que nos permita vencer o actual atraso económico-cultural e técnico que está na base de certos impasses».*

O que V. põe dentro do 17 M faz dele um carro familiar

O que nós pusemos no 17 M faz dele um carro de performance

CIESA-NCK 5-18

2 e 4 portas e Station

Ford à frente

Ford

À SUA DISPOSIÇÃO NOS CONCESSIONÁRIOS FORD EM LISBOA

STAND MODERNO Av. Fontes Pereira de Melo, 15-A - Telef. 4 96 69 — R. João Saraiva, 15 (Alvalade) - Telef. 71 10 66 • LINCURI Av. da República, 32-A - Telef. 77 70 91

O primeiro dia de aulas do Curso de Formação Artística na Sociedade Nacional de Belas-Artes

Os antigos e novos alunos do Curso de Formação Artística, promovido pela Sociedade Nacional de Belas-Artes, compareceram, hoje de manhã, á abertura das aulas, que foi assinalada com uma prelecção de boas-vindas do arquitecto Manuel Tainha.

O curso, que foi iniciado em 1965, registou este ano a inscrição de 16 alunos para o 1.º ano, menos quatro do que no ano passado. No 2.º ano estão inscritos 10 alunos. É predominante a frequência de raparigas, tanto no 1.º como no 2.º ano. Ao todo são 19 raparigas para sete alunos do sexo masculino.

Os directores do Curso, arquitecto Manuel Tainha e dr. Adriano de Gusmão, rodearam-se de nomes conhecidos e prestigiosos no nosso meio artístico para leccionar as diversas disciplinas. Destacamos entre eles o pintor Sá Nogueira, que partilha a Educação Visual com Fernando Conduto; arquitectos Rodrigo Ollero, Geometria; Serra da Silva e Daciano Costa, Comunicação Visual e Design; além dos drs. Rui Mário Gonçalves, História de Arte; José Blanc de Portugal e Ferreira de Almeida, Sociologia da Informação; José Augusto França, Sociologia da Arte; e Morais Sarmento, Comunicação Visual. O arquitecto Manuel Tainha ministrará Noções de Arquitectura.

O curso tem por objectivo criar profissionais de Artes Gráficas ou Design de interior.

Saul de Carvalho, aluno do 3.º ano, disse-nos:

— *Já estou a trabalhar em publicidade e penso com este curso valorizar-me profissionalmente. Continuar e fazer o melhor em publicidade.*

Quanto a Ana Filipe Amaral Neto, aluna do 2.º ano, pretende especializar-se em Design. Acabado o curso, tenciona fazer um ano de estágio no estrangeiro e depois talvez numa fábrica.

SINDICATO DOS ELECTRICISTAS

Foram recentemente homologados e já tomaram posse os novos corpos gerentes do Sindicato Nacional dos Electricistas do Distrito de Lisboa, assim constituídos:

Assembleia geral: Manuel da Silva Araujo; Hélio Pinto Pinheiro e Luís Alberto Pereira Moreira. *Direcção* — João Baptista Antunes; Francisco Gonçalves Machado; Luís Oliveira Santos; Bernardo Baptista Vardasca e secção regional da Madeira. *Conselho fiscal* — Francisco de Carvalho; Francisco Dias Rosa e Alípio Ribeiro. *Conselho disciplinar* — Fernando Gomes de Sousa; José Maria dos Santos Silva; Fernando Rodrigues Duarte; Casimiro Ferreira Morais e Jorge Gonçalves Morais da Silva.

Guilhermina Duarte Filipe de Oliveira Pinto

FALECEU

Ricardo Machado de Oliveira Pinto, Arnaldo Filipe de Oliveira Pinto, Amância Maria de Oliveira Pinto e filhos, Branca Machado, Eulália Duarte, Maria Duarte, Leonilde Duarte e mais família, participam que Deus chamou á Sua Divina Presença a sua muito querida mulher, mãe, sogra, avó, nora, irmã, cunhada, tia e parente e que o funeral se realiza amanhã, pelas 10 horas da Igreja de S. João de Deus para o cemitério do Alto de S. João.

AGÊNCIA BARATA

JOSÉ ANTÓNIO ALÉN RIVEIRO

Missa do 1.º aniversário

Seus pais e mais família participam que será rezada missa pelo seu eterno descanso, amanhã, pelas 9 h., na Igreja de S. Mamede. Agradece a todas as pessoas que se dignem assistir a este piedoso acto.

Medidas do Senegal nas fronteiras da Guiné Portuguesa

DAKAR, 15 — (F. P.) — O presidente Leopold Sedar Senghor referiu-se, perante o conselho de ministros senegalês, á «situação ao nível das fronteiras com a Guiné dita Portuguesa». O comunicado, publicado após o reunião do conselho, precisa que o Chefe do Estado tomou «medidas destinadas a melhor garantir a segurança das populções nas zonas limítrofes». Constituíu um grupo de trabalho «encarregado de estudar no local a aplicação destas medidas». «O chefe do Estado, prossegue comunicado, afirmou com energia que nenhuma parte do território nacional senegalês poderia ser controlado por forças estrangeiras». O comunicado não dá qualquer indicação sobre a natureza das medidas tomadas.

Bolsa de Lisboa

FUNDOS DO ESTADO	Efec.	Compra	Venda
Consolidado 4 3/4%	518$	—	518$
Consolidado 3%	540$	—	540$
Consolidado 3 1/2%	635$	634$	—
Centenários 4%	—	1.490$	1.500$
Obrigs Tesouro 5%	—	—	1.000$
Externo 1.ª Série	—	—	760$
Externo 1.ª Série e.	—	830$	—
Externo 3.ª Série	—	746$	—
Externo 3.ª Série e.	—	880$	890$
Cautelas 3.ª Série	—	160$	170$
OBRIGAÇÕES			
Aguas Lisboa 5%	—	—	490$
A. P. T. 5% 56	—	—	—
A. P. T. 5% 58	935$	—	940$
C. P. 4 1/2% 65	—	—	—
C. P. 5 1/2% 67	—	980$	—
C. U. F. 6%	998$	990$	998$
C. U. F. 6% 68	—	1.000$	—
Gás Elect. 4% 48	820$	790$	820$
Gás Elect 4 1/2% 51	—	800$	880$
Gás Elect 5% 52	—	—	890$
Gás Elect 5% 58	—	—	—
Gás Elect 5% 59	—	—	—
Gás Elect 5% 62	—	910$	940$
Gás Elect 5% 63	—	910$	—
Gás Elect 5% 65	—	910$	—
Gás Elect 6% 67	—	1.013$	—
H. E. A. Alentejo 5%	—	820$	830$
H. E. Cávado 5%	—	—	—
H. E. Cávado 6%	1.008$	1.007$	1.010$
H. E. Douro 5%	810$	—	815$
H. E. Douro 6%	1.007$	—	1.010$
H. E. Norte Port 5%	—	—	—
H. E. S. Estrela 6%	—	995$	999$
H. E. Zêzere 5% 55	—	—	840$
H. E. Zêzere 5% 57	840$	835$	845$
Lisnave 6%	—	—	1.020$
Metropolitano 4%	890$	890$	895$
Metropolitano 5 3/4%	—	1.000$	1.005$
Moçambique 5%	—	775$	—
Nac. Electr. 5%	835$	830$	835$
Nitratos 5%	790$	785$	795$
Nitratos 5% 60	—	—	810$
Petroquímica 5%	—	—	860$
Port. Celul. 5%	—	950$	—
Sacor 5% 54	—	—	—
Sacor 5% 60	—	—	—
Siderurgia 5% 2.ª	—	—	—
Siderurgia 5% 3.ª	—	—	—
Siderurgia 5% 4.ª	—	—	830$
Sonefe 5%	845$	835$	850$
T. A. P. 4%	—	950$	960$
Termoelect. Port. 5%	—	800$	820$
U. E. P. 3 3/4%	—	84$	—
U. E. P. 4%	—	85$	86$
U. E. P. 4 1/2%	—	—	—
U. E. P. 5%	—	82$5	83$
U. E. P. 5% 60	—	—	—
U. E. P. 5% 63	—	—	—
ACÇÕES			
Bancos			
Agricultura	1.575$	1.576$	1.579$
Alentejo	885$	880$	890$
Angola	3.190$	3.180$	3.200$
Burnay	—	—	—
Créd. Predial	3.910$	3.910$	3.920$
E. Santo	—	—	20.000$
E. Santo n.	—	—	—
Fonsecas S. p.	—	20.000$	—
L. & Açores p.	—	7.100$	7.200$
L. & Açores n.	—	—	—
P. Atlântico p.	6.440$	6.435$	6.445$
Portugal n.	—	3.220$	—
Portugal p.	—	4.300$	4.400$
Totta Aliança	—	6.300$	—
Ultramarino n.	2.840$	2.835$	2.850$
Ultramarino p.	3.170$	3.160$	3.170$
Seguros			
Alentejo	—	74$	75$5
Douro	—	1.400$	—
Mundial	680$	670$	670$
Sagres	—	1.450$	1.600$
Tranquilidade	—	47.500$	60.000$
Ultramarino	—	15.000$	30.000$
Ultramarinas			
Açúcar de Angola	—	855$	860$
Ag. Cossequel	860$	855$	865$
Ag. Incomati	—	1.980$	—
Ag. Neves	—	—	—
Ag. S. Tomé e Príncipe	—	—	300$
Boror	—	—	—
Buzi	89$	89$	89$5
Cabinda	230$	225$	233$

Ultramarinas	Efec.	Compra	Venda
Diamantes Angola	2.092$	2.092$	2.098$
H. E. Revué	600$	595$	605$
Ilha do Príncipe	—	—	1.000$
Moçambique	195$	194$	195$
Sonefe n.	—	—	—
Sonefe p.	405$	405$	410$
Zambézia	93$5	93$	94$
Angolano	—	—	—
C.ª Diversas			
Cidla	7.700$	7.650$	—
Cim. Leiria	4.050$	4.020$	4.100$
Cim. Tejo	—	6.050$	6.100$
Col. Navegação	1.560$	1.560$	1.570$
C. U. F.	1.440$	1.440$	1.480$
Ind. Aliança	—	—	—
Nac. Navegação	—	—	—
Petroquímica	2.260$	2.250$	2.270$
Port. e Colónias	—	1.460$	1.500$
Port. Celulose	—	4.600$	4.700$
Port. Pesca	1.300$	—	1.300$
Port. Tabacos	775$	773$	777$
Sacor	—	—	4.800$
Siderurgia Nac.	1.651$	1.650$	1.652$
Sonae	2.950$	—	2.970$
Tabacos de Portugal	—	1.550$	1.570$
Tabaqueira	8.500$	8.450$	8.500$
U. F. Azoto	860$	855$	865$
Aguas. Electr. e Gás			
Aguas Lisboa p.	—	405$	425$
Aguas Lisboa 34	—	425$	440$
Aguas Lisboa 36	395$	395$	400$
Eléct. Beiras	—	1.650$	1.730$
Gás Electr.	426$	426$	427$
H. E. Alto Alentejo	160$	159$5	160$
H. E. Cávado	—	1.250$	1.253$
H. E. Douro	1.247$	1.247$	1.248$
H. E. Norte Portugal	320$	320$	325$
H. E. S. Estrela	—	—	1.800$
H. E. Zêzere	1.280$	1.280$	1.290$
Nac. Electricidade	1.260$	1.255$	1.260$
Termoeléctr. Port.	1.247$	1.245$	1.248$
U. E. P.	—	—	—
FUNDOS DE INVESTIMENTO			
F. I. Atlântico	—	194$4	200$2
F. I. D. E. S.	—	120$5	124$1

ÍNDICE BORGES & IRMÃO

COTAÇÃO DAS ACÇÕES (Base: Dez. 65 100)

	9/10/69	15/10/69	16/10/69
GERAL	141,8	142,3	**142,3**
METRÓPOL	136,4	136,6	**136,7**
ULTRAM.	181,5	183,7	**183,6**

PAISES	Compras	Vendas
Africa do Sul:		
— Rands de 1 e 2	36$00	38$00
— Rands de 5 a 20		
América:		
— Dollars de 1 a 2	28$35	28$75
— Dollars de 5 a 1000	28$55	28$95
Canadá — Dollar	26$20	26$70
Alemanha — Marco	7$50	7$85
Áustria — Schilling	1$08	1$15
Brasil — Cruzeiro Novo	5$20	1$20
Espanha — Peseta	$40	$41,5
Holanda — Florim	7$80	8$10
Inglaterra — Libra	68$00	70$00
Itália — Lira	$04,4	$04,65
Bélgica — Franco	$52	$56
França — Franco	4$80	5$30
Suíça — Franco	6$60	6$80
Marrocos — Dirham	4$50	5$10
Dinamarca — Coroa	3$70	4$00
Noruega — Coroa	3$90	4$20
Suécia — Coroa	5$40	5$70
Ouro:		
Inglaterra — Libra Isabel	310$00	325$00
Inglaterra — 1/2 Libra	255$00	275$00
Ouro fino — Barra	37$50	39$00

J. BURNAY, L.DA — Notas estrangeiras — Papéis de crédito — Tel. 321273 — RUA DO OURO, 72

INCÊNDIO NA CASA DO PESSOAL DA CIDLA

Na Rua Duque de Palmela, 37 (no prédio de gaveto com a Rua Braamcamp) declarou-se esta manhã incêndio que não assumiu grandes proporções mas fez reunir (a cautelosa distancia) uma pequena multidão.

O sinistro ocorreu no segundo andar direito, nas instalações da Casa do Pessoal da Cidla (Centro de Alegria no Trabalho n.º 479) e entrou na fase de rescaldo pelas 10 horas.

— *Creio que tudo começou pela combustão de papéis, provàvelmente porque surgiu um curto-circuito ou havia pontas de cigarros que não estavam apagadas* — disse-nos o coronel Cansado, primeiro comandante do B. S. B. que, auxiliado pelo major Conceição, dirigiu o combate ao fogo.

— *O prédio está seguro na «Tagus»* — afirmou-nos o seu proprietário, sr. Alberto Baptista, que não escondia o aborrecimento pelo ocorrido.

No andar onde se declarou o incêndio existe uma biblioteca particular, no valor de 600 contos, que nada sofreu; porque duas «magirus», dois nani Cidade, presidente do Conselho Supremo da Liga, pronto-socorros, um auto-chefe e três carros com material de apoio acorreram prontamente ao sinal de alarme, dado pela proprietária de uma loja de antiguidades que, cerca das 9 horas, viu fumo a sair do prédio e logo alertou o Batalhão de Sapadores Bombeiros.

Quando o acidente entrava na fase de rescaldo e os bombeiros (de máscara anti-gás) removiam os escombros, surgiram duas carrinhas com o piquete da P. S. P. mas a sua intervenção não foi necessária.

HOMENAGEM DA LIGA DOS COMBATENTES AO SEU FUNDADOR

A Liga dos Combatentes faz hoje 46 anos. Nas cerimónias comemorativas do aniversário, destaca-se o descerramento na sede de um busto de João Jaime Faria Afonso, fundador da Liga e seu secretário geral até 1966. O busto, da autoria de Leopoldo de Almeida, será descerrado hoje, pelas 18 e 30, pelo filho do homenageado, capitão Faria Afonso. Usará da palavra o professor Her-

ABC Cineclube

O ABC Cineclube de Lisboa leva a efeito amanhã (18 e 40), no cinema Lys, uma sessão com o filme «*Os devassos*», de Eliot Silverstein. Na sexta-feira há na sede do mesmo cineclube um colóquio sobre a ultima película de Alain Resnais exibida em Portugal: «*Amo-te, Amo-te*».

EM TRÊS LINHAS

O eng.º electrotécnico João Manuel Gaspar Caraça foi contratado para assistente de 2.ª classe do Laboratório de Física e Engenharia Nucleares da Junta de Energia Nuclear.

///

Foi publicado o regulamento do Serviço de Ababstecimento de Água do Concelho da Vila da Feira.

PALESTRA NO CLUBE DOS PUBLICITÁRIOS

Para reinício das suas actividades, o Clube dos Publicitários promove, hoje, ás 21 e 30, mais uma reunião de convívio, tendo como convidado o sr. Eurico da Fonseca.

Durante a reunião, serão projectados dois filmes sobre a Apolo 11, gentilmente cedidos pela Embaixada dos Estados Unidos. O comentário aos filmes será feito pelo conhecido especialista de astronáutica Eurico da Fonseca, que apresentará e explicará ainda, e pela primeira vez em publico, um modelo reduzido da cápsula Apolo, com cerca de metro e meio de altura.

O orador será apresentado pelo dr. Ramiro da Fonseca.

O VAZIO DA SOCIEDADE MODERNA

(Continuação da 3.ª página)

o dizem, dizem-no também muitos adultos á minha volta. Queixam-se continuamente. Não são felizes. A droga cria estados patológicos? Mas que estado haverá que não seja patológico?

A droga permite a evasão. Evasão do meio-ambiente. Evasão de si mesmo. A luta contra a droga passa por ser a luta contra a necessidade de evasão. Se desejamos fugir dos outros, é talvez porque nunca aprendemos a ver quantas alegrias podiam nascer para cada um de nós da alegria a outros levada. Se desejamos fugir de nós próprios, é porque sentimos em nós um vazio, é também porque acreditamos que a interrogação e a duvida geram necessàriamente o mal-estar, se não o sofrimento.

Não se trata de pregar que a descoberta de si próprio, a descoberta de outrem, sempre inacabadas, são apaixonante empreendimento. Não se trata de dizer «é tudo mau, mas o futuro será melhor porque vocês, vocês hão-de fazê-lo melhor». Trata-se de comunicar um calor que se possui, alegrias que se sentem. Todos os educadores de verdade o sabem bem. Esses, por exemplo, que nos lares de liberdade semivigiada julgam que a melhor terapêutica para os jovens delinquentes é o convívio com antigos pensionistas que se tornaram homens felizes. Felizes de ser e felizes de fazer.

Num meio-ambiente onde a recriminação e as queixas se si próprio, numa sociedade que, á força de «desmistificação», nos convida a julgá-la detestável e vazia, composta de pobres seres, sem realidade própria, como não haveria a droga de parecer particularmente sedutora para escapar a este mundo de pesadelo, para fugir deste vazio que nos quiseram fazer sentir em nós e em volta de nós?

NOVAS BIBLIOTECAS MUNICIPAIS

Amanhã, ás 15 e 30, no âmbito das comemorações que vão ser realizadas pela Câmara Municipal de Lisboa para celebrar mais um aniversário da tomada da cidade aos mouros, o general França Borges procederá á distribuição, no Palácio Galveias, de 20 novas bibliotecas, constituídas por cerca de 6200 livros de formação moral e espiritual, recreativos e de divulgação histórica e científica.

TV dia a dia

HOJE PODE VER ...

O Jogo da Vida: «Incidente em Berlim»

«The Name of the Game», no título original, é uma das novas séries da actual programação da R. T. P. Consta de 24 episódios, de duas horas de duração cada um, aproximadamente divididos em três grupos de oito. Os principais intérpretes são Gene Barry (que vimos na semana passada), Tony Franciosa e Robert Stack (o famoso Eliot Ness dos «Intocáveis». Cada um destes actores interpreta 8 episódios, o que não impede que se reunam num só filme, dois destes actores.

Como vimos anteriormente, nos dois capítulos já apresentados, Gene Barry é Glenn Howard, o dono da mais importante cadeia de jornais e revistas inteiramente dedicado aos seus negócios, sem contudo desprezar as coisas belas da vida.

Tony Franciosa (que estreia a série) é o jornalista mais importante do semanário «Peolce» cuja missão, que se impôs, é a luta contra o crime. Crimes e mulheres, jogo duplamente perigoso que Jeff Dillon (Tony Franciosa) alegremente persegue...

Finalmente, Robert Stack é Dan Farrel o director de um jornal da cadeia Howard, dedicado ao êxito jornalístico. E é um inimigo declarado do crime. Sua mulher morreu assassinada.

Por alguma razão, os três contracenam em quase todos os episódios com uma bela actriz que é Susan Saint James.

No filme desta noite, a exibir pelas 22 e 10, Gene Barry é o heroi em «Incidente em Berlim», história de espionagem, passado nas duas zonas da cidade dividida

Gene Barry personificando o editor de uma cadeia de jornais e revistas em luta contra o crime e corrupção nos E. U. A.

Totobola

Artur Agostinho apresenta os seus prognósticos para o próximo domingo futebolistico na rubrica-orientadora «Vamos jogar no Totobola», que vai para «o ar» cerca das 20 e 15.

Esperemos uma melhor sorte, já que, na anterior semana não se registou um unico totalista. nem mesmo com 12...

MÚSICA PORTUGUESA

Cerca das 20 e 55 é transmitido em recital de música Portuguesa com Vasco Barbosa (piano) e Grazi Barbosa (violino) que interpretarão sonata para violino e piano de Ruy Coelho. A realização é de Alfredo Tropa.

Rádio

PROGRAMAS DE HOJE

EMISSORA — 1.º Programa — 451 m — 665 kc/s — Às 16: Noticiário; 16 e 05: Luz no horizonte; 16 e 30: Que quer ouvir?; 17: Noticiário — Ginástica de pausa, pelo dr. Marques Pereira: **Programa da tarde** — Canções do Nosso Tempo; 17 e 25: A orquestra de...; 17 e 35: Do Choupal á Lapa; 18: Sinal Horário — Noticiário — Resumo do programa; 18 e 10: Programa da mulher, por Maria Emília Cancela de Abreu e Judite Navarro; 18 e 40: Musica e sonho; 19: Sinal horário — Noticiário regional — Cartaz dos Espectáculos 19 e 45: Rádio rural; Musica só musica; 20: Sinal horário — Diário Sonoro — Boletim Meteorológico; 20 e 20: Resumo do programa — Solistas ligeiros; 20 e 40: 14.º episódio do Folhetim «O Grande Industrial»; 21: Jornal de Actualidades; 21 e 30: O pianista Claude Bolling; 21 e 40: Canções de Portugal; 22 e 30: Orquestras e conjuntos; 23: Noticiário e Boletim Meteorológico; 23 e 05: Programa da noite; 00: Noticiário — Programa da noite; 0 e 50: Ultimas notícias — Resumo do Programa; 1: Hino Nacional — Fecho

2.º Programa — 397 m — 755 kc/s — Às 16 e 30: 1.º e 2.º actos da ópera «Tosca» (Puccini) — 18: Musica do século XX — Obras de compositores polacos; 19: Crítica literária, pelo dr. João Bigotte Chorão; 19 e 10: Folclore português — Musica da Beira Alta recolhida por Artur Santos (gravações cedidas pela BBC); 19 e 25: Musica de piano; 20: Diário Sonoro; 20 e 20: Musica instrumental; Orquestra Sinfónica de Viena dirigida por Paul Walter; 20 e 30: Parte de um concerto de musica sacra, realizado na Igreja do Seminário Patriarcal, em Santarém, pelo Grupo Coral Alfredo Keil do Círculo Cultural Scalabitano e pelo coro feminino dos Lares Andaluz, S. António e Instituto Nossa Senhora dos Inocentes. Direcção do maestro Américo Vieira; 20 e 45: Solos de Harpa; 21: Musica de Câmara; 21 e 30: Panoramas da história, pelo dr. João Ameal; 21 e 50: Duas Sonatas para flauta e cravo; 22 e 20: Poemas sinfónicos; 23: A Voz do Ocidente; 1 e 15: Fecho.

MF 2 — 94,3 mc/s — Às 23: Musica de piano; 23 e 30: Intercâmbio musical — Festival de Viena; de 1969 — em gravações cedidas pela Radiodifusão austríaca; 0 e 30: Abertura «Scherzo e final op. 52 (Schumann) — Orquestra «Gewandhaus de Leipzig» dirigida por Franz Knowitschny; 1: Fecho.

Rádio Universidade — Às 19 e 10: Abertura; 19 e 15: Recital; 19 e 35: Noticiário; 19 e 45: Fecho.

RÁDIO CLUBE — 290,13 m — 1034 kc/s — Às 16: Programa C. D. C.; 18: Ela e o seu mundo; 18 e 15: Canções ao acaso; 18 e 30: Lisboa á tarde; 19 e 15: No mundo aconteceu, 19 e 30: Rádio-Jornal; 20 e 07: Momento ABC; 20 e 12: Conjuntos vocais; 20 e 30: Jornal dos espectáculos; 20 e 45: Rádio Placard; 21 e 03: Diálogo; 21 e 09: Portugal de hoje; 21 e 32: Impacto; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 08: Musica tradicional e palestra religiosas; 23 e 22: Grande rodo; 0 e 02: «P. B. X.»; 2: Contacto; 3 e 02: A noite é nossa; 6 e 02: Diário rural — 7 e 03: Talismã.

Modulação de frequência — 97,4 mc/s — Às 16 e 04: Programa C. D. C.; 17 e 57: O nosso programa; 19 e 04: Em órbita; 21 e 02: Boa noite em FM; 22 e 02: Programa á Gô-Gô; 0 e 02: Em órbita-dois; 1 e 03: Banda Sonora; 2: Fecho.

Emissor de Miramar — 383,6 m — 782 kc/s — Às 16: Programa C. D. C.; 18: Depois do chá; 18 e 30: Ela e o seu mundo; 18 e 45: Matinée teatral; 19 e 03: Miscelânea, 19 e 20: Robbialac; 19 e 35: Estudio 64; 20 e 10: Norte dia a dia; 21 e 02: Orquestra; 21 e 15: Só-Rádio; 21 e 45: Francisco e Ernesto; 22 e 03: O Santo; 22 e 15: Cristo para todas as nações; 22 e 30: Presença coimbrã; 23 e 04: Clube da Juventude

Rádio Renascença — 233,2 m — 1286 kc/s — Às 16: Radioroma; 18: Cartaz musical das Américas; 18 e 30: Terço e bênção da Basílica dos Mártires; 19 e 05: Musica seleccionada 19 e 30: Página um; 20 e 55: Meditando; 21: Variedades; 21 e 30: Artistas portugueses; 21 e 45: Musica da orquestra de James Last; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Pentagrama; 22 e 45: Musica variada; 23: A 23.ª hora; 2: Fecho.

Estação do Porto — 256,6 m — 1169 kc/s — Às 16: Radioroma; 18: Uma orquestra; 18 e 30: Terço da Basílica dos Mártires, em Lisboa; 19 e 05: Musica seleccionada; 19 e 30: Página um; 20 e 55: Meditando; 21: Mosaico; 21 e 30: Chamadas musicais; 22: Auditório; 23: A 23.ª hora; 2: Fecho.

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA — Onda média — 188 m — 1594 kc/s — 94,4 mc/s — **Rádio Peninsular** — Das 7 ás 8 e das 12 ás 14 e 30 — **Rádio Voz de Lisboa** — Das 10 e ás 12 e das 19 e 30 ás 22 — **Clube Radiofónico de Portugal** — Das 8 ás 10 e das 22 ás 2 — **Rádio Graça** — Das 14 e 30 ás 19 e 30.

ESTUDANTES!
3.º CONCURSO ESCOLAR DE PINTURA E DESENHO
CISNE
RECEPÇÃO: ATÉ 31 MARÇO 70

PROGRAMA DE HOJE

I PROGRAMA — Às 19 e 30: Telejornal; 19 e 45: «Uma Garota Endiabrada»; 20 e 15: Totobola; 20 e 25: Portugal africano; 20 e 55: Musica portuguesa; 21 e 30: Telejornal; 22: Portugal de hoje; 22 e 10: Série de aventuras; 23 e 40: Marcha do Mundo; Meditação e Fecho.

II PROGRAMA — Às 21 e 30: Telejornal

TELEVISORES GRUNDIG

AMANHÃ — **I Programa** — Às 14 e 40: Ciclo Preparatório TV; 19 e 30: Telejornal; 19 e 45: **Desenhos Animados**; 20 e 10: Cartaz TV; 20 e 25: Parada da Industria; 20 e 55: «Casei com uma Feiticeira»; 21 e 30: Telejornal; 22: **Portugal de Hoje**; 22 e 10: Estudio C, com Paulo de Carvalho; 22 e 25: **Departamento** «S»; 23 e 30: Marcha do Mundo e Fecho.

II Programa — Às 21 e 30: Telejornal; 22: Portugal de Hoje; 22 e 5: Noite de Cinema — «A Loja do Esquina»; 23 e 50: Fecho.

TUDOR
pilhas para transistores

UMA GAROTA ENDIABRADA

Pelas 19 e 45 é transmitido o 3.º episódio da série juvenil «Uma Garota Endiabrada» (no original «Pippi Langstrunpf») que vem merecendo a admiração dos espectadores a quem se dirige.

Neste 3.º episódio, «Pippi anda á procura de coisas e vai a uma festa». É convidada por Anica e pelo seu irmão Tommy. A festa é em casa destes. Mas Pippi habituada a fazer tudo quanto quer e apesar de toda a sua boa vontade não consegue evitar uma série de peripécias que torna a festa em casa de Tommy e Anica um verdadeiro pandemónio. E Pilli conclui, com pesar, que nunca poderá vir a ser uma senhora educada. O melhor será tornar-se pirata...»

II PROGRAMA ZIP-ZIP

O popular «Zip-Zip» ocupa toda a emissão do II Programa, repetindo-se, pelas 22 e 05, a 17.ª edição desta produção de Raul Solnado, Fialho Gouveia e Carlos Cruz.

canal da crítica

TUDO FALSO, INCLUINDO AS NOTAS

Novo, terrível vendaval de violência voltou a vibrar uivos vergonhosos no vídeo. «Brigada especial», a série dos três jovens que trabalham na polícia americana em condições não de todo ainda esclarecidas, descreveu-nos como três «franguinhos» conseguem levar à certa um galo galarós do mundo do crime o qual, ele só, pensou (e conseguiu...) apoderar-se de uma furgoneta que transportava cerca de 17 mil contos com destino a um banco. O tal galo, ele só, apenas ajudado por um grandalhão e estupidão (como convinha...) consegue fabricar aquela importância em notas falsas e com tal perfeição que o banco só daria pela tramóia passados 6 (seis) meses...

A fita não deixa de pôr os próprios *hippies* ao serviço da repressão do crime, primeiro, utilizando uma furgoneta pintada com as palavras e símbolos *hippies* etc.; e depois servindo-se de um automóvel povoado de *hippies* para perseguir o criminoso e falsificador de notas.

Afirma-se que esta série alcançou grande êxito nos Estados Unidos. As massas americanas estão sujeitas a uma tão poderosa máquina de embrutecimento que o facto não me espanta. Aliás sempre que em qualquer parte do Mundo se utilizarem os mesmos processos, obter-se-ão idênticos resultados.

COM (?) VIEIRA DA SILVA

Teve inegável actualidade a reportagem á exposição de Vieira da Silva, que se inaugurou em Paris no dia 24 de Setembro. De igual modo amplamente se justificava a entrevista com a grande pintora que nasceu portuguesa e que, por naturalização, se tornou francesa em 1966.

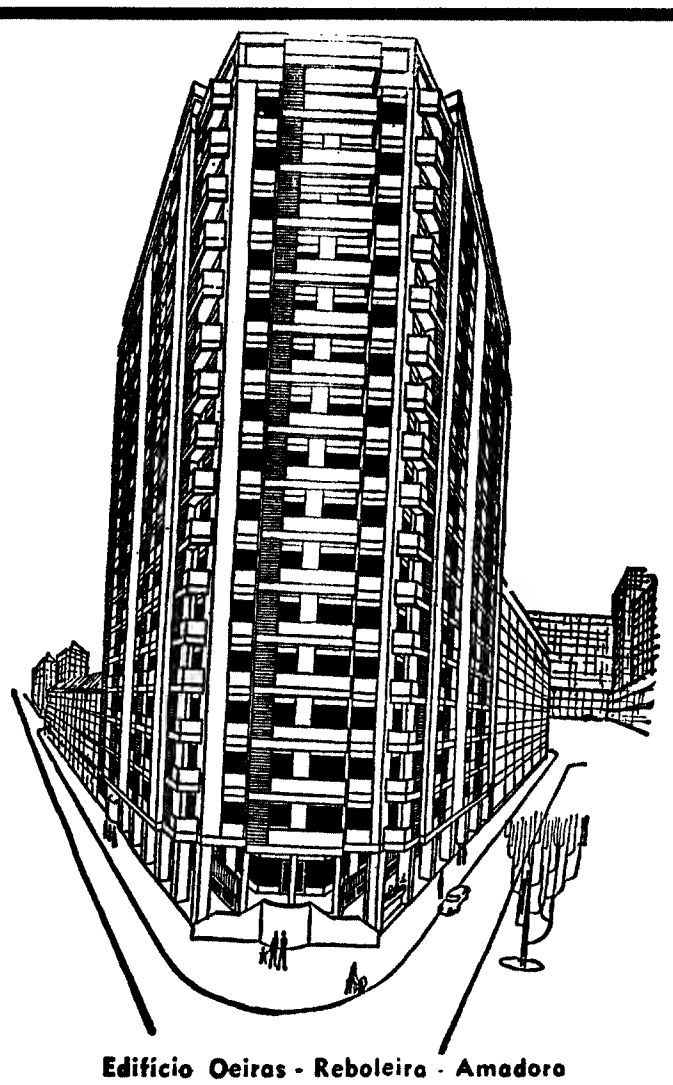
Uma e outra coisa se justificavam igualmente se nos lembrarmos que a exposição das obras de Vieira da Silva virá a Lisboa, suponho que em Maio. A complexidade dessa obra exigia fosse iniciado, desde já, um colóquio á maior escala possível — á escala, portanto da Televisão. Exigia que em contacto com a obra e o artista estivesse alguém cujo discernimento e conhecimento dos fenómenos artísticos inspirassem confiança.

Infelizmente, tal não aconteceu. Foi José Augusto, correspondente da Televisão portuguesa em Paris, quem se encarregou da tarefa. Poucas situações têm impressionado tão desfavoràvelmente na programação da TV como esta de ver alguém palavroso debitar banalidades precisamente naquele instante em que a maior contenção aconselhável. Sobretudo na entrevista, José Augusto sobrepôs as suas declarações, comentários e sugestões ás do artista. O seu palavreado insignificante quebrou o que era ali mais significativo: o silêncio da artista, o seu lento arquitectar da expressão.

Felizmente, a câmara esta-

(Continua na pág.ª seguinte)

PIANOS
VERTICAIS E DE CAUDA
ALUGAM-SE
Estabelecimentos
VALENTIM DE CARVALHO
Comércio e Industria, S. A. R. L. — 95, Rua Nova do Almada, 99 — LISBOA



Edifício Oeiras - Reboleira - Amadora

Edifício Oeiras

Este edifício será o maior do Distrito de Lisboa. Comportará cerca de 200 fogos

compre a sua habitação neste edifício e quando ele estiver concluído terá em frente um Parque Desportivo equipado com piscina

J. PIMENTA, S. A. R. L.

assegura-lhe um rendimento de 6 a 10%, durante 6 e até 18 anos, à escolha do cliente, garantido por escritura pública

MORADIAS

Encontra V. Ex.ª em Paço de Arcos moradias de luxo prontas a habitar.
Em Cascais moradias tipo turístico e em degrau.

MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO:
Azulejos nacionais e estrangeiros

Plásticos para revestimentos de paredes e tectos. Ferragens e ferramentas. Loiças sanitárias, tintas e máquinas para construção civil. Toda a gama de materiais de construção, electrodomésticos, utilidades para o lar, novidades em artigos domésticos, flores e apetrechos para jardins encontra V. Ex.ª aos mais baixos preços nos estabelecimentos da Organização J. PIMENTA, na Amadora, na Av. Santos Matos e em Queluz na Rua D. Maria I n.º 30, junto às estações de caminho de ferro respectivas.

3.000 CLIENTES DAR-LHE-ÃO AS MELHORES REFERÊNCIAS

Propriedades à venda em: Reboleira, Amadora, Venda Nova, Paço de Arcos, Parede, Cascais e Lisboa ● **Apartamentos em exposição em Reboleira, Amadora, Paço de Arcos (Espargal) e Cascais (por detrás do Hotel Baía)**

LISBOA — Rua do Conde Redondo, 53-4.º, Esq.º — Tel. 4 58 43 - 4 78 43

QUELUZ — Rua de D. Maria I, 30 — Telef. 95 20 21 - 95 20 22 **REBOLEIRA — Amadora — Serviço Permanente — Telef. 93 36 70**

canal da crítica

(Continuaç.º da pág. anterior)

va ali para captar a vertigem das mãos, a inquietação dos olhos num rosto aparentemente tranquilo. São estas as imagens que ficam na memória dos olhos. A dos ouvidos, essa, há muito perdeu a enxúndia vocabular do entrevistador-cachimbo-em-grande-plano.

NOITE DE TEATRO

Não há dúvida que se trata de uma obra-prima de Tchekov. Uma simples anedota, uma graça, um divertimento, iamos a dizer: uma peçazinha para entre família, ou para o grupozinho muitamador lá do sítio.

Claro que o génio de Tchekov não podia ficar espartilhado totalmente pela vulgaridade da historieta nem mesmo pela imitação de si próprio. É certo que a reminiscência de «Os malefícios do tabaco» é muito evidente neste «Trágico á força». Mas de súbito, dentro da própria cidadela anedótica, surge o pormenor, a expressão, o ângulo descoberto que tanto nos comovem no Tchekov «a sério».

Jayme Valverde, muito preocupado com o postiço, não nos deu, desta vez, a interpretação cuidada em extremo dos «Malefícios». O seu trágico á força teve pouca «força» de trágico. A intenção «cómica» de certos risos e sorrisos parecia não estar nas contas de Tchekov. Este quereria um trágico mesmo, um trágico com todos os matadores, que desse, pelo excesso da «tragédia», como que a exacta perspectiva da tragédia autêntica, que desse pela aproximação da loucura, a medida da falhada lucidez.

Na tradução de Correia Alves, aliás correcta, o pobre, sacrificado marido, que em Tchekov era «funcionário», passou a ser «conselheiro». O mais curioso da história é que talvez o tradutor não seja culpado.

MÁRIO CASTRIM

ASSISTÊNCIA TÉCNICA ESPECIALIZADA
RÁDIOS E ALTA FIDELIDADE A TRANSISTORES
Rua Rodrigo da Fonseca, 31, 1.º Telef. 43464 — LISBOA

Há sempre um lugar desconhecido... que espera por si.
QUINTA DAS ÁGUIAS — EM ELVAS
Telef. 245
AVENIDA DE BADAJOZ

FERGUSON
A GRANDE MARCA BRITÂNICA DE TV

Não há lugar para mais alunos das 5.ª e 6.ª classes na escola da Murtosa

MURTOSA, 16 — Estão em funcionamento normal as escolas primárias deste concelho, que abrangem as 5.ª e 6.ª classes do curso complementar.

Na Escola da Murtosa funciona também um curso misto das 5.ª e 6.ª classes; e, além dos alunos nela matriculados, há mais 18, que não frequentam esse curso, visto que o lugar misto existente já não pode comportar mais alunos. Aguarda-se, portanto, que sejam tomadas providências urgentes, no sentido de ser criado mais um lugar para as 5.ª e 6.ª classes na referida escola e que seja nomeado um professor, para que aqueles alunos não sejam prejudicados.

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

6.ª VARA

ANÚNCIO

Anuncia-se por este que pela 1.ª secção de processos desta Vara, sita no Tribunal do Príncipe Real, corre a dilação de 30 dias, contada da segunda e última publicação do presente, citando a requerida MARIA RAQUEL DOS SANTOS TEIXEIRA CORREIA, casada, ausente em parte incerta e cuja última residência conhecida foi na Estrada de Telheiras, n.º 68, desta cidade de Lisboa, para, no prazo de 5 dias, findo o da dilação supra indicada, contestar, querendo, o pedido do benefício da assistência judiciária que contra ela move seu marido Alfredo dos Anjos Correia, segundo sargento de Engenharia, residente no Largo da Luz, Colégio Militar, desta cidade de Lisboa, que consiste no patrocínio gratuito e dispensa do prévio pagamento de custas, a fim de intentar a competente acção de separação de pessoas e bens com fundamento nas alíneas a), e), f) e g) do artigo mil setecentos e setenta e oito do Código Civil, como melhor consta da petição inicial, cujo duplicado fica patente na secção para lhe ser entregue quando solicitado.

Lisboa, 6 de Outubro de 1969.

O Escrivão de Direito,
(a) **Joaquim Estêvão Dionísio**

Verifiquei a exactidão.

O Presidente da Comissão,
(a) **Fausto Redondo Pinheiro**

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos.

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE MONTEMOR-O-VELHO

ANÚNCIO

Faz-se público que em 6 do corrente mês de Outubro, foi proferida sentença declarando a morte presumida de José Caldeira, nascido em 17 de Fevereiro de 1881 na freguesia de Carapinheira, desta comarca, filho de Manuel Caldeira e de Teresa Costa, casado com Maria Maia, com última residência conhecida no lugar de Casal Novo, freguesia de Meãs, desta mesma comarca, fixando a data da morte em meados de 1908 e declarando ainda como únicos e universais herdeiros do referido José Caldeira, os autores António Góis e Maria Caldeira, proprietários, residentes no dito lugar de Casal Novo, e isto nos autos de acção especial (Declaração de morte presumida e sucessão de bens) em que são requerentes os referenciados António Góis e mulher Maria Caldeira.

Montemor-o-Velho, 8 de Outubro de 1969

O Juiz de Direito,
José Miranda Gusmão de Medeiros

O Escrivão de Direito,
Vicente Gaspar Espiguinha

COMBÓIOS ESPECIAIS PARA MILITARES

Comunica-nos a C. P. que os horários dos combóios de e para Braga, Monção, Régua, Fafe e Porto (S. Bento), em ligação aos combóios especiais para militares em circulação entre Lisboa e Porto (Campanhã), são alterados desde o dia 12 do corrente.

O pormenor destas alterações consta do cartaz-horário afixado nas estações onde pode ser consultado pelos interessados.

PRÉDIO NOS RESTAURADORES

FACILITAM-SE 10 ANOS
18.000.000$00

Próprio para escritórios de grande Empresa, entregando-se os andares vagos. Tem 3 pisos podendo aumentar-se mais 6. Belíssima aquisição. Trata e mostra a

NORTENHA

Praça da Alegria, 58-2.º — elef. 362228-366731-366812

DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO

NOTAS À MARGEM

GANHAR NA DERROTA

Agora que já se fizeram todos os devidos lamentos acerca do malogro da selecção portuguesa na sua tentativa de chegar á fase final do campeonato do mundo, vamos ver o que se perdeu com isso e, até, se é possível encontrar em tal derrota algumas vantagens.

Foi pena, isso foi. Lembremos, porém, para consolo dos mais desolados com esta brusca transição da glória do 3.º lugar para a ausência pura e simples, que pior ainda aconteceu á selecção da Checoslováquia.

Finalistas no Chile em 1962, derrotados apenas na final com o Brasil, os checos não conseguiram, quatro anos depois, classificar-se para o «Mundial» de Inglaterra. E no entanto, os seus jogadores, as suas equipas, continuaram a ser das mais apreciadas na Europa do futebol. E lembremos, ainda, que países com maiores tradições no jogo e com mais elevado numero de praticantes, também já se despediram das esperanças de ir ao México. Por exemplo: a Espanha (quem vai lá são os belgas) e esse «viveiro» de artistas do futebol que é a Argentina (eliminada no Grupo em que se classificou... o Peru!).

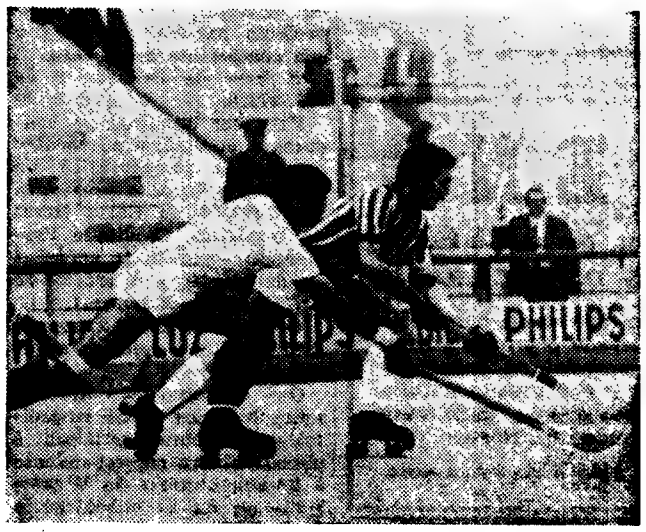
Esta coisa de se encontrarem bons companheiros na «desgraça» sempre reconforta um bocadinho. E, como se vê, não foi tragédia nenhuma, nem é caso para que os nossos futebolistas se sintam envergonhados, pois são ainda eles quem pode entrar no mercado comum do desporto á altura de desafiar a concorrência. Nas outras modalidades, e salvo o caso especial do hóquei em patins que só tem verdadeira popularidade na província ibérica, basta olhar aos resultados e estamos conversados.

Parece que nem será excesso de boa vontade encontrar na derrota algumas vantagens, embora não cheguem para anular a decepção geral. Que vantagens? Pois as de deixarmos de estar fascinados pela cupula dourada, libertando a atenção para olhar mais detidamente a pobreza do nosso edificio desportivo. Os brilharetes da selecção, as vitórias do futebol, tinham precisamente esse «contra» de distrair muito boa gente, que nunca verdadeiramente terá atentado no resto, e o resto é paisagem.

Com a derrota, vamos ver se ganhamos alguma coisa.

MÁRIO ZAMBUJAL

Acontecimentos DE ONTEM



Com a sua vitória sobre o Oeiras, a equipa do Benfica colocou-se no comando do «Regional» de hóquei em patins

HÓQUEI EM PATINS

O BENFICA VENCEU O OEIRAS

Disputaram-se, ontem, cinco jogos em atraso do campeonato de hóquei em patins, da Associação de Patinagem de Lisboa, cujos resultados foram os seguintes:

Benfica, 3-Oeiras, 2
Salesiana, 5-Belenenses, 2
C. Ourique, 2-C. U. F., 2
Parede, 2-Sintra, 1
Física, 2-P. Arcos, 5

O Benfica, mercê do triunfo alcançado, logrou isolar-se no primeiro lugar. Todavia, o Paço de Arcos em face do êxito obtido em Torres Vedras, tornou-se um «vizinho incomodativo» para o «leader». O mesmo, porém, pode referir-se quanto à C. U. F., que, ontem, terá deixado, em Campo de Ourique, um ponto que não contaria desperdiçar...

Temos, portanto, um final de competição empolgante, com quatro equipas ainda de olhos postos no ambicionado triunfo final.

A classificação está assim estabelecida:

	J.	V.	E.	D.	G.	P.
BENF...	20	15	1	4	107- 46	51
P. Arcos	19	15	—	4	101- 49	49
C. U. F.	19	13	4	2	61- 36	49
Oeiras...	20	13	3	4	83- 45	49
Cascais..	21	10	2	9	77- 64	43
C. Our.	20	9	1	10	77- 85	39
Sporting	21	8	2	11	64- 79	39
Sintra....	22	5	6	11	65- 81	38
Salesiana	21	6	3	12	60- 75	36
Parede...	19	6	3	10	41- 58	34
Belenens.	21	5	3	13	65-114	34
Física....	21	2	2	17	53-120	27

BASQUETEBOL

O Regional da 1.ª divisão

A contar para o Campeonato Regional de Basquetebol da 1.ª Divisão, o Moscavide venceu o Liberdade por 26-16.

Conta Juventude
BANCO DO ALENTEJO

Sob as vistas do árbitro Oliveira Pinto, o sportinguista Oliveira Duarte é burlado pela «finta» de Praia

«RESERVAS»: BENFICA, 3 - SPORTING, 2

A vitória «encarnada» justificou-se na 2.ª parte

• Irregulares os dois primeiros golos — um de cada equipa

A contar para o torneio de reservas da A. F. Lisboa, Benfica e Sporting disputaram ontem à noite um encontro que, como é de tradição, arrastou ao Estádio da Luz alguns milhares de adeptos dos dois clubes reduzidos pela perspectiva, sempre apaixonante, de um despique renhido e emotivo.

Venceu o Benfica, o que está certo, especialmente pelo futebol desenvolvido no segundo tempo. O resultado de 3-2, diga-se desde já corresponde, sem dúvida, á fisionomia do encontro, embora se possa considerar que cada uma das equipas marcou um golo a mais, exactamente os dois primeiros, ambos obtidos em lances de nítido fora de jogo.

O Sporting foi o primeiro a marcar, aos 18 minutos, e esse tento, cuja irregularidade não deixou dúvidas a ninguém, tendo provocado os mais vivos e justificados protestos do clube benfiquista, podia ter decidido o desfecho da partida. Os «leões», que vinham a revelar maior rapidez e melhor coligação de movimentos esquemáticos em grande parte favorecidos pelo desacerto do sector intermédio do adversário, atingiram o intervalo com esse golo de vantagem.

Mas no segundo tempo o panorama modificou-se sensivelmente com a substituição de Calado por Matine e o Benfica passou a oferecer réplica mais firme, ao mesmo tempo que se dava uma quebra no ritmo do futebol «leonino», por evidente fadiga dos seus homens-chave».

E veio assim o empate, logo ao cabo dos primeiros dez minutos. A partir daí foi ainda mais notória a melhoria do Benfica que passou a atacar com mais insistência e agressividade, pondo algumas vezes em sobressalto a defensiva contrária, embora integrada de elementos de boa craveira. E foi numa súbita «tabelinha» entre Abel e Raul Águas, que este colocou a sua equipa á frente no marcador, com o golo mais espectacular do desafio. Decorrido um minuto Abel, depois de bom trabalho de Nené, elevou o «score» para 3-1, e, ao entrar-se no quarto de hora final, o Sporting reduziu a diferença numa jogada de insistência de Celestinoque fez o golo num remate de «bicicleta» com culpas para o guarda-redes estreante Fonseca, o qual se pôs a chamar a atenção do árbitro para o que lhe parecia ser jogo-perigoso, em vez de tentar a defesa.

Aproveitamos para acrescentar que a estreia do ex-leixonense Fonseca na baliza dos «encarnados»» não decepcionou e que Raul Águas e Matine foram os seus companheiros mais em evidência.

No Sporting salientaram-se Carvalho, José Carlos e Manuel Duarte.

A arbitragem de Oliveira Pireto teve muitas falhas, mas as mais gritantes foram os «off-side» que originaram os dois primeiros golos.

As equipas alinharam:

BENFICA — Fonseca; ex-leixões), Fernandes, Messias, Marques e Cruz; V. Martins e Calado (Matine); Praia, Abel, Raul Águas (Pavão) e Nené.

SPORTING — Carvalho, Celestino, Caló, José Carlos e Manaca; Dani e Orlando; M. Duarte, Juvenal (Ernesto), Chico e O. Duarte (Panhufa).

GUITA JUNIOR

Classificação actual:

	J.	V.	D.	G.	P.
Benfica	2	2	—	6-2	4
Sporting	2	1	1	5-5	2
Belenens. ...	2	—	2	2-6	—

Nesta primeira volta o Benfica jogou no Restelo e na Luz, o Sporting disputou ambos os seus jogos nos campos dos adversários, ao contrário do Belenenses que de ambas as vezes actuou em «casa».

DESPORTO UNIVERSITÁRIO

Voleibol (feminino) e basquetebol

Na sede do Centro Desportivo Universitário de Lisboa estão abertas as inscrições para os sócios que queiram praticar basquetebol, realizando-se ás 18 horas, ás 2.as, 4.as, 5.as feiras o sábados.

Também está aberta a inscrição para alunas liceais e universitárias que queiram praticar o voleibol, realizando-se os treinos no pavilhão do C. D. U. L. ás 3.as e 5.as feiras, das 18 á,s 20 horas, sob a orientação do professor Dario Fernandes

O FUTEBOL EUROPEU A CAMINHO DO MÉXICO

Disputaram-se ontem alguns jogos da fase de apuramento para o Campeonato Mundial de Futebol que se realizará no próximo ano, no México.

Foram os seguintes os resultados verificados: Suécia-França, 2-0; Espanha - Finlândia, 6-0; Dinamarca-Irlanda, 1-1; Grécia-Suiça, 4-1; e Russia-Turquia, 1-0.

A Suécia e a Bélgica estão já apuradas.

HOJE À NOITE

ANDEBOL — Campeonato de Lisboa da II Divisão: Vendedodes de Jornais-Oriental, ás 20 e 30; Boa Hora-Encarnação, ás 21 e 45; e C. I. F.-Madre de Deus, ás 23, no Pavilhão da Tapada da Ajuda.

Reunião dos corpos gerentes da Associação de Lisboa, ás 21 e 30.

BILHAR — Campeonato de Lisboa de 2.ª categoria (3 tabelas), na Associação dos Amadores de Lisboa, ás 21.

FUTEBOL — Jantar de homenagem ao árbitro setubalense Ismael Baltasar, no salão de festas do Clube Desportivo Pinhal-Novense, ás 20 e 30.

RÁGUEBI — Curso de árbitros na sede da Federação, ás 21.

TÉNIS DE MESA — Torneio internacional no Pavilhão Gimnodesportivo da F. N. A. T., no Cartaxo, ás 21 e 30.

No Porto

BILHAR — Campeonato Regional de Tabelas (3.as Categorias) — Fase final: Jogos a partir das 21 h. na sala do Leixões Bilharista.

FUTEBOL — Campeonato de Reservas da A. F. P. — Série B — Penafiel-Avintes (21 e 30), no campo de S. Pedro da Cova; Tirsense-Rio Ave (20 e 30) e Aves-S. Pedro da Cova (22 e 15), no campo do Salgueiros.

TÉNIS DE MESA — Torneio Aniversário do F. C. do Porto — Cultural das Antas (B)-F. C. do Porto (B) e Dragões Valboenses (B)-Acad. do Bonfim. Jogos a partir das 21 e 15, na sala do F. C. do Porto.

DIVERSOS — Na Associação de Andebol do Porto — Às 21 e 30, sorteio dos jogos para o «Regional» de reservas.

NATAÇÃO

Cursos de Inverno do Clube N. de Natação

Reservadas aos sócios do Clube Nacional de Natação, encontram-se abertos na secretaria do clube, Rua das Gaivotas 2 (ao Conde Barão), as inscrições nos cursos de Inverno, de aprendizagem de natação que se efectuarão na piscina Municipal coberta e aquecida, da Av. de Roma e têm início no próximo dia 1 de Novembro.

Os cursos compreendem classes de ensino elementar e aperfeiçoamento para crianças a partir dos 7 anos, e adultos de ambos os sexos.

CAMPEONATO NACIONAL DE FUTEBOL

(1.ª DIVISÃO)

CUF-BENFICA

Domingo, 19 de Outubro

A C. P. organiza, em colaboração com o Sport Lisboa e Benfica, um comboio especial de Barreiro a Lavradio, e volta, em ligação ás carreiras normais entre Lisboa (Terreiro do Paço) e Barreiro, no dia 19 de Outubro, por ocasião do desafio de futebol «CUF-BENFICA», ao preço de 10$00.

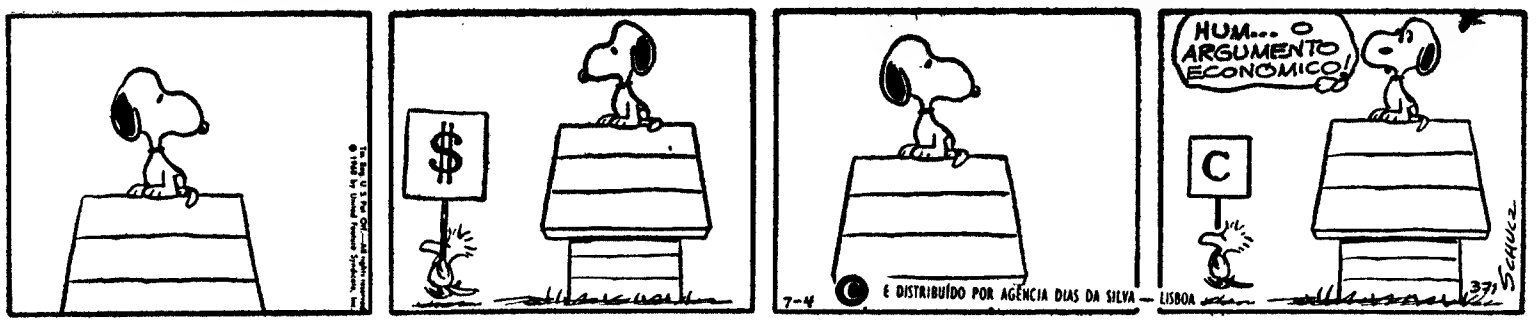
HORÁRIO

Partida de Lisboa

(Terreiro do Paço)	13-15
Chegada a Lavradio	14-10
Partida de Lavradio ...	18-00
Chegada a Lisboa (Terreiro do Paço) .	18-55

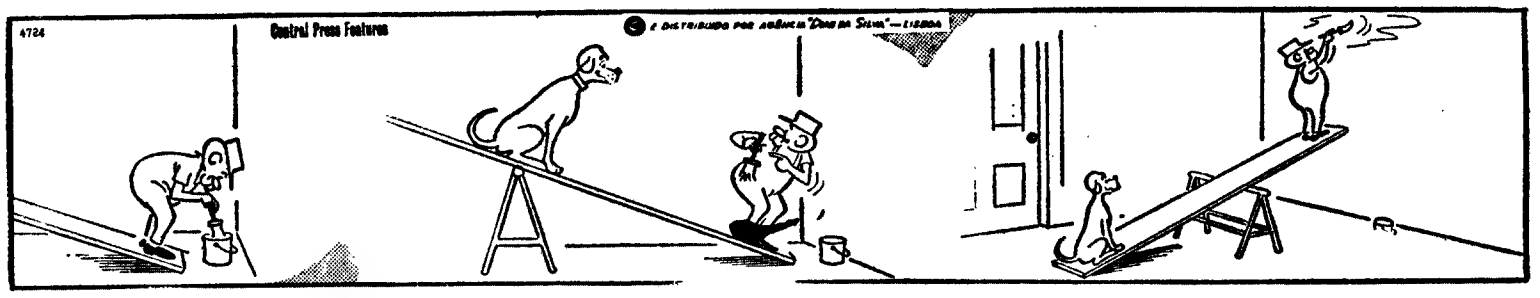
Bilhetes á venda na Secretaria do «Sport Lisboa e Benfica» e nas estações de Lisboa (Rossio) e Lisboa (Terreiro do Paço).

Os Peanuts



Carol Day

Aventuras do Tio Carlos



Palavras cruzadas

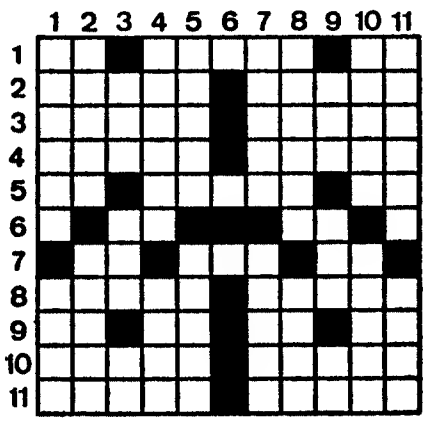
(COM PROVÉRBIO)

PROBLEMA N.º 5329

HORIZONTAIS: 1 — Amónio (s. q.). Causar amuo a. Preposição latina que designa movimento. 2 — O mesmo que sobreiro. Feche. 3 — Cidade do antigo Egipto. Despachas. 4 — Equipar. Capricho. 5 — Aqui. Cobres. Átomo (abrev.). 6 — Palavra latina pela qual começam muitos documentos pontifícios de interesse para Portugal (Inv.º). Prefixo que designa afastamento. 7 — Platina (s.q.). Bigorna de ourives. Preposição. 8 — Muito próximo. Equipam. 9 — Interjeição de dor. Caminhar. Letra grega. Troça. 10 — Vaguear. Respeito. 11 — Multidão. Cures.

VERTICAIS: 1 — Colunia. Aquele que. 2 — Chilena de cordovão. Desgastara por fricção. 3 — Virtude. Prende. Reis. 4 — Natural de Arma. Fechas as asas para descer mais depressa. 5 — Trituraria. Planeta em que habitamos. 7 — Termina. Carraças. (Fig.). 8 — Confere. Opulenta. 9 — Escarnecer. Virtude. Viração. 10 — Ave trepadora. Nome dum planeta. 11 — Liberta. Dás mios.

Resolveu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5328

HORIZONTAIS: 1 — Aviar. Damas. 2 — Destacareis. 3 — Mau. A. Ada. 4 — Reinado. 5 — Am. Mal. Cá. 6 — Zarco. Iodar. 7 — As. Nas. Sr. 8 — Travais. 9 — Mil. Rum. 10 — Marcassemos. 11 — Araós. Amaia.

VERTICAIS: 1 — Ad. RAZÃO. Má. 2 — Vem. Mas. Mar. 3 — Isar. TIRA. 4 — Atue. Rico. 5 — Rã. Imana. As. 6 — Cana. Avis. 7 — Dá. Aliso. Sá. 8 — Arad. O. Irem. 9 — MEDO. Suma. 10 — Aia. Cãs. Moi. 11 — SS. Barra. Sá.

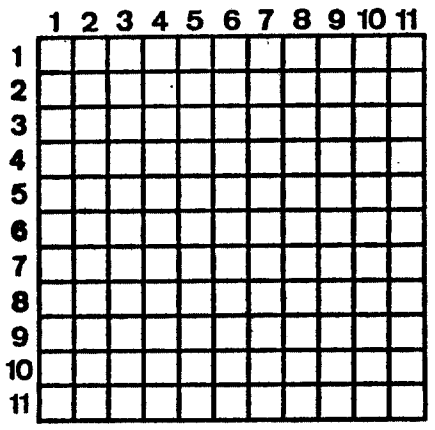
Provérbio: A RAZÃO TIRA O MEDO.

(NOVA MODALIDADE)

PROBLEMA N.º 9172

HORIZONTAIS: — Parte interior do navio para conter cargas. Assassinam. 2 — Lavrem. Recrutamento. 3 — Pelos de certos animais. Pronome possessivo. Troçar. 4 — Nota musical. Carimbar. Antes de Cristo. 5 — Deste modo. Nome de pássaro. 6 — Letra grega. Pronome reflexo. 7 — Utensílios domésticos. Uma das Espórades. Chefe etíope. 8 — Artigo definido (ant). Fruto do mamoeiro. Bismuto (s. q.). 9 — Versejar. Macias. 10 — Tombara. Solta trinos. 11 — Equipas. Gorgulhos tropicais.

VERTICAIS: 1 — Folha de palmeira. Nome de peixe. 2 — Verbais. Harmonizar. 3 — Rente. Senhores. Pronome pessoal. 4 — Antes do meio dia. Fecho as asas para descer mais depressa. Mamífero roedor. 5 — Possui. Rostos. 6 — Um dos pontos cardeais. Merecimento. 7 — Medida de líquidos usada na Alemanha, Holanda e Suíça. Pula. 8 — O mais. Rente. Metal precioso de cor amarela. 9 — Possuir. Ver. Senhor em inglês. 10 — Despachar. Ventarola. 1. — Nome dum mês. Imposto de transmissão (pl.).



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9171

HORIZONTAIS: 1 — Camas. Fadar. 2 — Amar Málaga. 3 — Sul. Orto. Um. 4 — Sagas. Irado. 5 — Arão. Ia. Aal. 6 — Sonso. 7 — Pás. Ra. Reis. 8 — Aroma. Bisca. 9 — Re. Avia. Tal. 10 — Calcam. Cada. 11 — Arias. Furos.

VERTICAIS: 1 — Cassa. Parca. 2 — Amuar. Arear. 3 — Malga. Sá. Li. 4 — Ar. Aos. Maçã. 5 — Os. Oravas. 6 — Mr. Ina. Im. 7 — Fatias. Ba. 8 — Alor. Ari. Cu. 9 — Dá. Ao. Estar. 10 — Aguda. Içado. 11 — Ramal. Salas.

TERRENO

Para as instalações novas da sua indústria

ÀS GRANDES EMPRESAS OU SOCIEDADES

Vende-se óptimo terreno, no todo ou em parte, com cerca de 60 000 m2, já terraplenado e pronto a construir para qualquer ramo comercial ou industrial. Serve para grandes instalações e fica situado junto a Sacavém, a 10 minutos de Lisboa, com linda vista principalmente para a Auto-Estrada do Norte.

Para mostrar e tratar: Av. João XXI, 9-A, Lisboa

Casacos de Cabedal e Camurça

Os nossos novos modelos para a estação corrente são uma tentação para o seu bom gosto. Confeccionamos por medida qualquer modelo para Homem ou Senhora.

VERISSIMOS

Av. Guerra Junqueiro, 8-C

AUTOCARROS

EMPRESAS, COLÉGIOS, FÁBRICAS, ETC.

Vendem-se 4 em bom estado. Pode facilitar-se pagamento.
Trata e mostra: Av. João XXI, 9-A — LISBOA.

ALVARÁ DE PLÁSTICOS

Compra-se. Indicar condicionamentos industriais e mais pormenores. Resposta a este jornal ao n.º 360.

CARTÃO DIPLOMATA

O mais distinto bilhete de visita em relevo executado em placa de cobre ou cunho de aço de absoluta necessidade em praxes protocolares para pessoas de distinta condição social bem como de bom gosto

ANIBAL GRAVADOR

A casa que melhor trabalha
Rua Nova do Almada, 64
LISBOA

HÁ 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 16 de Outubro de 1939 publicava:

«LONDRES, 16 — Apesar do mau tempo, foram coroados de êxito os voos de reconhecimento feitos pela aviação inglesa, ontem à noite, sobre o Norte e o Centro da Alemanha.

«O Ministério do Ar anuncia que aviões alemães que tentaram esta tarde atacar objectivos militares nas costas da Escócia sofreram perdas durante combates travados com aviões britânicos.»

CÂMARA MUNICIPAL DE VENDAS NOVAS

EDITAL

António José da Silva, Vice-Presidente da Câmara Municipal do concelho de Vendas Novas:

Faz público que até às 17,30 horas do dia 28 de Novembro próximo, se recebem propostas em carta fechada e lacrada, para o concurso público da empreitada de «Construção dos reservatórios R2 e R3 do abastecimento de água à Vila de Vendas Novas», que depois serão abertas perante a Câmara, a levar a efeito em conformidade com o estabelecido no programa de concurso e caderno de encargos, bem como do projecto parcelar da obra e seu competente orçamento.

A base de licitação é de 933 397$20.

Para ser admitido ao concurso é necessário apresentar documento comprovativo de ter feito o depósito provisório de 23 400$00, na Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência, suas filiais, agências ou delegações e à ordem do Presidente da Câmara.

O depósito definitivo será de 5 % sobre o valor da adjudicação.

Os concorrentes deverão estar inscritos como empreiteiros de obras públicas e possuir alvará correspondente à 3.ª subcategoria da V categoria ou da 3.ª subcategoria da I categoria e da 1.ª classe, de harmonia com o Regulamento aprovado pelo Decreto-Lei n.º 40 623, de 30 de Maio de 1956.

Os elementos elucidativos e constantes do concurso estarão, todos os dias úteis, durante as horas de expediente, patentes na Secretaria da Câmara Municipal e na Direcção-Geral dos Serviços de Salubridade, com sede na Rua Conde Redondo, n.º 8 - 4.º, em Lisboa.

Paços do concelho de Vendas Novas, aos 13 de Outubro de 1969.

E eu, Sidónio José Afonso Ferreira, Chefe da Secretaria, o subscrevi.

O Vice-Presidente da Câmara

António José da Silva

Sobre automóveis

Particular empresta 5 a 100 contos

em 1/2 hora com ou s/ hipoteca, mesmo que estejam em dívida ao Stand, ou hipotecados, sem alterar o seguro. Sem fiador. Prazos de 40 meses. Tel 66 36 97.

Rua Arco a S. Mamede, 18, 2.º-F (ao Rato)

CARTAZ DOS CINEMAS

Estreia de hoje — SHERIFF PRECISA-SE — SÃO JORGE

SÃO JORGE
(M. 12 anos) Tel. 54153
HOJE, ás 21.30 — ESTREIA
SHERIFF PRECISA-SE
com James Garner e Walter Brennan
Às 15.15 e 18.15 — **O DIABO A SOLTA** — (M. 17 anos)

TIVOLI
(M 17 anos) Tel. 50595
Às 3 e 6.15 da tarde (p. r.) e 9.30 da noite
O filme que obteve 3 PRÉMIOS DA ACADEMIA com PETER O'TOOLE e Katharine Hepburn
O LEÃO NO INVERNO

SÃO LUIZ
(M. 12 anos) Tel. 327172
Às 15.15 18.15 e 21.30
Franscope — Colon
O CÉREBRO
com David Niven, Bourvil, Silvia Monti, Jean Paul Belmondo e Eli Wallach

ALVALADE
(M. 12 anos) Tel. 763080
Às 15.45 e 21.45
Franscope — Colon
O CÉREBRO
com David Niven, Bourvil, Silvia Monti Jean Paul Belmondo e Eli Wallach

MUNDIAL
(M. 12 anos) Tel. 538743
Às 15.15, 18.30 e 21.45
3.ª SEMANA
Finalmente em Portugal o famoso filme com Gary Cooper e Ingrid Bergman
POR QUEM OS SINOS DOBRAM
Inspirado no célebre romance de Ernest Hemingway
Metro — Estação Picoas

RESTELO
(M. 17 anos) Tel. 610375
Às 21.30
Em Technicolor
A MORTE DO DRAGÃO
com Jack Palance e Fernando Lamas

IMPERIAL
(Adultos) Tel. 45933
ELES SÓ MATAM UMA VEZ QUANDO ELES E ELAS SE ENCONTRAM

ESTÚDIO 444
(Adultos) Tel. 779095
Às 15.30, 18.30 e 21.45
4.ª SEMANA
O mais discutido filme de Alain Resnais
AMO-TE, AMO-TE
com Claude Rich, Olga Georges-Picot

CONDES
(Adultos) Tels. 322523-326710
Às 15.15 18.15 e 21.30
7.ª SEMANA
OS COMEDIANTES
70 mm
Richard Burton, Elizabeth Taylor, Alec Guiness e Peter Ustinov
(Ar condicionado)

EUROPA
(M. 12 anos) Tel. 661016
As 15.15 e 21.30 h.
70 m/m — Moscolor
DE NOVO O MAIOR MONUMENTO DO CINEMA!
GUERRA E PAZ
1.º Episódio AUSTERLITZ

ROMA
(Adultos) Tel 727778
Às 21.45
A COMÉDIA DO ANO
CASEI CONTIGO POR ALEGRIA
TECHNICOLOR
com MONICA VITTI

IMPÉRIO
(M 12 anos) Tel. 555134
As 15.15 e 21.30 h
Panavison — Color
Duas civilizações, duas mentalidades em choque!
Um filme de JOHN BOORMAN
DUELO NO PACIFICO
com Lee Marvin e Toshiro Mifune

ESTÚDIO
(Adultos) Tel. 555134
As 15.30 18.30 e 21.45
9.ª SEMANA
A obra fundamental de Roman Polanski
REPULSA
com Catherine Deneuve e Ivonne Furneaux

CASINO ESTORIL
(M. 17 anos) Tel. 260729
Às 17 e 21.30
DIAMANTES AO PEQUENO ALMOÇO
com Warren Mitchell e Rita Pushinghan

VOX
(M. 21 anos) Tel. 720808
Às 18.30 e 21.45
12.ª SEMANA
DE ENCHENTES
HELGA
(O segredo da maternidade)
Comentado em português
(Ar condicionado)
AVISO:
É indispensável a apresentação do bilhete de identidade, quando haja duvida da avaliação da idade.

EDEN
(Adultos) Tel. 820768
As 15.15, 18.30 e 21.45
A mais desesperada conspiração para alcançar a liberdade!
2.ª SEMANA
O MOTIM
TECHNICOLOR
com JIM BROWN — GENE HACKMAN e os presos da prisão estadual do Arizona

ODEON
(M 12 anos) Tel. 326283
Às 15.15 18.15 (p. r.) e 21.30
Um vibrante romance de paixões proibidas e pecados escondidos
AMOR SELVAGEM
com Julio Aleman, Angelica Maria e Teresa Velazques
NOTÁVEL REALIZAÇÃO DE TITO DAVINSON
(Eastmancolor)

AVIS
(M 1. nos Tel. 47163
As 21.45
2.ª semana de enchentes
A MAIS EXPLOSIVA AVENTURA DE SIMON TEMPLAR
O SANTO E A VENDETTA
ASTMANCOLOR
com ROGER MOORE

LIZ
(Adultos) Tel. 48560
Às 21 horas
O VALE DAS BONECAS
O 3.º SEGREDO

LIDO
Praça D. João I — AMADORA
(M. 17 anos)
Às 21.30
Não tenha medo de ter medo! Venha ver um verdadeiro filme de «suspense»!!
TEATRO DA MORTE
com Christopher Lee

AVENIDA
(M. 17 anos) Tel. 555131
Às 15.15 e 21.30
2.ª SEMANA
Faye Dunaway e Marcello Mastroianni
Longe do mundo, longe de todos, tudo fizeram em nome do amor!
UM LUGAR PARA AMAR

POLITEAMA
(M. 12 anos) Tel. 326305
HOJE, ás 15.15 (p. r.) e 21.30
2.ª SEMANA
SENSACIONAL
A BATALHA DE EL ALAMEIN
A derrota de Rommel perante os exércitos de Montgomery
(Col.) — Um elenco excepcional!
HOJE, ás 18.30 — (Adultos)
SESSÃO CLÁSSICA

CHIADO TERRASSE
(Adultos) Às 15 e 21 h.
BULLITT
O MALANDRO ENCANTADOR

OUTROS ESPECTÁCULOS

CIRCO

COLISEU — Às 21 e 30: «Grande Companhia internacional».

TEATROS

A B C — Às 20 e 45 e ás 23: «Eno já falo» (17 anos).
MARIA VITÓRIA — Às 20 e 45 e ás 23: «Esperteza saloia» (17 anos)
VILLARET — Às 21 e ás 23: «Amor ás riscas» (17 anos).

CINEMAS

MOSCAVIDE — Às 21: «Operação Kid Brother» (17 anos).
OLIMPIA — Às 2 : «Uma alma entre mil» (17 anos).

COLISEU
HOJE, AS 21.30
(Maiores 12 anos)
Um superespectáculo
GRANDE COMPANHIA INTERNACIONAL DE CIRCO
Numeros de sensação
PALHAÇOS
SÓ ATÉ DOMINGO
ULTIMOS DIAS

HOTEL DOM CARLOS
PARA SI, SUA FAMÍLIA OU COM AMIGOS
UTILIZE O NOSSO RESTAURANTE
Ao almoço tem sempre á sua disposição um prato típico da cozinha portuguesa
Amanhã, 6.ª feira:
BACALHAU ASSADO À MODA DO CHEFE
PARA MARCAÇÃO DE MESA: TELEF. 53 90 71
AV. DUQUE DE LOULÉ, 121 LISBOA

- AREO IRIS — Às 21: «A volta ao mundo debaixo do mar» (12 anos)
- PARIS — Às 21: «O deserto maravilhoso» (12 anos)
- JARDIM — Às 21: «Onde está o Oscar?» (17 anos).
- IDEAL — Às 21: «Noiva para um dia» (12 anos).
- PROMOTORA — Às 21: «O homem do golpe perfeito» (17 anos)
- CINEARTE — Às 21: «O oração solitário» (17 anos).
- SALÃO LISBOA — Às 21: «Kartoun» (12 anos)
- BOMBEIROS VOL. LOURES — As 21 e 30: «Paris já esta a arder» (12 anos)
- CINE-ORIENTE — As 21 e 30: «Frankenstein criou uma mulher» (17 anos)
- UNIVERSAL — Às 21 h: «Diango» (17 anos).
- BAIRRO ENCARNAÇÃO — Às 21 h: «A loba solitária» (17 anos).

● Linha de Cascais

- ALGÉS — STADIUM — Às 21 e 30: «Entrega imediata» (12 anos).
- OEIRAS — OEIRAS-CINE — Às 21: «O grande restaurante» e «Comissário X e os 3 panteras azuis» (12 anos).
- ESTORIL — CASINO — Às 17 e ás 21 e 30: «Diamantes ao pequeno almoço» (17 anos)
- CASCAIS — S. JOSÉ — Às 21 e 30: «Gangsters 70» (17 anos).

● Linha de Sintra

- DAMAIA — D. JOÃO V — As 21 e 30: «A Raposa» (17 anos).
- VENDA NOVA — CINE-PORTUGAL — Às 21: «O homem marcado» e «O rei do laço» (12 anos)
- AMADORA — RECREIOS DESPORTIVOS — Às 21 e 15: «Duelo de vingança» (17 anos)
- MEM MARTINS — CINE-CHABY — Às 21 e 30: «Ansia de amar» (17 anos)
- SINTRA — CINE-TEATRO — Às 21 e 15: «O mundo maluco» (12 anos).

● Outra Banda

- ALMADA — INCRIVEL — Às 21 e 15: «Partilha» (17 anos)
- COVA DA PIEDADE — UNIÃO-ARTISTICA — Às 21 e 15: «O deserto maravilhoso» (12 anos).

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

● Em Lisboa — TURNO E

ALCANTARA — Nogueira, R. do Creche, 2 (63 635)
ALFAMA — Nacional, R. de S. João da Praça, 26 (863634)
ALVALADE — Carteaxa, Av. da Igreja, 21-C (776358) • Brasília, Av. Rio de Janeiro, 66-A (722368)
ANJOS — Matos, R. Alvaro Coutinho, 10 (40471).
AREEIRO — Avis, Av. de Roma, 56-B-C (715370) • João XXI, Av. João XXI, 16-A (720462) • Nova Lisboa, R. Guilherme Suggia, 2 (721721)
AVENIDA DA LIBERDADE — Nacional, R. do Salitre, 1 (46858)
AVENIDAS NOVAS — Fátima, Av. 5 de Outubro, 47-A (763 072) • Avenidas, Av. da Republica, 27-A (533688) • Império, Lg.º R. Filipa Foique, 40-A e 40-B (48002) • Duzal, Av. Duque de Loulé, 2 (48946) • Palma, Av. Duque de Avila, 25-3.º (47088)
BAIRRO DOS ACTORES E ALAMEDA — Nunes, R. Angelo Pinto, 32 (49756).
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO — Ascenso, R. 27, n.º 41 (811216).
BAIXA — Barral, R. Augusta, 225 (361534/5).
BELÉM — Remisio, R. dos Jerónimos, 4-C (631699).
BENFICA — Lisboa, R. Cláudio Nunes, lote 2 (703393) • Sousa, Est. de Benfica, 429-431 (780027).
CAMÕES — Modelar, L. Dr. António de Sousa Macedo, 1-A (678896) • Veritas, R. do Misericórdia, 133 (324564-327563/4).
CAMPO DE OURIQUE — Castro Fonseca, Rua 4 de Infantaria, 28-A (688857) • Ourique, Rua Freitas Gazul, 32-B (67 667).
CAMPOLIDE — Leb, Rua Rodrigo da Fonseca, 101-101-A (682333) • Pátria, Calçada dos Mestres, 30-A (6 Rua das Amoreiras) (680627)
CARNIDE — Leal de Matos, Rua Neves Costa, 33-35 (780 81).
ENTRECAMPOS — Galena, Aven. Oscar Monteiro Torres, 38-A (774920)
ESTEFÂNIA — Estefânia — Rua Pascoal de Melo, 90 (44438).
ESTRELA — Janeiro, Av. Alvares Cabral, 100 (661458).
GRAÇA — Monte, R. Senhora do Monte, 30-A-B (867842) • Rosa & Vieges, R. de S. Vicente, 31 (864351) • St.º António, R. Leite de Vasconcelos, 72-C (862333)
JANELAS VERDES — Carrasco, R. Presidente Arriaga, 39 (667460)
LUMIAR — Alameda, A. das Linhas de Torres, 201-B (790942) • S. Tomé, Est. do Desvio, lote 12-C (790704).
MADRAGOA — S. Nunes Simões, Sue., R. do Quelhas, 1 (66 275)
OLIVAIS — Olivais, R. Alves Gouveia, 19 (8 237)
PALHAVÃ — Aguiar, Av. Columbano Bordalo Pinheiro, 98-A (764 96-764629)
PENHA DE FRANÇA — Carrando, Rua Padre Sena Freitas, 0-A (8425 8)
PICHELEIRA — Luzmar, R. João do Nascimento Costa, 6-A — (728395-720703)
REGO — Universitária, R. Alfredo Roque Gameiro, 29-D (Bairro Santos) (778958)
S. AMARO — Sepal, Calç. da Boa Hora, 94-A (63 958) • Teles, R. João de Barros, 2 (638249)
DE SANTA APOLÓNIA AO BEATO — Salter, R. de Xabregas, 65 (38 85) • Oriente, R. Lopes, 20 (843381)
MOSCAVIDE — Ganha, Av. Moscavide 22 (25 85 8)

● Linha de Cascais

ALGÉS — Miramar, R. Ernesto da Silva, 8 (212048)
CAXIAS — Nave — Rua Bernardim Ribeiro, 1-A (Tel. 242839)
PAÇO DE ARCOS — Godinho da Silva, Avenida Patrão Lopes, 4 (2432039).
OEIRAS — Central — R. João Teixeira Simões, 18 (Tel. 2430058).
PAREDE — Maces, R. Elias Garcia, 62-B (247 785).
ESTORIL — S. João — S. João do Estoril (Tel. 261 86)
MONTE ESTORIL — Costa, Av.º Sabóia, 29-B (260089).
CASCAIS — Misericórdia — Rua do Regimento 9, 41 (Telefone 280141). Cascais — R. Conde de Monte Real — Bairro Canas (Tel 282407)

● Linha de Sintra

AMADORA — Amadora, Praceta 28 de Maio, 3-A (935518) • Carmelo, R. Elias Garcia, Lote 28 (933303) • Helénica, Rua Elias Garcia, 2 (933613) • S. Jorge, R. Pedro del Negro, 5 Reboleiro (938703).
DAMAIA — Confiança — Est. Militar, Lote D (Tel 971023).
QUELUZ — André — Av. Elias Garcia, 151 (Tel. 950043); Queluz — Av. Miguel Bombarda, 23-A (Tel. 951841).
CACEM — Central — R. Elias Garcia, 55 (Tel 2940034).
MEM MARTINS — Quimia — Est. Mem Martins, 285 (T. 2910012).
S. PEDRO DE SINTRA — Valentim (Tel 980456).
SINTRA — Simões, R. Heliodoro Salgado, 26 (980832)
COLARES — Abreio (299088)

● Outra Banda

ALCOCHETE — Nunes — L. Coronel Ramos do Costa, 10 (Tel 234 51)
ALHOS VEDROS — Portugal — Av. da Bela Rosa, 8 (Tel 224250).
ALMADA — Cristo Rei — Av. Cristo Rei, 3-A (Tel 273498).
BAIXA DA BANHEIRA — Nova Fátima — Estrada Nacional, 22-B (Tel 224 4)
BARREIRO — Soares — Av. da Republica, . (Tel 2273023)
COVA DA PIEDADE — Cerqueira Afonso — P. 5 de Outubro, 8 (Tel. 270254)
MOITA — União Moitense — Av.º Dr. Teófilo Braga (Tel 239025).
MONTIJO — Diego, R. Almirante Cândido dos Reis, 42 (230302)
SESIMBRA — Leão — Av.º Salazar (Tel 22947)
SETUBAL — Lisboa, R. Dr. Paulo Borba (22248) — Salão — Av. Portela (Tel. 22709)
SEIXAL — Seromenho — R. Paiva Coelho, 38 (Tel 22 8560)

SERVIÇOS URGENTES

Telefones

ÁGUA, GÁS e ELECTRICIDADE — Companhia das Águas 861358 • Companhias Reunidas, 537011 • Gazcidla 538821 • Gazcidla idem e feriados, 382069
BOMBEIROS — Sapadores, 322222 • Voluntários, 538524
POLICIA e G. N. R. — Serviço de emergência, 115 • Segurança Publica, 866141 • Judiciária, 535380 • Marítima, 326456 • Internacional, 362721 • Viação e Trânsito, 42205 • G.N.R. (área rural), 36865.
SAÚDE — Cruz Vermelha, 865342 • Enfermagem permanente, 766161 • Enfermagem de urgência, 43738 • Hospital de Santa Maria, 775171 • Hospital de S. José, 860131 • Sangue, oxigénio e soros, 771168 • 771169 • Transfusões, soros • oxigénio, 538524 • Centro de Intoxicações (informativo), 767777, 761176 e 763456.
TRANSPORTES — Aeroporto, 720111 • Caminhos-de-ferro (C.-P.), 869029 • Caminhos-de-ferro (Estoril), 861121 • Estação fluvial (T. Paço), 325345 • Estação Marítima de Alcântara, 663195 • Estação Marítima de Rocha, 672445 • Estação fluvial (Belém), 638511.

BOM APETITE

CASTANHEIRA
E. da Torre - Lumiar - 790168
ESPECIALIDADES DIÁRIAS
AOS SÁBADOS E DOMINGOS
ORQUESTRA PRIVATIVA DESTE RESTAURANTE
(M. 15 anos)

NOVO RESTAURANTE SALÃO DE CHÁ NO POSTO SHELL EM
AZEITÃO
ESTRADA LISBOA - SETUBAL
Telef. 22 82 44
LOCAL APRAZIVEL PARA ALMOÇAR E TOMAR CHÁ

RESTAURANTE
QUINTA DE S. VICENTE
Telheiras de Cima, 144
Telef. 790211 (M/ 15 anos)
aos sábados e domingos
JANTARES DANÇANTES
c/ conjunto privativo
(Encerrado às 3.as-feiras)

CHOUPAL
CERVEJARIA E RESTAURANTE
SERVIÇO REQUINTADO
AMBIENTE SOSSEGADO
AR CONDICIONADO, MUSICA GRAVADA
ABERTO ATÉ ÀS 3.30 DA MADRUGADA
RUA DO SALITRE 9 (junto ao Parque Mayer)
Telef. 42963

POPFADO
Encerrado aos domingos
UM RESTAURANTE EM QUE SE OFERECE QUALIDADE
BAR-BOITE
(M. 17 anos)
A PARTIR DAS 23 HORAS
COM O CONJUNTO DE
HELDER REIS
Rua Ferreira Lapa, 38-D (à Av. Duque de Loulé)

Hong Kong
RESTAURANTE
RUA CAMILO CASTELO BRANCO, 23 — Telef. 538665
ABERTO AGORA AOS DOMINGOS
DECLARADO DE UTILIDADE TURISTICA

APÓS AS REFEIÇÕES - CHAVE D'OURO - O MELHOR CAFÉ

Diário de Lisboa
Propriedade de Renascença Gráfica, S. A. R. L.
Sede: Rua Luz Soriano, 44
Telef. 32 02 71-2-3 e 32 11 54-5
Publicidade 3 42 21
End. Tel. DIBOA. Telex, 1363
Lisboa 2 — Portugal

Duas empresas suecas preocupadas com o apoio do seu Governo à FRELIMO e ao PAIGC

ESTOCOLMO, 16 — (R.) — Círculos comerciais suecos manifestaram a noite passada preocupação acerca do apoio declarado do Governo a movimentos de libertação nas províncias portuguesas.

Pouco depois de ter prestado anteontem juramento, o novo primeiro-ministro da Suécia, Olof Palme, declarou que desaprovava firmemente a política colonial de Portugal.

Disse ainda no Parlamento que apoiava plenamente o programa de auxílio económico, recentemente anunciado, á Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO) e ao Partido Africano para a independência da Guiné Portuguesa e de Cabo Verde (PAIGC).

O auxílio sueco é anualmente de 720 000 coroas (cerca de 3970 contos) para a FRELIMO e de um milhão (5520 contos), como uma primeira contribuição, ainda por ser paga, ao PAIGC.

Duas importantes companhias suecas, a L. M. Ericsson, uma firma de telecomunicações, e a gigantesca empresa ASEA, afirmaram a noite passada que era perigosa a situação do mercado português.

A L. M. Ericsson declarou que representantes da companhia sueca em Portugal eram agora considerados como traidores, trabalhando no interesse do inimigo.

Lisboa protestara acerca do auxílio e chamara o seu embaixador em Estocolmo, enquanto que a Imprensa Portuguesa, segundo se anunciou, está a pedir o bloqueio de produtos suecos.

As exportações da Suécia para Portugal e suas províncias ultramarinas totalizaram no ano passado cerca de 200 milhões de coroas (1 104 000 contos).

O tempo

INFORMAÇÃO DO SERVIÇO METEOROLÓGICO NACIONAL

SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal continental o céu estava muito nublado e o vento era fraco ou moderado predominando de Sudeste

TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ ÀS 9 HORAS DE HOJE — Máxima: Fonte Boa, 25°; mínima: Penhas da Saúde, 5°,2.

TEMPERATURAS DO AR ÀS 9 HORAS — Coimbra, 20°; Faro, 20°; Funchal, 20°; Lisboa, 17°; Penhas Douradas, 8°; Portalegre, 15°

TEMPERATURAS OBSERVADAS, ÀS 9 HORAS, NA COSTA DO SOL — Na atmosfera: 19°,2; na água do mar: 17°,4

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 HORAS DE AMANHÃ

Céu geralmente, muito nublado; vento fraco a moderado do quadrante Sul; períodos de chuva ou aguaceiros.

Ocaso ás 18 e 56
Nascer ás 07 e 48
Amanhã

Dia 18 Dia 25 Dia 2 Dia 9

MARÉS:
PREIA-MAR: Dia 16 — 6 e 58 (3,8 m); 19 e 30: (3,6 m). Dia 17 — 7 e 56 (3,6 m); 20 e 42 (3,4 m). Dia 18 — 9 e 07 (3,5 m); 22 e 07 (3,2 m). BAIXA-MAR: Dia 16 — 0 e 28 (1,2 m); 13 (1,3 m). Dia 17 — 1 e 18 (1,5 m); 13 e 57 (1,5 m). Dia 18 — 2 e 20 (1,8 m); 15 e 20 (1,7 m)

COMUNICADO MILITAR SOBRE AS OBRAS DA CABORA BASSA

LOURENÇO MARQUES, 16 — (F. P.) — O movimento terrorista no Norte de Moçambique teve um carácter esporádico nas ultimas seis semanas e não afectou de qualquer modo o início dos trabalhos de construção da barragem gigante de Cabora Bassa, na região de Tete, no médio Zambeze — afirma um comunicado militar ontem difundido em Lourenço Marques.

Após a recente assinatura do contrato entre o Governo português e cinco firmas estrangeiras com vista á edificação até 1975, em Moçambique, duma gigantesca obra hidroeléctrica susceptível de transformar radicalmente a face económica da África austral, a «FREMLINO» tinha anunciado a sua decisão de impedir por todos os meios a realização deste projecto «colonialista»

O mesmo comunicado declara que durante as seis ultimas semanas as forças portuguesas mataram 22 guerrilheiros e perderam nove homens no conjunto do território de Moçambique e que foram destruídos doze campos rebeldes.

De vez em quando

Encontro na minha mesa de trabalho um ofício da Comissão Directora do Estádio Nacional, em que se dá conta de quantos utilizaram, durante o passado mês de Setembro, aquelas instalações desportivas. Além dos números não serem suficientemente expressivos, acontece ainda que a referida informação termina com esta nota: «Durante este mês continuou sem poder funcionar, em virtude das inundações de Novembro de 1967, o campo relvado do estádio de treinos». Eina, que grande enxurrada... Valerá a pena fazer comentários?

V. D.

O dr. Franco Nogueira nomeado administrador da Companhia dos Caminhos de Ferro de Benguela

O dr. Franco Nogueira, antigo ministro dos Negócios Estrangeiros, que há dias abandonou aquele cargo em que foi substituído pelo prof. Marcello Caetano, Presidente do Conselho, foi agora nomeado administrador por parte do Estado da Companhia dos Caminhos de Ferro de Benguela.

A nomeação, em portaria da Presidência do Conselho, vem hoje no «Diário do Governo».

Da administração daquela empresa faz também parte o antigo ministro dr. Luís Supico Pinto, actual presidente da Câmara Corporativa. Delegado do Governo junto da mesma companhia é o antigo ministro coronel Luz Cunha.

O Prémio Nobel da Medicina

ESTOCOLMO, 16 (F. P.) — O colégio dos professores do Instituto Karolinska de Estocolmo, constituindo o juri do Prémio Nobel da Medicina, designou hoje os laureados para 1969: Max Delbrueck, do Instituto de Tecnologia da Califórnia, Alfred Harshey, do Instituto Carnegie de Washington, e Salvador Luria, do Instituto de Tecnologia do Massachusets.

Estes três eminentes médicos foram distinguidos pelas suas descobertas quanto ao mecanismo «da replicação e estrutura genética dos vírus». O prémio é este ano de 365 000 coroas (mais de dois mil contos).

CASTELÕES
AMANTEIGADO
PASTEURIZADO
UM QUEIJO
DE QUALIDADE

INSTITUTO DE NOVAS PROFISSÕES
AVENIDA DUQUE DE LOULÉ, 47, 1.º
Cursos de: RELAÇÕES PÚBLICAS (único em Portugal devidamente aprovado pela autoridade competente). **Organização e Gestão de Empresas, Turismo** (com Guias-Intérpretes), **Secretariado** (com especialização em Secretárias de Direcção, Recepcionistas e Documentalistas), **Publicidade.**
TELEFS. 55 53 19 e 55 60 11

NOVO CASINO ESTORIL

SALA DE JOGOS
TODOS OS DIAS
DAS 15 ÀS 3 HORAS
"SLOT MACHINES"
ACESSO LIVRE
MAIORES DE 21 ANOS

FANTASTICA
PRODUÇÃO DE CRIS VARLAMOS
COM
BUDD THOMPSON DAPHNE DAYLE
KIM JACKLEY
HORCAR MAGIA E ILUSÃO

SAUDADE DOS SANTOS
EDUARDO NASCIMENTO E "OS ROCK'S"
JIRINA'S COMBO
FERRER TRINDADE e sua orquestra
no grande salão restaurante às 23.30h m/17 anos no wonder bar à 1.00h m/21 anos
SANDY STEWART
só no wonder bar

NO CINEMA, ÀS 17 E ÀS 21.30 HORAS
DIAMANTES AO PEQUENO ALMOÇO
(M. 17 anos)

ESTA SEMANA
motor
SAI AMANHÃ
com assuntos do maior interesse e actualidade. Além das suas secções habituais, a
GRANDE REPORTAGEM DO III RALLYE INTERNACIONAL DA TAP
ANÁLISES — ENTREVISTAS — COMENTÁRIOS
PREÇO: 2$50

Dia 19, às 21e30
NO SALÃO RESTAURANTE
FESTIVAL DE MODA MASCULINA E FEMININA

CASA DA COMÉDIA
R. S. Francisco Borja, n.º 22
Hoje ESTREIA, às 22 h.
e dias seguintes
MÁRIO OU EU PRÓPRIO —O OUTRO de José Régio
com Manuela Machado, Vítor de Sousa e Jorge Vale
MARCAÇÕES depois 18 h. T 677299
Maiores de 17 anos
Subsidiado pelo Fundo de Teatro

A presidência da sessão oposicionista no Fundão, vendo-se no uso da palavra António Paulouro

A SESSÃO OPOSICIONISTA NO FUNDÃO

O povo terá que ser o autor da sua própria libertação

—disse um dos candidatos por Castelo Branco

FUNDÃO, 16 *(Do nosso enviado especial)* — «Se achais lógico que a segunda cidade portuguesa seja Paris, votai neles; se achais que Portugal deve promover soluções económicas em que caibam os portugueses, votai em nós» — propôs o jovem industrial José Rabaça, candidato da Oposição Democrática de Castelo Branco ao acto eleitoral do próximo dia 26, durante a sessão inaugural da campanha ontem realizada no Cine-Teatro Gardunha, desta vila, pouco antes de uma assistência entusiástica o aplaudir longamente de pé, rendida ao seu humor cáustico e ao seu talento polemista da mais fina água.

Sala cheia como se previa. No pano de fundo um cartaz com o lema da campanha oposicionista do distrito — «Progresso na Liberdade» — e uma grande bandeira portuguesa. Na mesa da presidência um busto da República.

A sessão foi presidida pelo dr. Alfredo Mendes Gil, que tinha a ladeá-lo os quatro candidatos (drs. António Alçada Baptista, Domingos Manuel Megre e Manuel João Vieira, e industrial José de Bastos Rabaça), e ainda os drs. Mário Branco e Manuel Gascão e os srs. José Ribeiro, João Borges Terenas, Manuel Rogério Mesquita Nunes e António Paulouro.

Foi este ultimo, director do nosso prezado colega «Jornal do Fundão», quem abriu a série de discursos, começando por saudar a alta figura moral e cívica do dr. Mendes Gil e apresentar um a um os candidatos, que a assistência distinguiu com fartas palmas.

Falou depois António Paulouro de si próprio. Quem era? Um homem que na juventude tinha sido «permeável á propaganda da guerra e da violência» (conflito civil de Espanha, invasão da Polónia).

— *Tudo isto, olhado á distancia de trinta anos, parece-me hoje monstruoso* — acentuou. — *Mas a duvida, a grande amiga do homem, crescia no meu espírito. Era preciso romper. E rompi. Rompi com a certeza de que trazia as mãos limpas e não cometera crimes.*

E mais á frente, depois de homenagear «todos os que têm lutado para que o homem português seja livre»:

— *Nada quero. Nada espero. Se esperasse benesses, não estaria aqui convosco. Quero apenas ser um de entre vós.*

Referiu seguidamente, de permeio com críticas acerbas ao sistema, a actuação do prof. Marcello Caetano e do dr. José Hermano Saraiva para com o seu jornal, aquele emitindo um

(Continua na 4.ª página)

O Regime apropriou-se da verdade e dos meios de informação

—afirmou-se no colóquio da C.E.U.D. de Lisboa

Para debater temas de informação e liberdade de expressão, a C. E. U. D. de Lisboa promoveu ontem, no Teatro Vasco Santana, um colóquio eleitoral, que decorreu sob a presidência do dr. José Ribeiro dos Santos.

Na mesa, além de diversos candidatos daquela Comissão, viam-se a dr.ª Maria Barroso (da C. D. E. de Santarém), o dr. Urbano Tavares Rodrigues (da C. D. E. de Beja) e os elementos da C. D. E. de Lisboa, D. Rosalina Pinho e dr. Gaspar Teixeira. O dr. Ribeiro dos Santos abriu o colóquio, referindo-se ás dificuldades de acesso á informação e do descrédito da mesma junto do publico, mercê de uma uniformização generalizada.

Usou da palavra, em seguida, o dr. Alfredo Barroso ocupando-se do tema «Liberdade de Expressão».

A seguir, falou o candidato dr. José Carlos Megre, que, abordando o tema «Conceito de Opinião Pública» disse:

— *Sempre que não houver possibilidade de escolher, não há opinião pública. Assim, entre nós não há opinião publica e a informação deixa de o ser, para ser propaganda orientada num só sentido.*

Como expressão de opinião publica, resta-nos o sufrágio, resta ao País, até certo ponto (para os que limitadamente estão inscritos), demonstrar que ainda pode haver opinião

(Continua na pág. 13)

A irrigação do Vale de Vilariça será em breve empreendida

—prometeu em Vila Flor o eng.º Camilo de Mendonça

Realizou-se ontem á tarde, em Vila Flor, uma sessão de esclarecimento do eleitorado, promovida pela União Nacional. A Casa do Povo encheu-se completamente, com centenas de pessoas de todas as categorias sociais

Presidiu o sr dr. Artur Vaz, presidente da Comissão Concelhia da União Nacional, ladeado pelos srs. dr. Vaz Pimentel, presidente da Camara Municipal, eng.º Camilo de Mendonça e dr. Artur de Oliveira Pi-

(Cont na última pág.)

Assaltada a sede da C. D. E. de Lisboa

Do Governo Civil de Lisboa recebemos a seguinte nota oficiosa:

«Na madrugada de hoje, dia 16, um grupo de cerca de 30 indivíduos assaltou a sede da Comissão Democrática Eleitoral, ao Campo Pequeno, onde causou degradações e agrediu algumas pessoas que se encontravam presentes.

As autoridades, que deploram e reprovam o sucedido, tomaram as necessárias providências para averiguação dos factos e punição dos culpados.

Foram dadas instruções para ser intensificada a vigilancia policial, a fim de se evitar a repetição de casos semelhantes».

O direito à saúde e à assistência sanitária

mesa-redonda em que tomaram parte António Galhardas (C. D. E.), António Pardete da Fonseca (C. E. M.) e Fernando Magalhães Colaço (C. E. U. D.).

(PÁGINA 8 E SEGUINTES)

espelho da imprensa

Sonhos acalentados

«(...) Ano difícil no decorrer do qual, uma a uma, as oposições voltaram á superfície, encorajadas pelo Presidente do Conselho que, nomeadamente, fez voltar do exílio da ilha africana de S. Tomé o «leader» social-democrata Mário Soares, e do seu retiro de Lourdes, o bispo do Porto, D. António Ferreira Gomes. No dia 26 de Outubro, um milhão e oitocentos mil portugueses elegerão 130 deputados (...).

Prosseguindo a sua política de liberalização, Marcello Caetano adoptou um certo numero de medidas tendentes a facilitar o jogo democrático, aquando da próxima consulta.

(...) Em Maio, diversas oposições da esquerda reuniram-se em Aveiro para um Congresso Republicano e, também, para tentar dar forma a um programa mínimo comum. Redundou em fracasso, na actual campanha, pois cada um dos partidos apresenta os seus candidatos. Face aos 130 postulantes da União Nacional conduzidos por Franco Nogueira, que se demitiu no sábado do cargo de ministro dos Negócios Estrangeiros, para melhor se ocupar do partido governamental, a Oposição apresenta 157 candidatos. Dois grandes grupos de esquerda estão de acordo em dois pontos: a liberalização do regime e a politização do Povo português. Divergem sobre o assunto que domina a campanha e que é o problema colonial. (...) Sobre este assunto a C. E. U. D. adoptou o «slogan»: *Não á guerra, não ao abandono*. A C. D. E., mais esquerdista, vai mais longe. Pronuncia-se *pelo encetamento de negociações com os representantes legítimos dos movimentos rebeldes*, a fim de encontrar uma solução política para a autodeterminação. As oposições conseguem fazer-se ouvir. É certo que a maior parte dos candidatos comparecerão no escrutínio de 26 de Outubro.

Os monárquicos ortodoxos da Causa Monárquica recomendam a abstenção aos seus partidários.

(Georges Dupoy, «Le Figaro», 10-10-69)

O bom caminho

«Uma das coisas muito positivas que os novos ventos da história nos trouxeram foi um clima de respeito pela opinião dos outros.

Qualquer de nós sente hoje muito maior facilidade em transmitir o seu ponto de vista, as suas ideias sobre qualquer assunto do que há uns anos atrás.

Não há duvida de que, neste campo, é preciso hoje muito menos coragem para escrever para o publico ou para falar em publico. A tolerancia e aceitação dos outros é um estímulo a afirmação de cada um e a transmissão da sua mensagem. Estamos, parece, em bom caminho.»

(«Reconquista», de Castelo Branco, 1-10-69)

Os cinco dedos da mão

«Se são desiguais os cinco dedos que temos em cada mão, e todos eles vivem irmanados em estreito convívio para tornar mais profícuo o seu labor — para que alimentar a estultícia de pretender que todos os homens professem as mesmas ideias ou abdiquem de manifestar os seus pontos de vista, até em certos casos opostos?!

(...)

Esta pugna que se desenha, e já está á vista, só não será inglória se todos se empenharem na escolha dos seus melhores representantes — dos melhores, dos mais competentes, dos mais honestos, e dos que melhor saibam desprezar as benesses próprias, colocando acima de tudo o interesse do Povo que os vai eleger.»

(«Aurora do Ribatejo», 11-10-69)

«Irresponsabilidade»?

«Deliciosa a «irresponsabilidade» de não estar no Poder!

Anda todo o mundo aflito com os seus problemas políticos, económicos e sociais.

Aflitas andam as Américas, a África, e a Ásia.

Aflita anda a Europa: Inglaterra, França, Alemanha, Itália, Rússia, Polónia, Checoslováquia, etc., etc.

Nesta era tecnocrática, e nas sociedades em evolução, cada vez se torna mais difícil governar. Até a América do Norte, «o país das prosperidades», se vê a braços com mil e um problemas, desde o racial até ao bélico.

Mas, valha-nos isso! Nem tudo são sombras e dificuldades neste nosso pobre mundo. Vem-nos de Braga uma luz e uma esperança de «facilidade» e competência absoluta, a que nada escapa.

Segundo lemos no nosso distinto colega «República», do dia 3, foi afirmado naquela cidade, em suma: «Temos soluções concretas para todos os problemas do País».

Quem falou assim, com fé imabalável na omnipotência da sua eficiência verbal?

Na primeira sessão de propaganda da C. D. E., o sr. Dr. Lino Lima declarou alto e bom som: «Temos de fazer sentir ao Governo que estudámos todos os problemas que afligem o País e temos soluções concretas que ele pode levar a cabo.»

Qual a resposta a esta afirmação? Uma gargalhada de simpatia?

Não. O nosso prezado colega «República» informa, logo a seguir: «Com vivas à República e o Hino Nacional, novamente entoado pela assistência, terminou a sessão.»

Agora o eleitorado, após tal afirmação não pode ter hesitações. Está escolhido o candidato que tem «soluções concretas para todos os problemas do País».

Haverá quem fale assim nalgum país civilizado? Duvidamos.

Deliciosa a «irresponsabilidade» de não estar no Poder!

Ah, banha de cobra oposicionista!...»

(«A Voz», 9-10-69)

O país real

(...) Se ouver um clima de diálogo sem acusações, nem denúncias, se houver uma preocupação por todo o bem público, (a Assembleia Nacional) deixa de ser a sala de cumprimentos, uma academia de discursos literários, para se realizar um laboratório de trabalho em que todos os deputados se sintam, antes de mais, ao serviço da Pátria, que os escolheu e a quem se confiou, tantas vezes, na boa fé do camponês que ignora o que vai pelo mundo, mas pressente o tempo que vai vir pelo aspecto do céu, ao cair da tarde.

As eleições são, para o cidadão, uma ocasião de escolher, sem angústia, mas na responsabilidade, um parlamento, que desempenhe com verdade e capacidade, a função insubstituível de legislador e controlador; para o regime, a ocasião de encontrar finalmente um verdadeiro rosto do País real e não a antecâmara de áulicos cerimoniosos e complacentes.»

(De um artigo do padre António Morão, «Jornal do Fundão», 12-10-69)

Divergência de métodos

«— Na minha opinião, só há uma forma de conduzir a campanha eleitoral: como num país civilizado. O diálogo entre a U. N. e a Oposição tem de ser vivo, construtivo... e não só de quatro em quatro anos. Aliás, em certos aspectos, estou de acordo com a Oposição: sobre o desenvolvimento, por exemplo, as nossas ideias são idênticas. Podemos divergir quanto aos métodos a adoptar — enquanto uns preferem a renovação das estruturas, outros preferem soluções mais violentas, porque não confiam na possibilidade dos actuais governantes. Eu confio.

(De uma entrevista com o eng.º Correia da Cunha, candidato a deputado pela U. N., no círculo de Santarém», («Diário Popular», 13-10-69)

Tudo negar

«Quando foram divulgados os nomes dos candidatos apresentados pela Oposição (com algumas figuras de prestígio incontestável do sector das Letras, das Ciências ou de profissionais especialmente qualificados, ainda chegámos a pensar que a Oposição iria dar um contributo válido para a discussão dos problemas que neste momento mais afligem o País, esclarecendo devidamente o eleitorado e proporcionando-lhe uma escolha condicionada á validade dos programas apresentados. O que, salvo raras excepções, se veio a verificar é que o comando dos vários grupos da Oposição foi assumido por extremistas mais preocupados em tudo negar, em tudo destruir, em promover a própria agitação social com o recurso ás fórmulas consagradas pela demagogia comicieira, do que em apresentar serenamente um programa capaz de corresponder ás necessidades de desenvolvimento e progresso do País, dentro das suas etruturas tradicionais e não dum esquema, que podendo servir ao países da «cortina de ferro» ou a outros países socialistas, não nos serve a nós.»

(«A Voz», 12-10-969)

ASSIM VAMOS NÓS

Almirante Tenreiro

Disse o almirante Henrique Tenreiro, na sessão da União Nacional em Tavira, no passado dia 10:

«Sempre preferi as obras ás palavras. E, talvez por isso, é que me causa espanto ouvir ou ler alguns moralistas, que nunca contribuiram com uma telha para o lar português, expressões como esta — «Queremos que o nosso povo não viva em barracas de lata».

A Democracia Racial

«Democracia racial». Que quer isto dizer? Se havia outrora, portugueses colonizadores do Brasil, por exemplo (assim diz Sérgio Buarque de Holanda) «ausência completa de qualquer orgulho de raça» como o característico dos povos do Norte, e isso constituiu um factor da tolerância racial reinante no Brasil, tal não quer dizer «democracia racial», se damos á palavra democracia algum significado de poder popular.

Florestan Fernandes escreve mesmo: «a chamada democracia racial brasileira não tem nenhuma consistência, e vista do ângulo do comportamento colectivo das populações de cor constitui um mito cruel».

Se os nossos leitores quiserem aprofundar um pouco este tema (aliás, importante, e que não deve ser simplificado em slogans) pode consultar a bibliografia patente no caderno «O tempo e o modo no Brasil».

Carta aberta

O candidato da lista da Oposição Democrática de Coimbra, dr. António Duarte Arnaut, dirigiu-se directamente ao povo do seu concelho (Penela) numa espécie de carta aberta, distribuida no dia 5 de Outubro, em certo passo da qual se pode ler:

«Não te prometo nada. Apenas te garanto, pela minha dignidade de Homem, que, se for eleito, lutarei corajosamente, na Assembleia Nacional, pela valorização do nosso Distrito e do nosso concelho — este, um dos mais atrasados e pobres do País — e pela instauração em Portugal de um regime autenticamente democrático. Assim, no plano local, pugnarei especialmente pela restauração da comarca de Penela e pela fixação no concelho de uma escola média e de uma indústria, que permitam elevar o nível cultural e material da nossa gente e estagnar a sangria da emigração. No plano nacional, bater-me-ei, essencialmente, pela concessão das liberdades públicas fundamentais, pela alteração do sistema de impostos — isentando de qualquer contribuição as pessoas que não aufiram um rendimento mínimo — pela criação de medidas que protejam e dignifiquem a agricultura e o comércio e pela reforma estrutural da previdência, do ensino e da assistência, de modo a que todos, ricos e pobres, tenham iguais possibilidades de protecção, cultura e tratamento médico».

O «dossier» político

«Quanto ao dossier político, é constituído pelas resoluções da O. N. U. contra Portugal e pelas notas, declarações e respostas dos responsáveis

portugueses. Tudo tem sido largamente divulgado, em várias línguas, e sempre a Imprensa portuguesa deu publicidade a todos aqueles documentos». (Franco Nogueira, «Diário de Notícias», 12 de Outubro).

Uma carta do dr. Raul Rego

Do nosso camarada de Redacção dr. Raul Rego, candidato a deputado pela C. E. U. D., recebemos a seguinte carta:

«O dr. Armando Bacelar na sua carta lamenta que, «sendo um dos signatários da segunda dessas cartas, ilustre redactor deste jornal, não tivesse sabido antes da publicação da mesma, do ocorrido ou que, se o soube, a carta tenha sido blicada como se o não soubesse e não tivesse disso posto ao corrente os seus co-signatários».

O redactor, nada ilustre por sinal, sou eu. Ocorre-me dizer o seguinte:

A — Eu só soube do artigo do dr. Armando Bacelar quando o vi no «Diário de Lisboa». Nem todos no jornal sabem tudo; nem todos têm possibilidade de ver todo o original.

Digo que o artigo me deixou siderado porque a despeito de tudo continuo a considerar o dr. Armando Bacelar incapaz de fazer afirmações que lá estão feitas. Quebra momentânea?

B — Sim, quebra momentânea. Tanto o foi, que ele fez a rectificação que infelizmente não foi feita no jornal, por motivos já explicados no mesmo jornal. Mas eu fui inteiramente estranho a tudo, tão estranho como qualquer dos leitores do «Diário de Lisboa».

Ou julgará o dr. Armando Bacelar que quantos trabalham no «Diário de Lisboa» podem ver tudo quanto nele sai, antes de sair?

C — Publicado o artigo, *na primeira redacção* do dr. Armando Bacelar, não podia o signatário, candidato da C. E. U. D., deixar de reagir como reagiu e como reagiram os seus colegas de lista. Era essa primeira redacção a única que ele, como os outros, conheciam.

E pergunto eu: Como reagiria o dr. Armando Bacelar se nós lhe atribuíssemos ligações partidárias e à lista de que faz parte que não tivessem, num país em que as organizações partidárias oposicionistas se encontram proibidas?

D — Quero reafirmar a minha satisfação por o que no artigo do dr. Armando Bacelar havia de denúncia para com os velhos companheiros de luta que fazem parte da C. E. U. D. ter por ele sido retirado na segunda redacção do mesmo artigo. Essa reconsideração é de ter em conta.

E — Por último, verifico que o dr. Armando Bacelar, que, há tantos anos anda na mesma barca em que eu ando, é propenso a afirmações gratuitas. A gratuidade das afirmações na primeira redacção do seu artigo é igual á gratuidade das afirmações de que eu deveria ter conhecido o que se passara antes de publicada a carta.»

Programa das sessões da C. E. U. D. de Lisboa

São as seguintes as sessões já programadas pela Comissão Eleitoral de Unidade Democrática de Lisboa, segundo informação da respectiva Comissão Coordenadora:

Hoje (quinta-feira) — Em *Lisboa — Teatro Vasco Santana:* presidida pelo candidato Francisco Sousa Tavares. Usarão da palavra o dr. Armindo Rodrigues e os candidatos Gonçalo Ribeiro Teles e Jaime Gama. A sessão terá início ás 21 e 30.

Dia 17 (sexta-feira) — Em *Lisboa — Teatro Vasco* Santana: presidida pelo candidato Ruy Belo. Falarão os drs. Manuel Belo e David Mourão Ferreira e os candidatos Mário Bruxelas e Mário Soares.

Dia 18 (sábado) — Em *Lisboa — Centro Republicano Fernão Botto Machado:* sobre problemas de política geral. Presidirá o candidato José Carlos Megre, e falarão os candidatos Francisco de Sousa Tavares e Duarte Vidal. Às 21 e 30. Em *Sobral de Monte Agraço:* sob a presidência do dr. João Biancard Cruz, falarão os candidatos Gonçalo Ribeiro Teles, Francisco Salgado Zenha e Mário Bruxelas, ás 21 e 30.

Dia 19 (domingo) — Na *Lourinhã:* sob a presidencia de Mariano Vicente, falarão o dr. José de Magalhães Godinho e os candidatos Gonçalo Ribeiro Teles, Mário Soares e Francisco Salgado Zenha. Às 21 e 30.

Dia 20 (segunda-feira) — Em *Lisboa — Teatro Vasco Santana.* Às 21 e 30.

Dia 21 (terça-feira) — Em *Lisboa — Centro Republicano Fernão Botto Machado:* continuação do colóquio sobre problemas de Educação e Juventude. Sob a presidência do prof. dr. Vitorino de Magalhães Godinho, e com a colaboração dos drs. Rui Grácio, Rogério Antónbo e o professor José Esteves e os candidatos Jaime Gama, José Carlos Megre e Ruy Belo. Às 21 e 30. Em *Sintra — No Cine-Teatro Carlos Manuel.* Sob a presidência do prof. dr. Querubim Martins, falarão os drs. Armindo Rodrigues e Sargo Júnior e os candidatos Francisco de Sousa Tavares e Mário Soares. Às 21 e 30.

ACTUALIDADE ELEITORAL

● COMISSÕES DA C. D. E. DE LISBOA — A C. D. E. de Lisboa, segundo afirma num comunicado, definiu como um dos objectivos fundamentais da sua campanha «procurar exercer uma democracia activa, através da participação dos democratas na elaboração dos caminhos e opções do Movimento. Foi neste sentido que surgiram as diversas comissões de freguesia e concelhos; é neste sentido que todas elas se têm reunido consecutivamente, numa movimentação que engloba, já hoje, muitos milhares de democratas.»

● COMISSÃO DE VILA VERDE DA C. D. E. DE BRAGA — Está constituída e em pleno funcionamento em Vila Verde, a comissão de apoio aos candidatos da lista D, Marinho Dias, Eduardo Ribeiro, José Sampaio, Lino Lima, Santos Simões e Margarida Malvar. De entre os nomes daquela comissão figuram os dos srs. dr. João Rodrigues de Sousa Lima Cruz, médico; Abel Pereira, industrial; António Carlos de Freitas, motorista e Manuel Francisco Pereira Vieira, motorista.

● SESSÃO DA OPOSIÇÃO EM OVAR — Realiza-se amanhã, pelas 21 horas, no Cine-Teatro de Ovar, uma sessão de propaganda eleitoral da candidatura da Oposição Democrática pelo Círculo de Aveiro.

Estão convidados para usar da palavra os candidatos srs. drs. Alcides Monteiro, Almor Viegas, Álvaro Neves e Carlos Candal e ainda o dr. Manuel Costa e Melo, de Aveiro, e Manuel Freire, de Ovar.

«Mostrar à Oposição a sua invalidez absoluta»

— objectivo da U. N. de Évora

Os candidatos a deputados da União Nacional pelo círculo de Évora, reuniram-se com as mais destacadas figuras políticas do concelho de Vila Viçosa e as comissões das freguesias, tendo analisado, em colóquio com os participantes na reunião, problemas de interesse para o concelho.

Segundo uma informação da U. N., «lutar pela continuidade da política do Governo, mostrar á Oposição a sua invalidez absoluta e a nossa reprovação pelas suas palavras menos justas, pelas suas utópicas miragens», são os desejos dos adeptos da U. N. local, que teriam afirmado, ainda: «E no dia 26, lá estaremos a dizer-lhes não, e a afirmar-lhes que somos portugueses e que como tal queremos continuar».

R. C. P. entrevista Franco Nogueira

De acordo com uma informação da Comissão Distrital de Lisboa da U. N., «o Rádio Clube Português inicia, hoje, às 20 e 30, a transmissão de uma série de entrevistas com candidatos a deputados e outras personalidades de destaque na vida portuguesa.»

O primeiro entrevistado é o embaixador Franco Nogueira.

JOMA PUB.

o banco para toda a gente

Todos os caminhos vão dar ao banco. O banco tem todos os caminhos para lhe dar.
A poesia do banco é o dia-a-dia de quem passa e descansa no BANCO...
O BANCO PARA TODA A GENTE.
O BANCO renovou-se, modernizou-se, apetrechou-se de forma a poder oferecer TÉCNICA MODERNA.
Criou para si, qualquer que seja a sua profissão, o seu ramo de comércio ou indústria um SERVIÇO PERSONALIZADO.
Para a resolução do seu problema a nossa RAPIDEZ DE DECISÃO.
Não esqueça... EXISTIMOS PARA O SERVIR.

BANCO FONSECAS & BURNAY
o banco para toda a gente

A sessão oposicionista no Fundão

(Continuação da 1.ª página)

parecer favorável em certa situação de emergência, este defendendo o «Jornal do Fundão» com calor («o jornal», acrescentou António Paulouro, «deve-lhe a sobrevivência»).

Breve incidente. As palavras de Paulouro arrancaram da primeira fila um sonoro «basta» e logo a seguir outro.

— *Mas afinal somos ou não somos democratas?!* — exclamou o orador.

Intervenção rápida do representante da autoridade:

— *Não posso permitir que se interrompam os oradores!*

O discurso de António Paulouro, interrompido de facto outras vezes, mas por aplausos, prosseguiu com críticas ao «mito do estado corporativo, que é por toda a parte motivo de irrisão»; ao «país de poucos muitos ricos e de muitos muito pobres»; á «esmola da Previdência»; á precária representatividade da Assembleia Nacional; aos «ordenados de miséria» de muitos funcionários publicos; enfim á injusta aplicação do imposto progressivo.

Para perguntar:

— *Onde estão, onde têm estado os deputados da Nação?*

«PAÍS CANSADO DE NADA FAZER»

O segundo orador, candidato Domingos Megre, encetou o seu discurso com estas palavras:

— *Quero festejar a vossa presença, alegrar-me com a vossa coragem, sentir-me seguro com a vossa colaboração.*

Voz pausada, afirmações simples onde transparecia a sua qualidade de proprietário «aggionarto».

— *O trabalho é a fonte primeira do desenvolvimento económico-social. (...) Os meus trabalhadores são meus amigos e eu faço gosto em que o sejam. O que eu sinto por eles não é piedade — é respeito, é mesmo que sinto por mim próprio como homem.*

Depois de sublinhar a admiração e a solidariedade que sente por António Paulouro e pelo seu «Jornal do Fundão» («permanente desafio á nossa preguiça»), o dr. Domingos Megre analisou o actual momento político, referindo-se á máquina de propaganda do regime e á ameaça física que eventualmente pode pesar sobre os adversários. Num aparte:

— *É o impulso irresistível da força da razão opondo-se á simples razão da força.*

Acentuou mais adiante a necessidade de reforçar a vida política portuguesa, já que «não é possível continuar a jogar as palavras contra as pessoas ou contra as ideias», para acrescentar que aos portugueses falta uma mentalidade política adulta e as eleições «poderiam ser uma ocasião de a implantar».

— *Para isso — disse o dr. Domingos Megre — bastaria respeitar a inteligência.*

Mas a realidade é dura. Eleições?

— *A campanha eleitoral infelizmente começou pela mais completa negação do mais elementar «fair-play».*

Atitude do regime?

— *Não aceito a alternativa de tipo plebiscitário proposta pelo prof. Marcello Caetano.*

Problema do Ultramar?

— *A política ultramarina portuguesa comporta outras soluções para além da alternativa que ouvimos ao Chefe do Governo.*

Situação do País?

— *Todos sentem que o País está cansado de nada fazer.*

E antes de terminar (as suas ultimas palavras foram para reclamar aquilo que falta ao trabalhador: liberdade sindical, direito á greve, justo salário) dizia ainda o dr. Domingos Megre:

— *Vem a propósito referir que ainda pouco li nos jornais a carta do dr. Pereira de Moura em resposta á acusação que lhe fizeram de conluio com o Comunismo. Eu não tenho nada que me ligue, nem de perto nem de longe, á opção comunista, e nem mesmo conheço pessoalmente o dr. Pereira de Moura ou tenho qualquer ligação com o agrupamento eleitoral a que pertence. Mas dentro do processo de desmistificação em que me sinto empenhado é forçoso dar o meu acordo ao dr. Pereira de Moura.*

O discurso mais breve da noite pertenceu ao candidato dr. Manuel João Vieira, o qual iniciou a sua exposição afirmando que «a missão dum candidato pela Oposição Democrática é muito pesada». Passando a apresentar-se, recordou os seus nove anos de seminário e a ideia «muito lisonjeira» que então se lhe formaria no espírito sobre o Estado Novo. Hoje, reconhecendo embora as qualidades de Salazar e dos seus mais directos colaboradores, não pode deixar de denunciar o que considera errado na gestão da terra portuguesa.

O requisitório do dr. Manuel Vieira começou aí. Algumas afirmações do candidato:

— *E' na dignidade que radicam os chamados direitos da pessoa humana. Ora, temos de reconhecer que a dignidade humana tem sofrido, nestes quarenta e três anos, verdadeiros tratos de polé.*

Aspecto da assistência à sessão da Oposição Democrática de Castelo Branco, realizada no Fundão

— *Custa a crer que tenha sido possível, em nome da paz social, abafar os legítimos anseios da pessoa humana.*

— *Somos um povo despolitizado que vive á margem dos grandes problemas nacionais.*

E a finalizar, aplaudidíssimo:

— *Aceitei ser candidato porque quis deixar um nome honrado aos meus filhos!*

PERDER AS ELEIÇÕES, GANHAR A CAMPANHA

Foi num tom singular que o penultimo orador interveio na sessão. O humor de José Rabaça empolgou a assistência.

— *Estamos no Fundão* — começou o jovem industrial —, *capital da Cova da Beira e da zona frutífera deste distrito de Castelo Branco, que é efectivamente pródigo em capitais simbólicas. Para além da sede de facto temos ainda outra capital, a da industria, necessáriamente localizada na Covilhã. Se quiséssemos fazer um trocadilho fácil, diríamos com lógica que vivemos num distrito marcadamente capitalista.*

Depois de criticar a neutralização da R. T. P. e a falsa isenção de certa Imprensa («os jornais sabem, sem necessidade de eleições, para que lado se inclinam os leitores»), José Rabaça referiu uma recente entrevista sua a um vespertino lisboeta.

Quanto á anunciada Lei de Imprensa, sugeriu o orador que o prof. Marcello Caetano «não deve ainda ter tido tempo, entre os ciclópicos trabalhos que o rodeiam ,para tirar do bolso o projecto».

Debruçou-se depois José Rabaça sobre a conjuntura política, para exclamar:

— *Suponho tão legítima a saturação de 1926 em relação a 1910 como aquela que em 1969 temos em relação aos saturados de 1926.*

Passou então José Rabaça ao sistema de pergunta (sua) e resposta (sua). Exemplos:

— *Admite que a Oposição Democrática vença as eleições em Castelo Branco?*

— *Resposta: admite-se que o Sport Lisboa e Castelo Branco vença o Benfica?*

— *Então porque se candidatou?*

— *Resposta: candidatei-me porque se pode perder as eleições e ganhar a campanha eleitoral.*

— *Concorda com o aparecimento de duas listas de Oposição em certos círculos?*

— *Resposta: gostaria que em vez de duas fossem quatro.*

Sobre o Ultramar, José Rabaça deu o seu apoio a uma passagem do livro de Manuel José Homem de Mello em que o autor imagina os territórios portugueses em Africa como um novo Brasil.

Por ultimo, um «viva o general Humberto Delgado!» que a assistência secundou de pé (o próprio representante da autoridade fez o mesmo, conforme pudemos testemunhar).

PROBLEMA PRÉ-POLÍTICO

O quinto orador da sessão, dr. António Alçada Baptista, escalpelizou um tema fundamental: Portugal em 1969.

— *O problema dos portugueses* — disse — *é ainda pré-político: o de saber se os homens podem viver com liberdade e dignidade. Por outras palavras: é um problema moral.*

Quer-se uma incidência flagrante?

— *A maior parte das pessoas nem de quatro em quatro anos fala. E não as podemos ouvir.*

Assim sendo, «o problema essencial da nossa comunidade é o de todos participarmos livremente na sua construção».

— *Os homens* — acrescentou o dr. Alçada Baptista — *fazem-se, são homens no contexto humano em que vivem. E nós assistimos a quê? Assistimos a isto: entre nós os homens são ainda objectos.*

E mais á frente:

— *Enquanto não criarmos, para os homens, estruturas de participação livre, estamos a fazer deles simples máquinas.*

A sociedade futura assentará, pois, na cooperação, na interajuda. De outro modo:

— *Não faremos nada se o não fizermos todos, se não estivermos cientes de que a sociedade futura depende da contribuição de todos.*

De outro modo ainda:

— *O povo terá que ser o autor da sua própria libertação.*

Falando da miséria e da fome do povo, que é «a menos merecida», deduziu o dr. Alçada Baptista (arrancando grandes aplausos):

— *O contrário da miséria não é a abundancia, mas a valorização das pessoas. Se o trabalho é uma servidão, é porque nos está completamente exterior. Quando descobrimos que o trabalho está ligado á grande tarefa da libertação de todos, então veremos nele, finalmente, uma alegria!*

Mas os poderosos não querem que seja assim, concedeu o dr. Alçada Baptista:

— *Os poderosos estão habituados a ter todos os direitos. Tendo direitos pensam que podem ter tudo. Já compraram muitos e já calaram muitos com algumas migalhas. Os poderosos não aceitam que alguém se lhes possa opor.*

O final do seu discurso foi para fazer a apologia de vários meios de autodefesa popular. Por exemplo: as cooperativas de consumo, que têm sido um êxito compensador na margem sul do Tejo. «Porque não tentar implantar cooperativas no nosso distrito? Sabem o que são cooperativas? Sabem que as cooperativas realmente *funcionam?*»

Demoradamente aplaudido, o dr. Alçada Baptista terminou com um «viva Portugal!» que os democratas presentes repetiram.

Faltavam escassos minutos para a meia-noite. Foi ainda tempo, porém, de o dr. Mendes Gil felicitar todos pelo elevado civismo que haviam emprestado a esta primeira sessão de propaganda eleitoral da Oposição Democrática. Espontaneamente partiram da plateia os compassos iniciais de «A Portuguesa», completada num coro impressionante.

A salvação do Alentejo reside na reforma agrária

— afirmou em Arraiolos um candidato da C. D. E. de Évora

ARRAIOLOS, 16 — Efectuou-se ontem, no cinema desta vila, uma sessão de propaganda dos candidatos da C. D. E. de Évora a qual foi presidida pelo sr. Joaquim Lopes.

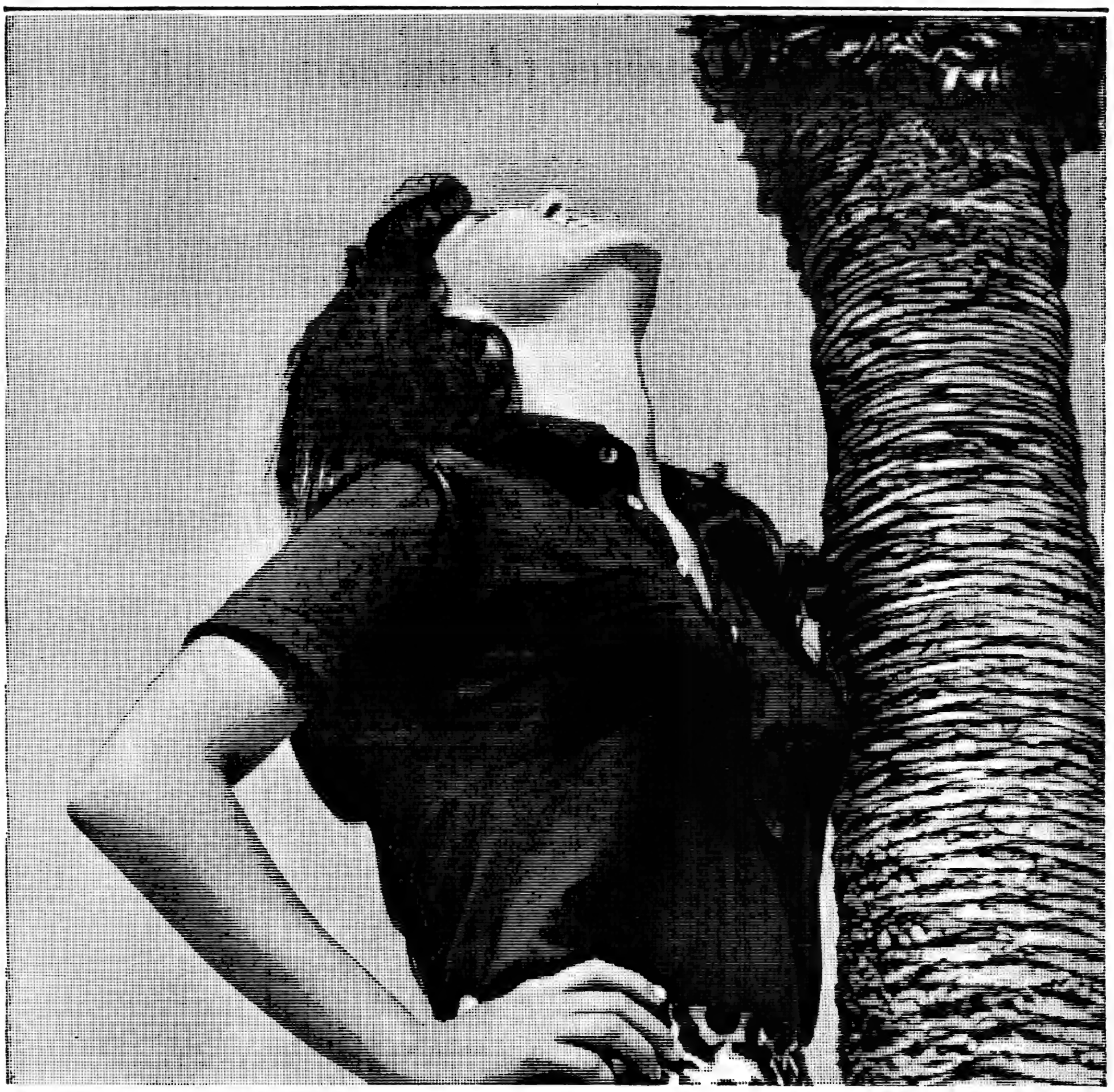
A abrir a sessão, o presidente da mesa fez votos por que a reunião decorresse com o maior civismo e exortou a assistência a prestar a maior atenção aos oradores.

Falaram, em seguida, os quatro candidatos, analisando problemas de política e economia.

«Os latifundiários alentejanos — afirmou o candidato Mário Ventura — mostram a sua incompetência, quando lançam as mãos á cabeça, apavorados, á simples referência «reforma agrária».

O orador referia-se á incompreensão com que em certos meios, mesmo os mais evoluídos se acolhe a expressão «reforma agrária».

«Mas é numa reforma agrária que reside a salvação do Alentejo» — afirmou ainda aquele candidato.



olhar para o futuro - olhar para a Torralta

Dia a dia a TORRALTA cresce
valorizando o seu capital
que é o dos seus accionistas
Adquira uma acção Título de Férias
e o seu dinheiro valerá cada vez mais

Informações: Av. Duque de Loulé, 66-A
Lisboa — Tels. 54479 - 555681 - 51748

TORRALTA
A MULTIPLICAÇÃO DO SEU CAPITAL

manifesto

A crise da cultura em Portugal e as carências do ensino no distrito de Beja

Recebemos dos candidatos da Oposição Democrática de Beja um manifesto em que se afirma nomeadamente:

Os candidatos da Oposição Democrática pelo Distrito de Beja, conscientes da grave crise do ensino e da cultura em Portugal e muito particularmente nas terras alentejanas, certos de que não há verdadeira liberdade sem cultura nem verdadeira cultura sem liberdade, sentindo-se intérpretes da vontade popular ao reivindicarem a radical transformação do sistema educacional entre nós, põem á cabeça das suas veementes aspirações a firme caminhada para um ensino gratuito em todos os graus que permita aos mais aptos e não só aos filhos das classes privilegiadas desenvolverem todas as suas potencialidades intelectuais e profissionais, tornando-se desse modo cidadãos autênticamente produtivos e uteis á sua Pátria. A progressiva, mas acelerada, aquisição da liberdade de acesso á cultura supõe, além de uma imediata e séria campanha de alfabetização, o alargamento do regime de bolsas, o estudo das possibilidades de fixação do pré-salário do estudante (que deverá ser considerado como um trabalhador intelectual, mas sem por isso perder contacto, em períodos de férias, com o trabalho braçal e mecanico) a criação de uma rede de residências e restaurantes para estudantes, que torne praticável a deslocação para as cidades universitárias dos filhos de camponeses, pequenos empregados e operários não especializados. É óbvio que este esforço em prol de uma dignificação da vida, através da ascensão cultural das massas (unica forma da realização democrática profunda e válida) só será possivel em Portugal mediante a obtenção de uma paz digna e justa no Ultramar, e com um lucido fomento da industrialização e do turismo, que, mediante politica coerente de socializações, promova o desenvolvimento e, consequentemente aumente o rendimento. A subida do nível de vida é correlativa da planificação da cultura, mas não a condiciona em absoluto, podendo esta ser acelerada rápidamente pela instauração de uma democracia socialista.

A criação do ensino pré-primário, a dotação dos centros populacionais do Baixo Alentejo com maior numero de unidades do ensino liceal e técnico, sem esquecer as escolas nocturnas; a multiplicação das bibliotecas populares e dos centros de convívio e de valorização cultural, nas Casas do Povo (que mereçam, de facto, esse nome, passando a ser efectivamente do povo) e nas sociedades recreativas, figuram então as nossas preocupações dominantes.

É sabido em que condições o ensino é exercido entre nós, sem critérios pedagógicos rigorosos e profícuos (apelamos neste particular para o exame da situação já levado a efeito por pedagogos como Rui Grácio, Joel Serrão e Rogério Fernandes), sendo os profesores mal remunerados — e escandalosamente mal os do ensino primário —, logo prejudicados na sua acção docente pela preocupação de angariarem outras receitas orçamentais. O ensino, terá em Portugal, de tornar-se verdadeira missão pela premência absoluta da incultura generalizada. Missão (sim, imprescindivel e urgente, mas também, e até para poder sê-lo, decentemente remunerada. Porque á força dos armumentos morais há que juntar o realismo das situações. E a nossa ascensão é comum, es dela exceptuarmos as escassas dezenas de individuos que não sentem (não sentirão mesmo?), o remorso de explorar o povo português, sem lhe oferecer saida nem solução para a miséria que o obriga a expatriar-se. Tanto no ensino universitário como até no secundário, os estudantes deverão participar, activamente, na elaboração de programas, gestão dos estabelecimentos e formas colectivas e dignificantes de trabalho. Aliás, há que fomentar uma investigação práticamente inexistente entre nós e remodelar todo o sistema de estudos: criar, em vez de emendar.

É escandaloso o facto de o ensino obrigatório entre nós não ser na realidade totalmente gratuito, já que existem propinas, embora ligeiras, e despesas de material escolar, essas por vezes incomportáveis para as posses da família proletária, sendo ainda por cima condicionada a concessão do abono de família á prova de matricula no ciclo complementar do ensino primário (já de si discriminatório, em sentido classista, pois os alunos não têm aula de francês, o que dificulta o seu exame de passagem para o 1.º ano do ensino liceal ou técnico) ou no ciclo preparatório. Esta legislação é manifestamente irrealista e utópica, pois o ciclo preparatório e o ciclo complementar do ensino primário não cobrem, dada a falta de escolas em numero suficiente, toda a população escolar do País.

Também é ridículo que se diga oficialmente, até em avisos publicados nos jornais, que os menores que sofram de incapacidade que impossibilite a matrícula em qualquer dos cursos referidos conferirão (sic) direito áqueles benefícios até aos dezasseis anos, desde que seja efectuada prova de frequência em escolas de reeducação para anormais. Ora, onde é que se encontram em Portugal na província, no Baixo Alentejo, por exemplo, ao alcance das classes trabalhadoras (refiro-me a distancias e estadias) essas escolas?

A estreita dimensão dos estudos secundários e universitários em Portugal resulta em primeiro lugar da falta de poder económico das maiorias trabalhadoras, que não podem dispensar práticamente o lucro do trabalho dos seus filhos nem suportar as deslocações a que estes seriam obrigados pela inexistência de uma rede de escolas publicas de ensino médio. Lembremo-nos do que se passa nos concelhos de Mértola, Almodôvar, Odemira, Aljustrel, onde só há colégios particulares. No concelho de Odemira há actualmente 28 escolas, fechadas, ou seja 50 por cento do total das escolas do distrito. No ano de 1968, a impressionante percentagem de analfabetismo no concelho de Odemira era de 95 por cento. Depois sequer o sistema do ensino se adequa ás necessidades económicas e pedagógicas dessa clientela escolar. Por ultimo, não se fala ao povo, em termos democráticos, da sua soberania e da urgência da instrução como meio de libertação do estado da semiescravatura em que se encontra. Essa é a primeira das nossas tarefas: dar consciência ás populações rurais do Baixo Alentejo do seu direito á cultura e de todas as vantagens morais, materiais e cívicas que dela podem tirar.

A escolaridade obrigatória é, de toda a maneira, no Portugal do chamado Estado Novo o mais mesquinho de toda a Europa. Insistimos de novo na pobreza de edifícios escolares e de pessoal docente.

No que concerne ao Distrito de Beja, a população escolarizada representava apenas, segundo estatísticas do ensino, no ano lectivo de 1966-67, 10,2 % da população. Dos 28 200 indivíduos em causa, 22 800 frequentavam estabelecimentos primários, sendo apenas 5300 estudantes do grau secundário (1,9 % da população). Na Escola Normal havia 29 inscritos e no ensino agrícola só se registavam 115 matrículas. Mas há mais. Há mais aspectos flagrantes de gritante estagnação cultural: a população em idade escolar (5 aos 19 anos) orçava por 70 000 indivíduos, dos quais apenas 40 por cento estavam escolarizados. Num gráfico oficial onde os valores estão expresoss em milhares, lê-se (e põem-se-nos os cabelos em pé, pois a crua realidade ultrapassa todas as acusações) que a frequência do ensino liceal no Distrito de Beja é de 2,8, sendo no ensino comercial e industrial de 2,1.

Se remontarmos ao ano de 1963, dar-nos-emos conta de que os investimentos respeitantes á educação em Portugal representavam 1,36 %, havendo diminuído para 1,35 % em 1964. Em 1966, as despesas do Ministério da Educação Nacional ascenderam a 6,7 %. Não deixa de ter interesse esclarecer que nesse ano a Bélgica investia 20,05 % em verbas de educação, a França 17 %, a Holanda, 21 %, a Itália, 17 %, a União Soviética 23,4 %, a própria Turquia (comparável a nós nos índices de atraso) 16 %. Já outras comissões eleitorais da Oposição Democrática chamaram a atenção para a participação de Portugal no Projecto Regional do Mediterraneo em que entram, além do nosso País, a Espanha, Itália, Grécia, Turquia e Jugoslávia, trabalhando conjuntamente, em princípio, por determinar as exigências e encargos do ensino no quinténio 1970-75, com vista a formação de quadros técnicos e ao desenvolvimento. Portugal deveria aumentar todos os anos o seu orçamento de escolarização em 13,2 %. Ora no nosso País não só não há planificação vocacional de profissões como as somas atribuídas ao ensino continuam a ser irrisórias: 1,44 % do produto nacional bruto em 1965 — e não houve acréscimo sensível em quatro anos.

Causa, entre outros atropelos á cultura, profunda indignação que a Mocidade Portuguesa absorva tanto dinheiro como uma Faculdade de Medicina. Mas, por este caminho, seria uma longa enumeração de absurdidades e desarmados.

Tornando ao que mais directamente nos respeita, há que lutar — e fá-lo-emos — contra um absentismo escolar que se explica pelas condições expostas contra a falhada cobertura do país e do nosso Alentejo particularmente em estabelecimentos de ensino médio, contra os erros de planificação e que explica o abandono das escolas e o baixo rendimento do ensino

Além disso, a actualização dos programas de acordo com a moderna pedagogia e do endeusamento de personalidades que abundam nas selectas reclamam a nossa crítica e a nossa acção tanto como a promoção profissional, no Alentejo tem premente, á margem do ensino escolar.

Começámos por falar em crise da cultura e eis-nos chegados ao momento de tornar a reivindicar para a vila e para a aldeia os centros de convívio intelectual onde sejam possíveis, de acordo com a situação cultural da população rural, o espectáculo de teatro, a conferência, a projecção de filmes de arte ou de ensinamento e até puramente recreativos.

No que especialmente concerne ao teatro advogamos uma ampla e resoluta descentralização. Portugal, ainda que seja realmente um país macrocéfalo — e cada vez tenderá a concentrar-se mais em Lisboa, onde já desponta, com suas seduções e suas alienações, uma sociedade não ainda de consumo mas de produção pela produção —, Portugal não é apenas a capital.

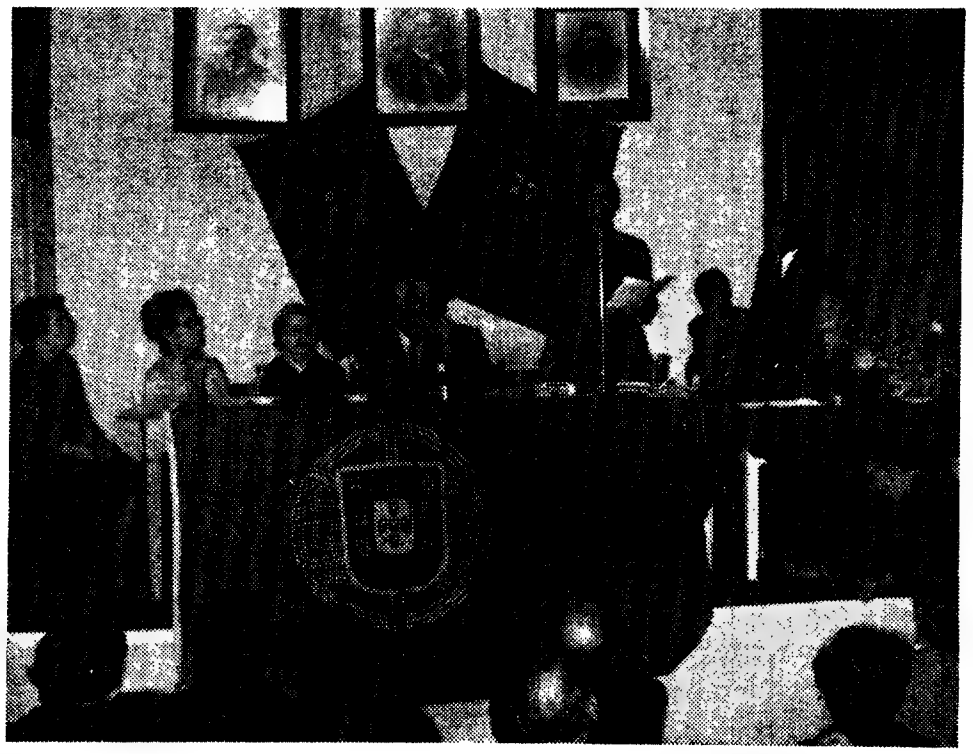
Mas — pergunta-se — como levar o teatro aos povoados abandonados, desdenhados por quem deveria entre nós planificar a cultura e não o faz? Através do teatro de empresa, onde empresas houver, com capacidade e estímulo para tanto?, através dos grupos dramáticos das sociedades recreativas? Sim, mas importa ir bem mais longe: criar, mediante a iniciativa estadual, teatros nacionais populares (verdadeiramente dignos desse nome) em capitais de distrito e fomentar o aparecimento de centros dramáticos em multiplas povoações, de acordo com a orientação superior de um Centro de Investigação e Estudos de Teatro, que teria ainda o encargo de conceder bolsas e subsídios a jovens que dessem provas de vocação e interesse profundo pelo teatro, mesmo quando desprovidos dessa cultura básica que afinal o Conservatório Nacional tão-pouco dá aos que o frequentam, devido ao manifesto carácter obsoleto das suas estruturas e á sua falta de quadros competentes.

Insistimos, pois, mais uma vez na urgência de se planificar em bases modernas e dignas a democratização da cultura em Portugal e especialmente, por ser do mais desfavorecidos em tal capítulo, no distrito de que somos candidatos.

Povo do Baixo Alentejo, que não sabes ler nem escrever ou que não conseguiste ainda tomar verdadeira consciência de ti e do teu destino, dos teus direitos e da tua obrigação de por eles lutares, aqui te dizemos, comovidamente mas com firmeza: por ti nos bateremos, contigo estaremos até aos limites da nossa resistência, na agrura da luta e na luz da vitória e, depois da vitória, no esforço de reconstrução da nossa Pátria. Sabemos bem que hoje ou amanhã essa vitória será nossa, porque connosco está a justica, connosco está o curso da história, connosco está a água clara da esperança (do outro lado os interesses a que alguns chamam bom-senso e, sem falar no egoismo de tantos, o remorso disfarçado em gravidade). Povo do Alentejo, é por ti que nos batemos, nós que a nada aspiramos para nós, mas tão-só do triunfo da autêntica liberdade.

Viva Portugal
Viva a Democraci..
Viva o Socialismo

Aníbal Coelho da Costa
António Areosa Feio
Celso Pinho de Almeida
Urbano Tavares Rodrigues
(relator),



O candidato dr. Urbano Tavares Rodrigues falando ao povo de Aljustrel durante a sessão promovida pela Oposição Democrática de Beja naquela vila mineira do Baixo Alentejo. Presidindo à sessão, o sr. dr. Melo Borges

O problema da emigração é antes de mais um caso de descolonização

—afirmou-se na sessão da C. D. E. de Faro realizada em Olhão

OLHÃO, 16 — Sob a presidência do conhecido democrata, o comerciante sr. Julião Florentino Topa realizou-se, no cinema local, a anunciada sessão de propaganda eleitoral, da Oposição, promovida pela C. D. E. do distrito de Faro.

A sala estava literalmente cheia de uma assistência em que predominava a juventude e muitas senhoras, vendo-se no palco apenas bandeiras nacionais, dado o presidente do Município local não ter permitido a colocação de dísticos.

O sr. Florentino Topa recordando factos mais evidentes e históricos do regime republicano, referiu-se aos oradores presentes, saudou o Povo e a Imprensa, a essa Imprensa séria, como o «Diário de Lisboa», ali presente, afirmou. Atacou vigorosamente a censura à Imprensa e defendeu brilhantemente a necessidade de se seguir um regime constitucional onde caibam todos os portugueses.

Pediu, seguidamente, um minuto de silêncio «pelos democratas de alma e coração que já tombaram pelo caminho».

Afirmou ser o sentido humano apanágio dos portugueses, referiu-se ao bispo do Porto, desmentiu serem os democratas inimigos da Igreja e recordou as figuras de António José de Almeida, de Pedro Álvares Cabral, afirmando ser este um livre pensador, ainda que profundamente religioso, tal como António José de Almeida afirmou, em 1922, na sua visita ao Brasil. Focou vários aspectos da política ultramarina defendendo o diálogo e, através dele, o termo da guerra do Ultramar (a assistência interrompeu várias vezes os oradores, aplaudindo-os de pé e entusiàsticamente).

Descreveu depois como, na I Guerra Mundial, foram salvas as nossas províncias ultramarinas, pelo regime republicano. Referindo-se à emigração afrimou:

— *Trata-se não de emigração mas sim de descolonização.*

Prosseguindo, solicitou a imediata construção do edifício da Escola Técnica desta vila, a funcionar em instalações vergonhosas, lamentando o abandono a que este importante centro industrial e piscatório está votado pelo Ministério da Educação Nacional, «pois nem sequer há professores em número suficiente para dar aulas aos alunos».

● «É pela juventude pelo seu futuro que aqui estamos»

Usou seguidamente da palavra, o sr. dr. Vasco Gracias. Fez uma patriótica alocução à juventude que constitui a grande maioria da assistência, afirmando ser por ela, pelo seu futuro que ali se encontravam os democratas responsáveis do Algarve.

Referiu-se, depois, a grave crise em que se encontram as indústrias de conservas de pesca, descrevendo o encerramento de algu-

(Continua na pág. 13)

Agenda das sessões de propaganda eleitoral

DA OPOSIÇAO

FAFE — Às 21 horas, no Teatro-Cinema de Fafe, da C. D. E. de Braga.
GAFANHA DA NAZARÉ — Da C. D. E. de Aveiro.
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO — Às 20 e 45, na sede do Lusitano Futebol Clube, da C.D.E de Faro.
ALENQUER — Às 21 horas, na Quinta do Reguengo, da C. D. E. de Lisboa.
CORROIOS — Às 20 e 30, no Ginásio Clube de Corroios, da C. D. E. de Setubal.
FAFE — Às 21 horas, no Teatro-Cinema de Fafe, da C. D. E. de Braga.
GAFANHA DA NAZARÉ — Da C. D. E. de Aveiro.
LISBOA — Às 21 horas, no Centro Escolar Republicano Fernão Boto Machado, da C. D. E.
SACAVÉM — Às 21 horas, no Clube Recreativo, da C. D. E. de Lisboa.
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO — Às 20 e 45, na sede do Lusitano Futebol Clube, da C. D. E. de Faro.

DA U. N

VALADARES — Às 21 e 30, no Cine-Teatro Brazão, Valadares (Gaia).
VISEU — Às 21 horas, no Cine-Rossio.

AMANHÃ

DA OPOSIÇAO

ALHOS VEDROS — Às 20 e 30, no Cine-Teatro, da C. D. E. de Setubal.
AMARANTE — Às 21 e 30, da C. D. E. do Porto.
COIMBRÕES — Às 21 e 30, no Cinema de Coimbrões, da C. D. E. do Porto.
FAMALICÃO — Às 21 horas, no Cine-Teatro Augusto Correia, da C. D. E. de Braga.
LISBOA — Às 21 horas, no Centro Republicano Alberto Costa, da C. D. E.
OEIRAS — Às 21 horas, na Sociedade União Musical de Oeiras, da C. D. E. de Lisboa.
OVAR — Às 21 horas, no Cine-Teatro de Ovar, da C. D. E. de Aveiro.
SEIXAL — Às 20 e 30, no Salão Central Cinema, da C. D. E. de Setubal.
SERPA — Às 21 horas, no Cine-Teatro Esperança da C. D. E. de Beja.
VILA DO CONDE — Às 21 e 30, no Cine-Teatro Neiva, da C. E. U. D. do Porto.

DA U. N.

SINTRA — Às 21 e 30, no Cinema Carlos Manuel.

Os candidatos da U. N. pelo círculo de Setúbal visitaram Grândola e Santiago do Cacém

Os candidatos a deputados da . N. pelo círculo de Setubal deslocaram-se, ontem, a Grandola, onde contactaram com a comissão eleitoral, tratando ali de assuntos relacionados com o programa das suas candidaturas.

Visitaram também Santiago do Cacém, onde se efectuou uma reunião com o eleitorado, tendo o encontro decorrido em perfeito espírito de entendimento na fidelidade aos princípios de Marcello Caetano, defendidos pela União Nacional.

Hoje, os candidatos pelo círculo de Setubal deslocam-se a Alcácer do Sal, onde se realiza um colóquio com a população

● SESSÃO DA U. N. EM VISEU — A União Nacional promove hoje, á noite uma sessão pública de esclarecimento do eleitorado, na cidade de Viseu.

São oradores os candidatos dr. Almeida Couta, subsecretário de Estado da Administração Ultramarina; dr. Pinto Alves, presidente da comissão concelhia da U. N.; Fernando Malafaia Nunes e dr. João Manuel Alves.

SOMAGUE

Sociedade de Empreitadas Moniz da Maia & Vaz Guedes, S. A. R. L.

RUA CARLOS TESTA, 1

LISBOA

ADJUDICATÁRIA DA EMPREITADA DE EXECUÇÃO DA DOCA SÊCA N.º 13

DO ESTALEIRO NAVAL DA MARGUEIRA

para

a

LISNAVE — ESTALEIROS NAVAIS DE LISBOA, S. A. R. L.

O direit

Mesa-redonda em que tomaram parte António Galhordas (C. D. E.), António Pardete da Fonseca (C. E. M.) e Fernando Magalhães Colaço (C. E. U. D.). Interveio como moderador, a convite do «Diário de Lisboa», José Pinto Correia

MODERADOR — Antes de iniciarmos a discussão do tema desta mesa-redonda «Direito à Saúde e Assistência» parece-me útil tentar clarificar os conceitos destas duas expressões, isto por dois motivos: primeiro, porque o termo assistência é a meu ver um termo muito restritivo e que se encontra errado de conceitos antigos, implicações sociais de ajuda quase facultativa ou voluntária dos indivíduos aos necessitados. Este conceito parece-me hoje completamente ultrapassado, e foi de facto substituído nos tempos correntes pelo conceito de direito à saúde entendida num sentido lato, quer dizer, num sentido da saude global de corpo e espírito, que envolve não só o tratamento da doença como a profilaxia, a recuperação dos indivíduos, a sua perfeita reintegração na Sociedade. Este direito tem de ser por sua vez englobado num conceito muito mais lato da Segurança Social. Tenho a impressão que é nesta perspectiva de um conceito mais lato de Segurança Social que devem ser equacionados todos os problemas da realização ou da efectivação do direito à saúde e assistência tal como foi dado discutir. Não sei se algum dos presentes quer acrescentar ou dar alguma achega a estas noções iniciais ou se querem entrar directamente na discussão do problema.

ANTÓNIO GALHORDAS — Neste problema do direito à saúde e assistência e uma vez que o Pinto Correia acabou de fazer uma pequena introdução ao aspecto conceitual da questão, julgo útil, antes de entrar directamente na análise deste problema, proceder ràpidamente às seguintes afirmações. Não há dúvida nenhuma que no seu conceito, a saúde evoluiu muito ràpidamente sobretudo nos últimos vinte ou vinte e tal anos, nomeadamente após a Guerra de 39-45, na medida em que adquiriu o conceito lato que o Pinto Correia acabou de definir de que ela é sinónimo já não de ausência da doença, mas um sinónimo de bem-estar social e daqui que, na definição actual da Organização Mundial de Saúde, ela realmente é sinónimo de bem-estar independentemente das causas orgânicas, biológicas, psíquicas ou até sociais que impeçam esse bem-estar. Portanto a saúde, e peço desculpa de insistir naquilo que o Pinto Correia já disse, mas para me situar ràpidamentne na questão, a saúde passou de um campo digamos estritamente médico, porque realmente e habitualmente era e ainda é encarada, para um campo de natureza essencialmente social no domínio do seguro social ou da previdência social, conforme se queira. O outro problema é que quando a saúde atinge a forma de um direito do cidadão numa comunidade, é evidente também que pertence à comunidade preencher duma forma estrutural e orgânica esse direito. Esta, portanto, parece-me em síntese a análise actual do problema. Entrando rápida e directamente na questão, o que se verifica em Portugal é que esta concepção não foi tida em linha de conta; realmente após os anos 39-45 poderemos dizer foi quando o direito à saúde adquiriu quase uma institucionalização no domínio da constituição dos Estados, ou pelo menos na legislação dos Estados, tal como o direito à instrução se instalou provàvelmente duma forma perfeitamente definida após a primeira Grande Guerra de 14-18. Em Portugal, após 39-45, quando este direito à saúde começava a existir não só na consciência e no espírito das pessoas mas integrado já legalmente em algumas constituições e, pelo menos tácitamente, na quase totalidade dos Estados, em Portugal isso também não foi entendido assim e continuou-se a pensar — erro que considero no meu entender fundamental, nomeadamente por volta dos anos 50, que o Estado no domínio da Saúde tinha apenas um papel supletivo; este erro correspondeu, a um conceito em que saúde se identificava com caridade; o Estado com este seu papel supletivo pretendia apenas tapar lacunas que outras forças, que eu chamarei anárquicas, e outros chamam liberalizantes, mas que de qualquer forma não eram forças planificadas, procuravam por elas resolver o problema da Saúde. O Governo não entendeu o direito á saude, ao dar esse papel supletivo à organização do Estado neste domnio. Isto era um aspecto conceptual que estava ligado de resto às próprias formas conceptuais do Governo e do Regime. No aspecto técnico correspondeu a uma ausência de planificação porque da mesma forma o Estado considerava que, por exemplo, a estrutura hospitalar que dentro em pouco, o que já se adivinhava nessa altura, iria tomar o comando como forma diferenciada da execução da Medicina e promoção da Saúde, toda a organização hospitalar também ela, tinha um papel supletivo no domínio da Saúde. Isto são afirmações que etão expressas em pareceres da Câmara Corporativa do anos de 50, não me recordo agora exactamente da data, mas estas formas de apreciação do papel supletivo do Estado e da organização hospitalar no domínio da Saúde são formas de onde derivou toda a situação anárquica em que actualmente nos encontramos em Portugal. Isto correspondia como disse a um aspecto conceptual da parte do Governo, ao confundir Saúde e assistência como decorrentes da caridade e portanto de um acto voluntário da consciência humana e não como uma imposição dos direitos do cidadão perante a comunidade e da comunidade responder òbviamente, a esse direito como terá de responder a todos os outros. No plano técnico correspondeu a uma ausência total de planificação com a tendência para uma forma anarquizante e liberalizante, no sentido antifuncional do termo, de que resultou a situação actual. Por agora realmente julgo que é este o aspecto conceptual que eu devo citar como forma de orientação errada da organização da Saúde em Portugal.

A falta de uma lei orgânica do Ministério da Saúde

FERNANDO MAGALHÃES COLAÇO — A seguir à nossa aceitação do conceito expresso pelo Pinto Correia no qual Saúde e Assistência se podem identificar como segurança social e à resenha histórica tão bem traçada por António Galhordas, o resto é analisar qual a situação, de facto, em que nos encontramos em Portugal. Em minha opinião, no direito à Saúde tem sido talvez o único dos direitos sagradamente defendidos por esta situação: não conheço ninguém que tivese sido preso ou deportado por usar do seu direito à saúde. No que se refere ao problema da assistência, a situação é diferente — porque os que exigem direito à Assistência são físicamente incapazes ou mentalmente débeis para proclamar com força os direitos por si próprios. Por isso sou de opinião que devemos debater por um lado o problema da Saúde e por outro o problema da Assistência. Por este mundo em que vivemos o problema da Saúde suscita na sua discussão mil cuidados e eu direi que em Portugal suscita mil e mais um, e esse «mais um» deriva do facto de nunca sabermos, quando falamos de Saúde em Portugal, de que espécie de Saúde estamos a falar. Em 1958 foi criado o Ministério da Saúde e Assistência que teve até agora 5 titulares, nenhum dos quais fez publicar ainda a sua lei orgânica. Isto leva a crer que se pode mais uma vez chegar à conclusão de que em Portugal o tempo passa devagar e os ministros muito depressa. Dizia-se que o facto de os primeiros 4 ministros não estarem suficientemente informados ou não estarem suficientemente habituados a administrar problemas desta índole, nos traria uma vantagem inicial: o facto de não estarem informados significaria, por outro lado, que não estavam deformados. Não admira, portanto, que esse 1.º ano em que os ministros se debruçavam sobre problemas fosse gasto numa preparação pessoal dos muitos assuntos com que iriam entrar em contacto pela primeira vez, que o 2.º ano lhes desse certas vertigens quando tinham de pela primeira vez propôr terapêuticas sempre um pouco arriscadas porque teriam de ser tomadas à escala nacional e que o 3.º ano fosse para eles tão difícil que alguns chegassem a cair. Culpa-se então o ministro que não é médico pelo facto da sua inexperiência nestes assuntos, fazer com que o interesse político esmague os interesses médicos; e culpa-se o Ministro que é médico pelo facto da sua formação técnica ou profissional não o pôr ao abrigo das rasteiras políticas que surgem sempre quando um novo membro entra para o Gabinete. Não vamos discutir este «ser ou não ser» médico o ministro da Saude, uma vez que o que se exige ao ministro (da Saude, inclusivamente!) São características de estadista. Se tais talentos aparecerem num médico, tanto melhor para nós; mas eu não considero condição essencial para um bom exercício que o ministro seja, tenha de ser, um médico Diz-se em Medicina que «Um médico tira-lhe as cólicas, dois médicos fazem-lhe cólicas»; e eu digo que o facto de termos nesta altura pelo menos 5 ministérios a tratar em grande escala do problema da saúde em Portugal tem feito mais cólicas à saúde do país do que dois médicos lhe fariam. Há pelos cinco ministérios que interferem no problema da Saúde, alguns dos quais com concepções de administração completamente oposta e creio que valeria a pena determo-nos numa análise circunstanciada deste pormenor, ao iniciar a análise deste problema

ANTÓNIO PARDETE DA FONSECA — Embora correndo o risco de repetir o que afirmei na mesa redonda sobre Previdência, uma vez que se falou aqui que o direito à Saúde poderia ser encarado como um sinónimo de segurança social em que nós portanto incluiríamos não só a Saude propriamente dita, como a Previdência Social e apesar de nnão ser especialista na matéria, como antes de iniciar os trabalhos afirmei, tenho uma ideia talvez mais restrita ácerca da Saúde. Sempre considerei e considero, ainda, o problema da Saúde e Assistência separadamente; quer dizer, considero, talvez, por causa da visão que tenho dos problemas relativos à Previdência, embora eu não seja ainda assistente social, errada a solução de se integrar os problemas de Saúde e os problema de Assistência no mesmo ministério, porque considero que a Saúde se deve referir pròpriamente aos problemas de tratamento, profilaxia e investigação; os problemas de assistência são de tal maneira vastos e abrangem campos que não são problemas pròpriamente os campos da medicina e da saúde em geral que sempre achei que seria de toda a conveniência serem da competência doutro ministério que trataria exclusivamente dos problemas da assistência. No entanto, esta opinião é discutível e depende da organização dos seguros sociais, pois um ministério ou um subsecretariado, na medida em que existia uma Previdência social bem estruturada, não tem necessidade de ter um âmbito tão vasto.

MODERADOR — Tenho a impressão que, portanto, como o António Galhordas disse, por um conceito completamente diferente de Saude e ausência do conceito de segurança social, se chegou quase a uma situação anárquica no nosso País sobre problemas de Saude, e como o Magalhães Colaço depois concretizou, os problemas de Saúde, estão divididos à responsabilidade de 5 ministérios. Tal situação leva a uma ausência completa de coordenação ou de planificação até em relação à Assistência. Este é um dos aspectos do problema que me parece fundamental discutir:

...eito à saúde e à assistência sanitária

se realmente deve haver unificação no que diz respeito a problemas de Saúde e Assistência; se de facto essa unificação é ou não é necessária para uma planificação e para garantir (como se diz, por exemplo, no relatório das carreiras médicas) que cada português na altura precisa tenha os cuidados médicos que lhe podem ser prestados pela medicina na época em que nos encontramos, Este é um problema fundamental, mesmo no conceito restrito de Saúde como o Pardete da Fonseca defendeu, e é preciso saber-se, mesmo com esse conceito restrito, não precisamos de unificação e planificação dos serviços de Saúde. O outro problema, o qual gostaria que fosse também discutido e que me parece importante, é se o próprio tipo de medicina que hoje podemos realizar, portanto a própria evolução técnica, tem ou não alguma coisa a ver com essa planificação e unificação

ANTÓNIO GALHORDAS — Quero dizer resumidamente o seguinte: parece-me que o problema agora se começa a situar perfeitamente. Eu mantenho a minha posição de há pouco; julgo que hoje a saude está integrada no problema do seguro social de uma forma genérica, no domínio do conceito, de tal forma que tem hoje o nome de «seguro doença», como há a reforma, como há o direito ao trabalho; como há as outras formas de Previdência há o «seguro doença». A saúde está naturalmente inserida nesse contexto; neste sentido eu julgo poder dizer em síntese o seguinte: os problemas de Saude sofreram em Portugal o grave inconveniente de o Governo e o governantes de então e que são na continuidade os actuais, não terem compreendido na realidade o fundo destes problemas, quer por razões conceptuais quer depois naturalmente por razões orgânicas e da montagem das estruturas. Aqui quero desde já, em parênteses, dizer o seguinte: é evidente que estes aspectos de erro conceptual são a consequência de uma filosofia própria do regime e das doutrinas políticas em jogo. Estamos todos lembrados ainda do tempo em que procurava institucionalizar ou pelo menos organizar a Saúde na base do «slogan» — «os que podem aos que precisam» e tudo o que isso arrastou de ditorsão, de ausência de fundamentação técnica nos diversos departamentos, nomeadamente nos hospitais do País, com as implicações de natureza política, e as resultantes gravíssimas tecnocráticas ou tecnológicas que daí advieram. Portanto eu estou perfeitamente de acordo com o que disse há pouco o Magalhães Colaço e julgo que no momento em que ele diz que em Portugal chegamos à situação extraordinária de as organizações de Saude se diversificarem por 5 Ministérios, alguns dos quais entram em contradição, nos situamos no âmago do problema.

António Galhordas

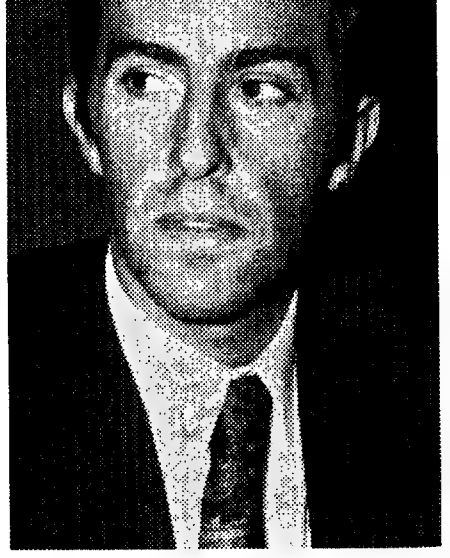
MODERADOR — No complemento do que está a dizer, como é que interpreta a criação dos Serviços Médico-Sociais das Caixas de Previdência? Parece ser um caminho em que não se considera a função do Estado como supletiva, mas sim garantir assistência médica a todos os cidadãos.

ANTÓNIO GALHORDAS — Eu penso que o Magalhães Colaço quer falar sobre este problema mas eu muito brevemente adianto já a minha opinião a esse respeito Os serviços médico-sociais da Previdência foram criados por força de um direito que se fazia sentir como já referi mas que foi deturpado em Portugal pela filosofia própria do regime e até pela sua orgânica e nesse sentido verificamos este facto; os serviços médico-sociais da Previdência nasceram e foram crescendo paulatinamente baseados no mesmo conceito de que eram uma forma supletiva, levados na sua filosofia e na sua essência de um espírito de caridade Assim todos nos lembramos que se evocava e até ainda se evoca o magro pagamento aos técnicos-médicos e outros técnicos, especificamente aos médicos, invocando que aquilo é um trabalho suplementar da medicina-base que eles desempenham, que é a medicina liberal. Como estas formas supletivas predominavam no aspecto técnico tudo foi realizado por democratas e desde já direi que os erros cometidos foram fundamentais; eu costumo sintetizá-los numa frase dizendo que quando *a Previdência burocratizou a medicina liberal* cometeu o erro técnico básico. Não o perceberam sequer os dirigentes de então que a montaram e os que a seguiram, porque o erro tem persistido gravemente sistemático, e de milhares, atinge hoje milhões de beneficiários mantendo-se exactamente igual a estrutura.

MODERADOR — Quer dizer portanto que os Serviços Médico-Sociais nasceram mais como consequência de uma pressão de direitos já iniludíveis a partir de certa altura, do que pròpriamente de uma filosofia de segurança-social do Estado.

Necessidade de um serviço nacional de saúde

DR. ANTONIO GALHORDAS — Poderei dizer que os serviços médico-sociais estavam sujeitos às forças sociais que se desenvolviam pelo mundo e que tiveram entre nós a aplicação própria de acordo com o regime, e aqui aproveito para falar de um conceito que já surgiu várias vezes no decorrer deste momento eleitoral que é chamar ao Estado Corporativo um colete-de-forças da vida portuguesa. Parece-me que o termo é perfeitamente aplicável neste caso, porque realmente os conceitos rígidos do sistema corporativo impediam a análise e o desenvolvimento da medicina social em todas as potencialidades que ela requeria.



António Pardete da Fonseca

FERNANDO MAGALHÃES COLAÇO — Assinalo estarmos três médicos a tratar de um doente grave, que é a Saúde em Portugal e continuarmos os três de acordo! Aproveitando uma ideia expressa pelo António Galhordas creio, direi que o mal não está só no facto de os governantes não se terem apercebido do rumo a dar a uma planificação dos programas de saúde neste país; pior é ter deixado a alguns Ministérios a liberdade de os resolver segundo os seus próprios critérios. E já que estamos a falar no Ministério das Corporações permito-me lembrar que segundo declarações oficiais,

Fernando Magalhães Colaço

José Pinto Correia

os Serviços Médico-Sociais da Federação das Caixas de Previdência cobrem hoje três milhões de metropolitanos. Eu diria «abrangem» porque me parece um termo mais médico, embora menos político. Ora se se aceita como densidade médica razoável cem médicos para cem mil pessoas deviam estar inscritos nos serviços médico-sociais das Caixas de Previdência cerca de três mil médicos. Desconheço o número certo, mas o que é certo é que fazendo um cálculo com números oficiais publicados há meses e de que dei conta no «Diário Popular», chega-se à constatação de que em certas consultas de clínica médica, em postos em Lisboa, os doentes chegam a ser vistos à média de 6 minutos. O Ministério das Corporações, através da Federação, publicou um extenso esclarecimento a esta minha nota, mas não desmentia o resultado a que eu tinha chegado. «Justificava-se» que a perspectiva estava viciada pelo facto de os Serviços Médico-Sociais da Federação disporem hoje de todo o pessoal clínico que trabalhe nos hospitais do País, o que para mim indica apenas que os Serviços Médico-Sociais da Federação conseguiram comprar todos os médicos hospitalares sem sequer lhes ter dado a oportunidade de discutir o seu próprio preço. Fala-se dos «Acordos» sem se mencionar que a Assembleia Geral da Ordem dos Médicos, em 19-2-66 aprovou por unanimidade uma moção em que se pedia que fossem anulados. Continuo a não achar um termo válido para definir uma política do Governo segundo a qual os médicos de qualquer hospital em Portugal serão hoje obrigados a trabalhar para a Federação dos Serviços médico-sociais de Previdência talvez sob pena de verem os seus contratos com os Ministérios de que são funcionários prescindidos só por isso. Portanto creio que basta quanto à Saúde tratada pelo Ministério das Corporações cujo respeito pela nossa classe chegou há meses ao cúmulo de oferecer 25$00 por cada consulta médica domiciliária após as 10 obrigatórias a que sujeita os médicos que servem os postos da capital. O Ministério das Finanças anunciou esta semana um serviço conhecido pelas iniciais de A. D. S. E., que é a Assistência na Doença aos Servidores do Estado, organizada ao que parece, em moldes que nem os países mais ricos do Mundo se atreveriam a propôr nestes termos e nesta altura. Em números redondos, 40 a 70% de desconto em consultas privadas a preço livre, e internamento gratuito em enfermarias dos Hospitais Centrais e do Instituto de Oncologia. Apenas me permito perguntar se o Ministério das Finanças conhece como subiram num ano as «fees» dos médicos norte-americanos depois que o «Medicare» entrou em vigor, e se terá procurado saber se todo o pessoal médico desses hospitais que vai prestar a assistência «gratuita» ao servidores de Estado teve conhecimento da medida por outra fonte de informação que não fosse a Imprensa diária. Outro dos Ministérios que intervêm na Saude do País. é o Ministério do Exército É do conhecimento geral que a quase totalidade dos nossos graduados partem pelo menos por 2 anos para o Ultramar e ficamos sem essa gente jovem, ávida de dar ao País a sua melhor contribuição clínica e cultural. É também do conhecimento público que nós, os médicos, nos encontramos mobilizáveis até aos 45 anos. Quero afirmar aqui que considero de absoluta prioridade uma cobertura médico-cirúrgica tão perfeita quanto possível à nossa tropa que está em África; mas permito-me reacentuar também aqui, o dilema em que nos encontramos: ou o Ministério do Exército mantém esta capacidade de mobilização do potencial médico da metrópole, privando-nos do número de médicos necessários para os programas de saúde essenciais ao Continente, ou arriscamo-nos com esta sangria a ansiar ingloriamente pela transfusão de que precisamos. Outro dos Ministérios que intervêm na Saúde do País é o Ministério do Interior; mas hoje a sua acção é relativamente pouco importante e nesta altura de eleições deve estar preocupado com problemas mais sérios — pelo que acho que devemos deixá-lo agora em paz. Decisivo é o papel do Ministério da Educação Nacional, tão importante que peço ao moderador para depois lhe dedicar um capítulo especial. Quanto ao Ministério da Saúde pròpriamente dito, sabe-se que foi criado em 1958 e de 1959 a 1965 sofreu uma redução relativa, mas progressiva, dos fundos concedidos pelo tesouro — o que, como se expressa no Relatório da Câmara Corporativa, não se coaduna com a orientação que levou á sua criação. É natural que o Ministério da Saúde e Assistência não se aproprie exclusivamente dos fundos oficiais e privados que se hão-de destinar a esses sectores, e que a vários sectores de outros Ministérios seja concedida certa liberdade de gerência dos dinheiros naturalmente necessário à manutenção de departamentos que toquem em assuntos de Saúde e Assistência; e é evidente ainda, que certo grau de descentralização pode tornar menos complicada e morosa a resolução dos problemas periféricos que por lá correm. Mas ter-se chegado a este grau do crescimento económico monstruoso de organizações como a A. D. S. E. e Caixas de Previdência chega a ser inacreditável. No entanto, a meu ver se isto passa pelo fenómeno mais fàcilmente perceptível duma falta de orientação administrativa, o cúmulo da gravidade que esta situação representa, está na outra face da moeda: a escondida, ou relativamente escondida, inexistência duma política de saúde do Governo. Note-se que não estou criticando sequer a morosidade do andamento dos empreendimentos da política de saúde, estou tentando dar a perceber que não há nada a discutir. «No princípio era o verbo» — pois nós estamos ainda no

(Continua na página seguinte)

O direito à saúde e à assistência sanitária

(Continuação da página anterior)

caos à espera do Verbo. E da verba também Gostaria de pedir ao moderador — e mais tarde me permitisse uma opinião sobre aquilo que se considera ser a rede hospitalar do País.

ANTÓNIO PARDETE DA FONSECA — Acerca do problema da dispersão dos Serviços de Saúde por cinco Ministérios queria acrescentar ao que disse há pouco, quando falei da minha ideia sobre um conceito restrito de Saúde, em que eu considerava que embora a ideia fosse restrital, quanto ao significado era mais lata, ou por outra, deveria ser mais lata do que aquela normalmente é tomada hoje em dia. Encontramos principalmente, dois Ministérios com grandes problemas relacionados com a Saúde, ou seja, o Ministério da Saúde, ou seja, o Ministério da Saúde e Assistência e o Ministério das Corporações este último, que abrange, como disse o Magalhães Colaço cerca de 3 milhões de portugueses metropolitanos. Isto significa que cerca de 7 milhões de portugueses não têm o direito a assistência médica estruturada, falando só na Metrópole como é evidente.

O direito à saúde não pode estar condicionado por qualquer contribuição, qualquer desconto, ou por qualquer situação profissional; o direito à saúde deve ser extensivo a qualquer pessoa só pelo facto de pertencer a uma determinada sociedade, se ela está doente tem a necessidade, tem o direito, de ser assistida e de receber o tratamento adequado para a sua recuperação, sem estar dependente de qualquer contribuição ou até mesmo da sua situação financeira.

Só se pode encarar o problema desta maneira se nós pensarmos na criação de um Serviço Nacional de Saúde, e eu depois gostaria muito que algum dos senhores me pudesse esclarecer neste aspecto o que pensavam sobre um Serviço Nacional de Saúde, que é uma coisa que não é nova e que nós vemos em países como a Inglaterra, a Suécia, a Holanda e a Austrália, que ele se encontra já bastante desenvolvido. É claro que se podem apresentar graves objecções ao Serviço Nacional de Saúde, mas poderemos apresentar mais graves objecções à nossa cobertura da Saude em que encontramos pessoas que, sistemáticamente, não conseguem tratar-se porque não têm meios, perdendo sistemáticamente horas de trabalho, perdendo-se inclusivamente, pessoas que não chegam nunca a dar o seu máximo rendimento porque tiveram uma infância em que não foram devidamente assistidas, e porque mais tarde, já depois de adultos, continuaram com a mesma ausência de assistência médica. Eu falo deste modo, continuo a dizer, dentro do aspecto do leigo. Este era um dos problemas que eu desejaria acentuar, que quando o seguro de doença que deverá ser constituído exclusivamente por prestação pecuniárias, pertencendo à esfera do Ministério das Corporações, que regularia a prestação a dar em caso de doença do assalariado, assistência médica, pròpriamente dita, deverá estar coberta por um Serviço Nacional de Saúde de que eu gostaria muito depois de ouvir falar. Entretanto, em relação pròpriamente á necessidade de médicos de que falou o Magalhães Colaço e em relação à sangria que há para o Ultramar com a mobilização desses médicos, queria acrescentar uma coisa que acho tem um certo interesse: Eu também estive dois anos na Guiné, não sou médico, e também atrasei a minha vida, não há dúvida nenhuma, também tive graves problemas pelo facto de ter que ir para o Ultramar o que não quer dizer que em relação a um médico esse problema não seja em certos casos mais graves pelos problemas de actualização que vai criar. Eu contactei, por exemplo, dois anos com o médico do meu batalhão e senti que ele se julgava quase que um médico provinciano, na medida em que não dispunha de meios para poder trabalhar e, antes pelo contrário, estava a perder algumas aptidões que tinha tido anteriormente. De qualquer das maneiras acho que é indispensável prestar uma assistência aos soldados que se encontram no Ultramar; bem sei que no caso dos médicos têm sido chamados alguns que já tinham com a sua vida organizada, homens com 30 e tal anos, alguns até com 35 anos», como eu conheci alguns casos, e que prejudicavam sèriamente a sua vida profissional, mas é completamente diferente o que acontece a um médico que acaba o seu curso e que portanto passado um ano ou dois é mobilizado para o Ultramar. No entanto, se nós precisamos de mais médicos, se o Exército necessita de mobilizar durante dois anos um cidadão que é médico, que é mobilizado juntamente com outros que são advogados, com outros que são assistentes sociais, com outros que são engenheiros, etc., não há pròpriamente uma discriminação em relação ao médico e creio que ainda não se põe actualmente o problema de uma remobilização. Portanto ele tem uma missão a cumprir nessa altura como também tem o trabalhador que larga o arado, o torno ou os livros.

«O Ministério da Saúde não foi capaz de dar o grande passo unificador»

MODERADOR — Queria reter da intervenção do Pardeto da Fonseca uma afirmação que me parece importante e que é realmente a existência do direito à Saúde pelo simples facto de pertencer à Sociedade. Parece-me que destes últimos depoimentos se fica com a impressão que a realização desse direito à Saúde na Sociedade portuguesa através de Hospitais, Serviços Médico-Sociais, Ministério do Exército, etc., tem sido feita de facto considerando sempre que esse direito à Saúde é ainda, essencialmente, realizado pela medicina liberal...

Ouvi falar aqui por exemplo, que não só em relação ao doente esses serviços não cobrem as suas necessidades, mas em relação ao médico, nenhum desses serviços cobre também as necessidades de vida profissional e até de remuneração do médico. Pardeto da Fonseca levantou também, enfim, o véu sobre a possibilidade de que uma organização unificada ou centralizada, o Serviço Nacional de Saúde, pudesse em grande parte resolver este problema. Parce-me que isso já envolve uma concepção totalmente diferente do direito à Saúde, e não aquela que tem orientado o Estado português até agora. Parece-me que seria altura de nos debruçarmos sobre este problema, já em função de poesibilidades construtivas em relação à possibilidade de um Serviço Nacional de Saúde no Estado Português.

ANTÓNIO GALHORDAS — Eu considero que a proposta do Pardeto da Fonseca de falarmos do Serviço Nacional de Saúde coloca já o problema no plano, digamos, das proposta de solução para a situação portuguesa. Quero ainda prestar aqui a minha adesão, ou a minha concordância com a explicitação que fez o Magalhães Colaço dos aspectos fundamentais dos diversos Ministérios com a qual estou inteiramente de acordo e eu permito-me, sob o perigo de me repetir, voltar ao seguinte ponto: continuo a considerar que a situação a que se chegou, que o Magalhães Colaço expôs claramente, se deve fundamentalmente, por um lado aos erros conceptuais donde se partiu, e pelo outro à ausência de forças reinvidicativas em Portugal. Pelo regime vigente, não é possível que as forças representativas façam sentir o seu peso nas estruturas de base e nos organismos superiores de execução; naturalmente que o direito à saúde surge como uma emanação de cima com o conceito errado dum carácter supletivo cuja perturbação na planificação técnica e no aspecto conceptual já há pouco tive ocasião de referir. Quero aqui em síntese afirmar concretamente, que realmente se deve ao imobilismo do Estado corporativo a ineficácia da organização da Saúde até hoje existente.

Assim, depois do pensamento conceptual dos anos 50 em que se afirmava, como já disse, que ao Estado competia um papel supletivo, por volta de 1960 a situação tornou-se alarmante e o próprio Governo se viu na necessidade de criar o Ministério da Saúde. Os médicos levantaram por essa altura o problema pela evolução que se adivinhava. Interpretando, por um lado a sua própria vida, cada vez mais frustrados profissionalmente e por outro lado as carências médico-sanitárias da população e dos doentes, eles lançaram o grito de alarme. É precisamente em 1958, que é criado o Ministério da Saúde, que se poderia pensar iria dar o grande passo unificador, que os médicos propuseram de resto, através do estudo exaustivo conhecido do «Relatório das Carreiras Médicas», perfeitamente adaptado às realidades de então, acentue-se, às realidades de então, pois que se passaram 11 anos depois dos estudos iniciais, e quase 9 depois do estudo completado. Simplesmente o Ministério da Saúde, limitou-se ao campo restrito que era anteriormente o subsecretariado da Assistência e mais nada; este é o ponto fundamental. Não foi capaz de dar o grande passo unificador; continuara todavia a crescer no seu erro sistemático gravíssimo a potente Federação das Caixas de Previdência, que não se repercutia pelos seus efeitos no País quando eram milhares de beneficiários mas que se repercute hoje e tràgicamente quando são milhões de beneficários. O Ministério da Saúde não foi capaz de vencer os obstáculos da imobilidade corporativa, não foi possível realizar a unificação que se impunha para que os recursos e os meios fossem totalmente aproveitados. Não tendo sido capaz de o fazer, é evidente que o Ministério da Saúde ficou 11 anos desde a sua criação numa situação imóvel exactamente igual ao momento em que foi criado, titubeante, não definiu até hoje um plano orientador da sua actuação; Saiu com duas medidas, a primeira das quais foram os acordos com a Federação de Caixas de Previdência cujos resultados, eu direi, desastrosos estão por demais analisados. Aproveito aqui para afirmar que esses acordos pelo seu esquema incompleto, estão de resto na linha de orientação anterior, ou seja na impossibilidade do Estado corporativo entregue à sua própria inércia e contradições, resolver os problemas de conceito e de orgânica em permanente evolução caindo fàcilmente no domínio da saúde em graves erros técnicos e na demagogia social.

MODERADOR — Se me permite interrompê-lo, parece-me que as afirmações de António Galhordas completam ou vêm na sequência de uma que fez Pardeto da Fonseca há pouco quando disse que se poderia deixar ao Ministério das Corporações, só a parte da Previdência e dos subsídios por doença ou outros, retirando dele os serviços médico-sociais ou a prestação dos serviços médicos. Era nesta linha de unificação que António Galhordas se pronunciava Talvez possa explicitar agora um pouco mais o que entende por unificação dos serviços médicos.

«Serviço nacional de saúde quer dizer racionalização planificada dos capitais»

ANTÓNIO GALHORDAS — Respondendo directamente à pergunta e esclarecendo o meu pensamento eu direi o seguinte: òbviamente estamos a falar pensando já num Serviço Nacional de Saúde unificado. Eu defino o aspecto conceptual que entendo neste caso; para mim realmente o que deve existir e o que resolve os problemas de saúde no país é um serviço nacional de saúde. Faço desde já a seguinte ressalva fundamental para que nos entendamos — serviço nacional de saúde não é sinónimo de socialização da medicina, isto é uma interpretação pessoal minha que já tive ocasião de esclarecer pùblicamente e é um ponto em que eu faço questão. Serviço Nacional de Saúde quer apenas dizer racionalização planificada de capitais e dos meios em bases científicas e técnicas, o que nunca se fez em Portugal, (vide Caixas de Previdência), porque aquilo que se procura obter da medicina é a sua resultante científica e técnica, no sentido de preencher as necessidades dos doentes e da população. O Serviço Nacional de Saúde é portanto uma racionalização de possibilidades. Terá a forma e o aspecto que tenha a infra-estrutura socio-política do País em que se realizar; òbviamente num país socialista os serviços nacionais de saúde são uma medicina socializada, num país não socialista, como por exemplo, a Holanda, ou a Suécia onde existe para todos os efeitos um serviço nacional de saúde, mesmo quando não tem esse nome, é uma racionalização de acordo com as disponibilidades; é evidente que em Portugal, na fase actual, e no contexto concreto da sua existência, os interesses privados, as formas de prestação privadas e outras, terão de ter a sua comparticipação, não se pretende neste momento em Portugal uma medicina de estado. Socializada seria uma medicina de estado, naturalmente, se Portugal fosse um país socialista; o que se discute é a racionalização dos meios e das disponibilidades que não foi feita em Portugal. Este é o grave erro e julgo que já adiantei a questão e defini perfeitamente o meu ponto de vista sobre o que se entende por um Serviço Nacional de Saúde, que de resto os médicos pedem há onze anos sem que o Governo, volto a repetí-lo, tenha sido capaz sequer de dar uma resposta; titubeantemente inicia agora alguns ensaios que estão longe de qualquer plano classificador da situação.

FERNANDO MAGALHÃES COLAÇO — O Galhordas disse sim, em relação à necessidade de criação de um Serviço Nacional de Saúde; eu também digo sim. E creio que o moderador também diria sim. Dizemos todos sim. Só o Governo diz que não. Se esta mesa fosse uma mesa de pé-de-galo invocaria os espíritos para iluminar o Governo. Voltemos então ao problema do Ministério da Saúde para tentar diagnosticar o que nos faz sofrer a todos. A organização da saúde do Ministério da Saúde e Assistência assenta naquilo que eu considero uma miragem e a que se tem chamado a rede hospitalar do País. Há onze anos que o Ministério anda a lançar esta rede, mas a rede está cheia de buracos. Quero dizer: está mal traçada e está mal lançada. Há três tipos de hospitais — Centrais, Regionais e Sub-regionais e, «grosso modo» poderia dizer que nos Hospitais Centrais se tratam alguns doentes, nos Regionais algumas doenças e nos Sub-Regionais algumas partes do corpo humano. Eu explico: se o doente dum Hospital Central necessitar duma transplantação renal terá de ir fazê-la ao estrangeiro; se o doente sofrer de certas doenças de sangue terá de vir para Lisboa, Porto ou Coimbra; se o doente partiu uma perna poderá, quanto muito, pedir que a embrulhem em gesso num hospital Sub-Regional porque nem sempre encontrará médico de serviço. Isto acontece por duas razões — que são paradoxo enunciadas isoladamente ou confrontadas. Acontece porque alguns Hospitais Regionais estão excelentemente equipados mas não têm pessoal especializado por falta de verba e porque em quase todos os hospitais Centrais há um núcleo excelente de médicos muito bem treinados até em serviços estrangeiros mas para quem nunca se encontra verba ou condições para lhes dar o equipamento que sabem exigir. Há muito que a Ordem dos Médicos entregou ao Governo um projecto perfeitamente exequível para preencher esta rede hospitalar, com pessoal médico à altura das circunstâncias; só há pouco o Ministério de Saúde e Assistência concordou que nada se faria em política de saúde que estivesse fora do espírito desse documento; agora publica o Regulamento Geral dos Hospitais e o Estatuto Hospitalar que contrariam em absoluto as grandes linhas desse Relatório. (A sua estrutura é tal que só depois se verificou que esqueciam a orgânica dos Hospitais Universitários. Ora um dos factores decisivos do rendimento hospitalar centra-se na Administração do próprio hospital. Daqui nasceu, cresceu e envelheceu a ideia de que o administrador do hospital não deve ser um médico — o que me parece conceito tão errado como o de exigir que seja um médico. Se o ministro precisa ter a visão de estadista, o administrador precisa ser um homem com sentido empreendedor e quem quer que seja, terá de respeitar as prioridades clínicas, estabelecida spelos representantes de todo o «staff» do hospital. Mas é certo que até agora, não vislumbrei a vantagem, a não ser política, de entregar a direcção dos nossos hospitais a um licenciado em Direito ou Económicas. Seria tempo de tentar a outra opção. Este problema toma talvez maior acuidade na administração dos hospitais universitários, cuja orgânica, só agora, por completo esquecimento, pasme-se, está a ser estudada por uma Comissão Nacional. Mas tanto num caso como noutro, as Administrações parecem espartilhadas pelos serviços de Ortopedia; cuidadosamente gessaddas e com recomendações de não correr... nem atrás do futuro. Para tais administrações não há nada que pareça urgente a não ser o Banco como se o Banco não fosse mais que o resquício anacrónico dos tempos em que no hospital só se trabalhava de manhã. Resolve-se então, começar a falar de trabalho «em tempo integral» para os médicos, esquecendo (de novo) que o tempo integral só é útil em hospitais integralmente equipados. O que resulta de toda esta falta de política de Saúde? Resulta que somos o país com mortalidade infantil mais vergonhosa da Europa; com maior percentagem de óbitos em doenças infecciosas e parasitárias, em tuberculose pulmonar e em tuberculose de outras localizações. Somos o país em que apenas 21% das parturientes teve assistência médica no biénio 61-62 e onde, para vinte e sete mil débeis mentais em idade escolar, existem apenas 300 lugares nos respectivos estabelecimentos. Gostaria de dizer ainda uma última palavra sobre o Ministério da Educação mas aguardo a ordem do moderador para tal. Em relação ao Serviço Nacional de Saúde quero acrescentar que o único parecer bem construído que me lembro ter lido, está publicado na revis-

(Continua na página 14)

Sessão da C. D. E. em Coimbra no domingo

COIMBRA 16—A Comissão Democrática Eleitoral do Distrito de Coimbra, tem desenvolvido uma intensa actividade em todos os concelhos, promovendo sessões publicas de esclarecimento ao respectivo eleitorado.

Assim, no próximo domingo, pelas 18 horas, realiza-se no Teatro Avenida desta cidade, a primeira das sessões publicas de propaganda eleitoral, onde usarão da palavra todos os candidatos pelo círculo, bem como outros oradores

Esta, será a primeira de uma série de três sessões a efectuar em Coimbra. Entretanto a Comissão Concelhia continua a levar a efeito reuniões em várias localidades, estando previstas, para o próximo sábado, sessões em Cantanhede e Penela; e no domingo, pelas 11 horas, em Assafarge e Cernache.

Sessão da U. N. no dia 23 para encerramento da campanha

A União Nacional prepara, para o dia 23, em Lisboa, uma sessão com que encerrará a campanha eleitoral.

Nessa sessão, usarão da palavra os candidatos pelo círculo de Lisboa, srs. conselheiro Albino dos Reis, embaixador Alberto Franco Nogueira, prof. Luís Teixeira Pinto, prof. João Pedro Miller Guerra, dr. José Guilherme de Melo e Castro e eng Fernando Santos e Castro.

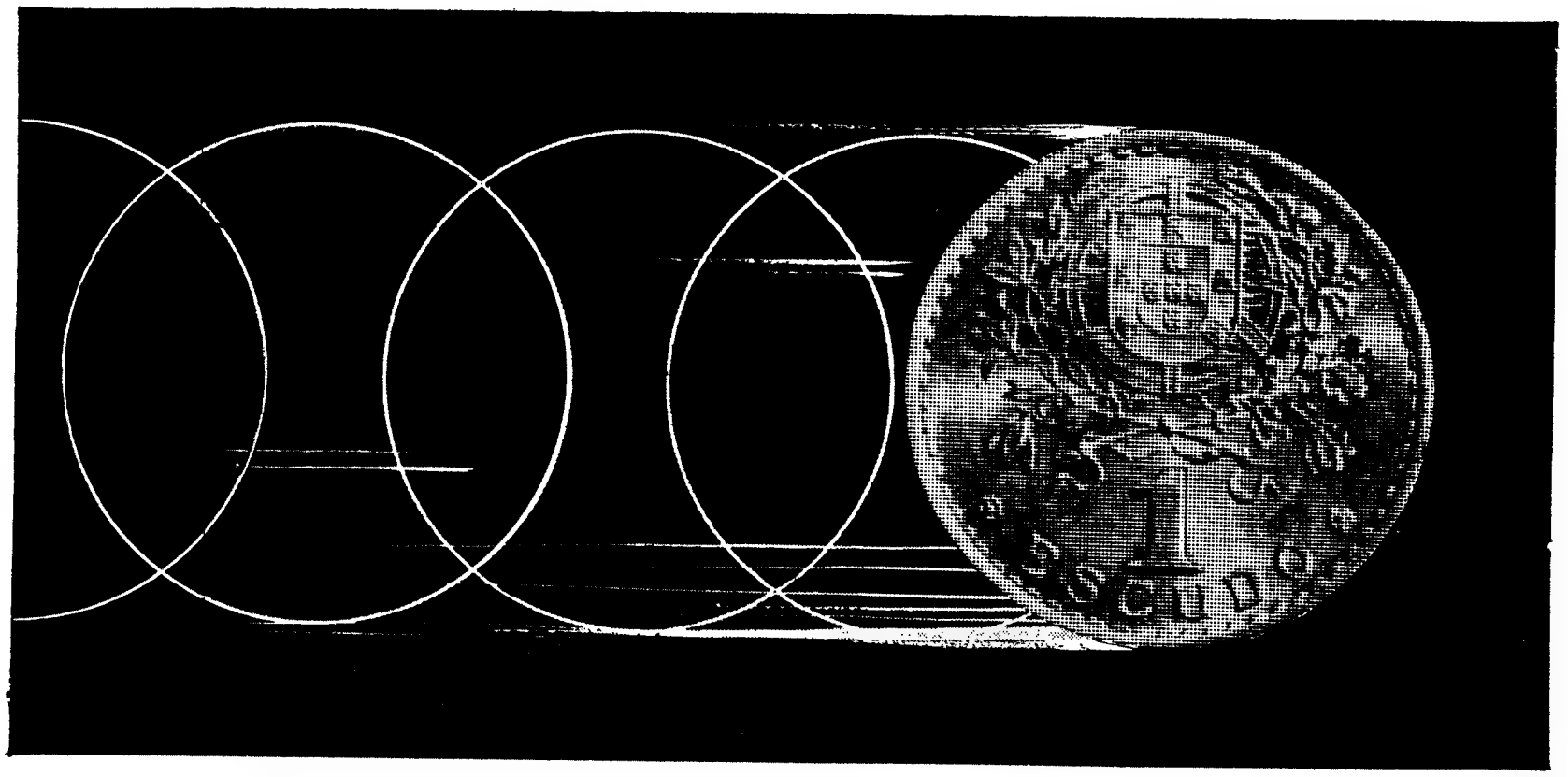
Poderá haver sessões de propaganda na «Capricho Moitense»

MOITA DO RIBATEJO, 16 — A recusa de cedência das instalações da Sociedade Filarmónica Capricho Moitense para a realização de uma sessão de propaganda da C. D. E. suscitou, nesta vila, um movimento de protesto, que ganhou expressão no pedido de uma assembleia geral.

A assembleia, pedida por 60 associados da colectividade, realizou-se anteontem á noite e nela foi decidido que as referidas instalações poderão ser utilizadas em sessões de propaganda eleitoral.

Novas comissões concelhias da U. N.

MONCORVO 16 — O presidente da comissão distrital da União Nacional conferiu posse aos novos componentes da comissão concelhia, srs. dr. João Leonardo, presidente; dr. Urbano Diogo, Ademar Coriolano Gabriel, Álvaro José Mateus e José Gabriel, Álvaro José Mateus e José António Sendas.



DINHEIRO EM MOVIMENTO
É SINAL DE RENDIMENTO.

Dinamize as suas economias, contribuindo para o desenvolvimento económico e social do país.

O BANCO DE FOMENTO proporciona-lhe:

Rendimento de 4,5% ao ano, isento de impostos.
Segurança total.
Colocação eficaz do seu dinheiro.
Disponibilidade dos depósitos por meio de livranças.

CONSULTE OS NOSSOS SERVIÇOS:
LISBOA
Rua Braamcamp,5
PORTO
Av. dos Aliados, 58-64

BANCO DE FOMENTO NACIONAL
IMPULSIONADOR DO CRESCIMENTO ECONÓMICO NO ESPAÇO PORTUGUÊS

CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA

EDITAL N.º 190/69

Faz-se saber que no dia 5 de Novembro de 1969, pelas 10 horas, terá lugar na 4.ª Repartição — Armazéns e Imprensa Municipal da Direcção dos Serviços Técnico-Especiais, Avenida 24 de Julho, 171-C, o concurso público para o «FORNECIMENTO DE UM TRACTOR DE RODAS», com a base de licitação de 100.000$00 (Processo n.º 123/69/CP/DSTE).

O depósito provisório é de 2.500$00 e o definitivo de 5% da importância da adjudicação, sendo o primeiro efectuado na Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência, suas filiais, agência ou delegações, mediante guia preenchida pelo concorrente de harmonia com o modelo 1, anexo ao «Programa de concursos para adjudicação de empreitadas e de fornecimentos da Câmara Municipal de Lisboa», publicado no «Diário Municipal» n.º 7673, de 24/10/1960.

O processo de concurso encontra-se patente, todos os dias úteis na referida repartição.

Paços do Concelho de Lisboa, em 11 de Outubro de 1969

Presidente,

António Vitorino França Borges

3º RALLY INTERNACIONAL TAP

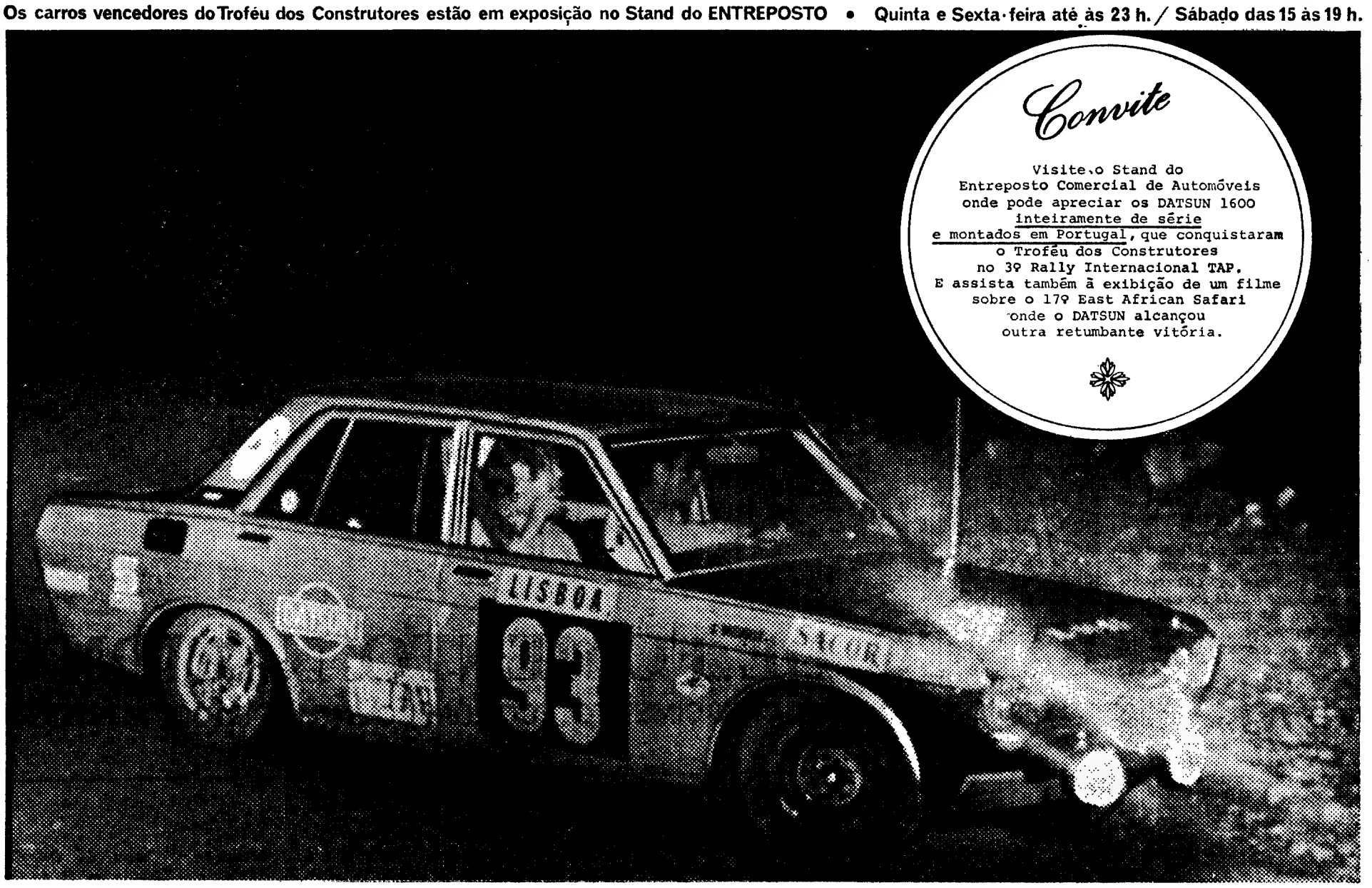
ESPECTACULAR VITÓRIA COLECTIVA DATSUN

120 carros à partida • 3 carros à chegada

2 DATSUN 1600 entre os 3 "sobreviventes"

1º lugar por marcas (Troféu dos Construtores)
2º lugar da geral (José Lampreia / C. Melville)
3º lugar da geral (Chavan/Loyens)

Os carros vencedores do Troféu dos Construtores estão em exposição no Stand do ENTREPOSTO • Quinta e Sexta-feira até às 23 h. / Sábado das 15 às 19 h.



ENTREPOSTO

NOVA DIMENSÃO NO MERCADO AUTOMÓVEL • **ENTREPOSTO COMERCIAL DE AUTOMÓVEIS S.A.R.L.** • Av. Duarte Pacheco, 21-A/ Telef. 685175/6/7/8 - Lisboa 3

NISSAN MOTOR CO., LTD.

Em Portugal tudo é ainda possível mas não dentro das estruturas actuais

—afirma a C. D. E. de Lisboa num comunicado

Da C. D. E. de Lisboa recebemos, com o pedido de publicação, o seguinte comunicado, intitulado «Irrealismo e Realismo»:

«Fixar os limites do possível — eis uma tarefa a que se dedicam por vocação lógica os conservadores de todas as latitudes, e muito em particular quando é deles o poder. Todas as propostas daqueles que se lhes opõem são utópicas, irrealizáveis, revelam um completo desconhecimento dos problemas, numa palavra: seria *impossível* passá-las à prática. Só eles, homens do poder, detêm o monopólio do *possível*, esquecendo-se de dizer que o possível não é mais do que o que se situa nos limites dos seus interesses (dos interesses da classe que representam). Certos sectores da oposição julgam adquirir um estatuto do realismo combatendo neste mesmo terreno. E aí os temos a dizer que é possível ir além do que vão os governantes, mas nunca mais longe do que eles próprios se propõem. Quantas vezes, por isto mesmo, se tem visto lá fora que, chegadas ao poder, as oposições constatam não ser *de facto* possível ultrapassar o possível anterior... Com efeito, mantidas as estruturas, intactos os interesses dominantes, nada é viável que a estes não seja directa ou indirectamente proveitoso.

A C. D. E. é irrealista? O seu programa é impossível de realizar? Acusações já esperadas e que, felizmente, nos foram feitas. Isto significa que nos situamos, sem equívocos, num campo claramente oposto ao dos que nos acusam. Para nós, em Portugal e neste momento, *tudo é ainda possível:* o possível não tem limites nem se define. Há que construí-lo, pedra por pedra, e não vemos tarefa mais digna de um povo há muito obrigado à memoridade.

É impossível construir e equipar escolas? Dar-lhes professores? Educar, finalmente, os filhos de *todos* os portugueses? É impossível construir e equipar hospitais? Dar-lhes médicos e enfermeiros? Cuidar, finalmente, da saúde de *todos* os portugueses?

É impossível elevar os salários, impondo aos lucros a função social que lhes compete, e controlando-a? É impossível descolonizar? É impossível terminar com as estruturas de repressão? É impossível estabelecer relações de amizade com todos os povos?

Tudo isto é, sim, impossível dentro das estruturas actuais. Tudo isto atingiria a minoria que hoje detém o poder político e económico. Os que aceitam a sua tutela estejam certos de que tudo isto é utópico e irrealista. Eles terão a pobre consolação de se ouvirem classificar de patriotas, defensores do Ocidente e herdeiros das virtudes dos nossos maiores — se se derem ao trabalho de lerem a Imprensa censurada, de ver a televisão monopolizada, de escutar os discursos e as conversas para famílias (pouco numerosas).

O nosso realismo, o nosso patriotismo resumem-se em acreditar que o povo português tem o direito e é plenamente capaz de decidir do seu destino — sem determinar limites à *sua* obra de reconquista de si próprio. O socialismo de que falamos, o que nunca fixámos dogmàticamente é essa *obra*, essa luta por certo dura e de todos os dias, que verá o possível avançar à sua frente.

Pela Comissão Política:

aa) *João Benard da Costa, José Manuel Tengarrinha e Luís Lindley Cintra.*»

A liberdade dos indivíduos no respeito mútuo

—entre os objectivos da U. N. apontados por um candidato numa sessão em Abrantes

ABRANTES, 16 — O conceito de organização económica no sentido do «*socialismo colectivista mais ou menos revolucionário*», que «*tem sido proposto por porta-vozes destacados da Oposição*», foi um dos pontos do discurso do eng.º Carlos do Amaral Neto, na sessão de propaganda da U. N. realizada no Cine-Teatro de S. Pedro, nesta cidade, e á qual presidiu o dr. Ismael Lisardo Chambel, vogal da comissão distrital.

Falando de improviso, o eng.º Amaral Neto disse que é bem diferente o conceito de organização de economia que, sob a orientação também socialista, nos oferecem os países mais adiantados da Europa. E exaltou a política social e económica da Suécia, que considerou como país livre onde prosperam as grandes industrias.

Usou depois da palavra o candidato dr. João Serras e Silva Pereira que, sobre as candidaturas apresentadas pela U. N. no círculo de Santarém, disse: «*O nosso programa, como candidatos a deputados, as metas que pretendemos atingir, já do conhecimento publico; dignificação, ou seja, a liberdade dos indivíduos no respeito mutuo; oportunidades, no desenvolvimento económico, intelectual e moral, como meio de realização de toda a gente e de cada um, e de acesso a condições de vida cada vez melhores; participação nos frutos do progresso e na construção do próprio futuro*».

Em nome do eleitorado, falaram a seguir os drs. Jorge Moita e Jorge Moura Neves Fernandes, que afirmaram o apoio á política de Marcello Caetano.

Falou ainda o candidato eng.º José Gabriel Correia da Cunha, que analisou o panorama económico português, apontando «*a sua condição de nação pluricontinental, o que, em certos casos, a torna vulnerável aos embates de uma evolução que, por toda a parte, segue um rumo acelerado no sector da economia*».

A encerrar a sessão, o dr. Ismael Chambel proferiu algumas palavras sobre os candidatos e concluiu: «*Que o concelho de Abrantes marque uma posição no próximo dia 26, votando em massa na lista da União Nacional, o mesmo é dizer, votar na ordem, no progresso, na família, por Portugal e seu Ultramar*».

A sessão da C.D.E. em Olhão

(*Continuação da pág. 7*)

mas unidades fabris, e perguntou a propósito:

— *O que é feito desse volumoso fundo corporativo que o Instituto Português de Conservas de Peixe arrecada de todos os industriais?*

Afirmou que Portugal não é um país racista, descreveu como a Democracia salvou o património ultramarino, repudiou as afirmações de que os democratas atacam a Igreja, sublinhando que a Democracia é tolerante para todas as religiões.

Seguiu-se como orador o sr. arquitecto José Veloso, que desenvolveu notável trabalho subordinado ao tema «Habitação para todos», afirmando que Portugal é, presentemente, o país mais atrasado de toda a Europa. Referiu, também, o magno problema da energia eléctrica, telefones, mortalidade infantil, os bairros de pescadores que considera obra de fachada, e abordou, igualmente a assistência defeituosa das Casas dos Pescadores.

E airmou:

— *Além do vergonhoso bairro de lata de Olhão, só em Lisboa existem 50 mil barracas de habitação que representam 50 mil chefes de família e um aglomerado populacional 200 mil pessoas.*

Referiu-se, depois, à modificação política que se impõe.

Declarou depois:

— *A Oposição concorrerá às eleições mesmo reconhecendo a sua inferioridade, em desvantagem com os homens da União Nacional.*

● «Os olhanenses sacudirão o jugo tirano que nos domina»

Falou, então, o dr. Dias Costa que declarou, de início, ser a ditadura um Governo impopular que se apoderou do mundo. Num minucioso estudo disse das deficiências do ensino em todos os sectores, desde o primário ao universitário e descreveu a falta de escolas, universidades e escolas de regentes agrícolas, acabando por pedir ensino gratuito para todos. Seguiu-se no uso da palavra o sr. dr. Luís Madeira que foi aplaudido de pé pela assistência, e que, num entusiástico improviso, recordou a expulsão dos franceses pelos olhanenses.

Descreveu pormenorizadamente o que é a política, afirmando que o homem é um animal político e quando o não é age como um irracional.

Apontou largamente a emigração da massa operária e as suas tristes consequências.

Defendeu, depois a instituição do «habeas corpus» e comparou a equidade entre a acusação política e o crime comum. Manifestou-se indignadamente contra a attitude do presidente do Município local por não ter permitido a colocação de dísticos no palco, colocação que se tem feito, de resto, pelo País fora.

Acusou a União Nacional de «esfalfada». Teve palavras de louvor para os monárquicos independentes, pela sua correcção na presente conjuntura política, e pediu o integral cumprimento do artigo 8.º da Constituição Política Portuguesa.

Atacou vigorosamente a censura à Imprensa, sublinhando os seus inconvenientes para o público, referindo-se «à Imprensa honesta e séria que, acima de tudo, vê os interesses do povo», apontando, ao mesmo tempo, para a mesa do «Diário de Lisboa».

Pormenorisadamente, descreveu à assistência o que foi o célebre mapa «cor-de-rosa» recordando como «algumas nações inimigas, entre as quais a nossa velha aliada Inglaterra, procuraram, durante a guerra de 1914-18 arrebatar-nos as províncias ultramarinas. Referiu-se ainda à figura íntegra do bispo do Porto, considerando-o um homem bom e sacrificado pelo bem comum. Confessou não ser católico e apenas um humanista como também é «essa figura austera do bispo do Porto».

A propósito do Ultramar, declarou.

— *Peça-se aos que atacam as possessões ultramarinas para deporem as armas e entrarmos em diálogo, pois não somos racistas.*

E terminou dizendo:

— *É o Governo que está em causa mas não a Pátria.*

Entusiàsticamente aplaudido, falou depois o velho republicano da Liga de Tavira, sr. Joaquim José Valente que leu uma mensagem escrita pelo seu conterrâneo sr. dr. Rui Teixeira Fialho, mensagem que tinha por título «Guia da Democracia».

● «A Oposição não é traidora»

O oficial miliciano combatente em Angola, sr. dr. Agueda Serrano, referindo-se ao problema ultramarino defendeu-o acèrrimamente e manifestou com veemência a sua indignação quanto ao termo traição usado pelos inimigos da Democracia.

E declarou a propósito:

— *Tenho em Angola todos os elementos da minha família e repudio assim indignamente semelhante termo, uma vez que ninguém pode pensar que os meus correligionários e eu poderíamos atraiçoar os portugueses com quem vivi, que amo e ali se encontram.*

Encerrou a sessão o sr. dr. Vasco Gracias, tendo o presidente da mesa, sr. Julião Florentino Topa, emocionado com o entusiasmo da assistência proferido breves palavras de exaltação, das qualidades do povo olhanense ali presente.

Foi então cantado em coro o Hino Nacional.

A sessão da C.D.U. no Vasco Santana

(*Continuação da 1.ª página*)

publica em Portugal de quatro em quatro anos.

O candidato dr. Raul Rego, nosso prezado camarada de Redacção, que foi o orador seguinte, analisou os processos em como é feita, no nosso País a Censura á Imprensa.

A escritora Etelvina Lopes de Almeida, abordou depois, o tema «A censura na Rádio».

O ultimo orador foi o candidato dr. Francisco Salgado Zenha, que falou sobre o papel desempenhado pela Secretaria de Estado da Informação em relação á Informação. Tratou, depois, diversos problemas relacionados com a criação e funcionamento das editoras.

O colóquio terminou com um debate, em que intervieram, entre outros, Vasco Granja e a jornalista Manuela de Azevedo.

A assistência entou, no final, o Hino Nacional.

ACTUALIDADE ELEITORAL

● REUNIÃO EM VIANA DO CASTELO — Na sede da candidatura da União Nacional de Viana do Castelo realizou-se, ontem, pelas 17 horas, uma importante reunião de trabalho, em que participaram mais de uma centena de individualidades responsáveis em todos os sectores do meio vianense.

O prof. dr. Gonçalves de Proença, ministro das Corporações e candidato a deputado, que estava acompanhado do candidato eng.º António de Lacerda e dos presidentes das comissões distritais e concelhias, orientou o colóquio, que se prolongou por mais de hora e meia.

Depois de se referir ás resoluções do ultimo Conselho de Ministros e á sua importancia para a vida nacional, o prof. Gonçalves de Proença respondeu a todas as pessoas que lhe apresentaram problemas sobre: o futuro aeródromo de Viana do Castelo; a importancia do plano de desenvolvimento regional e o papel das Casas do Povo nos meios rurais; os seguros dos automóveis estrangeiro em Portugal; a Caixa de Previdência dos Comerciantes; a nova melhoria das pensões da Previdência; a construção do bairro de casas económicas da cidade; a situação da Alfândega de Viana do Castelo e outros assuntos de interesse local.

● SESSÕES DA U. N. NO CÍRCULO DE LISBOA — Amanhã haverá em Moscavide uma sessão de iniciativa da comissão concelhia de Loures em que será orador, entre outros, o candidato eng. Alarcão e Silva. Ainda no mesmo concelho terão lugar outras sessões: Odivelas, no dia 19, com a presença da candidata D. Maria Raquel Ribeiro, e Sacavém no dia 20, em que falará o candidato dr. Pinto Leite.

No dia 21, à noite, terão lugar sessões em Mafra e Vila Franca de Xira. Na primeira, falarão os candidatos D. Maria Raquel Ribeiro e eng. Santos e Castro; na segunda, serão oradores os candidatos embaixador Franco Nogueira, prof. Luís Teixeira Pinto e eng. Alarcão e Silva. Alguns dos candidatos efectuarão visitas. na próxima semana, aos concelhos efectuarão visitas na próxima semana aos concelhos da Lourinhã e Arruda dos Vinhos.

O direito à saúde e à assistência sanitária

(Continuação da 10.ª pág.)

ta «Estudos», volume de Junho-Julho 1967 em que António Galhordas e Pinto Correia também colaboraram. Por ser exemplo de um texto, em que o problema da Saúde é tratado com a maior isenção e clareza, aqui deixo a melhor sugestão que sei dar aos interessados neste assunto. Mas não quero deixar de acentuar que tomara eu poder ter feito sobre o Serviço Nacional de Saude o tipo de observações de que António Galhordas nos expôs com tanto brilho e segurança.

MODERADOR — Não só em relação a problemas de coordenação, mas também em relação aos Serviços estritamente dependentes do Ministério da Saude, parece-me que os erros de conceito e erros de táctica são tais que a situação no que diz respeito a garantia do direito á Saude da população portuguesa é caótica. Eu gostava de saber se algum dos participantes quer acrescentar alguma coisa em relação ao problema hospitalar, que parece ser uma espinha dorsal de qualquer serviço que garanta o direito á saude. Nomeadamente gostaria que fosse abordado o problema da influência da evolução técnica da própria medicina na organização que temos estado a discutir, isto é, noutros termos, se a organização moderna é apenas um problema de evolução social ou de evolução de conceitos sociais de maior defesa de direitos ou se há também paralelamente a isso, problemas de evolução técnica.

O problema dos hospitais

ANTÓNIO GALHORDAS — Indo imediatamente ao encontro da proposta de discussão que põe o Pinto Correia, o problema da evolução técnica, óbviamente que sim, ela condiciona fortemente as necessidades evolutivas e a forma mais evidente onde isto se pode verificar é precisamente na rede hospitalar do país. Eu quero dizer em síntese o seguinte, sobre este tema já levantado de resto com muita oportunidade logo de início pelo Magalhães Colaço: a rede hospitalar do país sintetiza-se nisto, meia duzia de hospitais dependentes do Ministério da Saude, os restantes em situação absolutamente anárquica sobre os quais o Ministério da Saude não tem realmente poder e isso deve-se precisamente ao tempo, aos anos de 40/50, em que os hospitais de Misericórdia foram entregues pela política do Governo aos interesses ocasionais, regionais e outros, dado que os dispersaram completamente e os tornaram perfeitamente autónomos e desintegrados. Portanto esta é a situação da rede hospitalar do País. O Ministério da Saude tentou depois, e apesar de ser esse o seu ambito, unificar essa rede hospitalar do País; até hoje onze anos depois continua sem o ter conseguido de forma nenhuma; escapa-se-lhe toda a organização hospitalar do País e não consegue introduzir aí a planificação tecnológica e administrativa que se impunha Neste sentido eu queria muito brevemente falar no problema do Estatuto Hospitalar e do Regulamento Geral dos Hospitais que constituem a tentativa feita pelo Ministério da Saude no domínio da rede hospitalar do País. Magalhães Colaço já se referiu a ela mas eu permitia-me dizer o seguinte ao apontar-lhe os erros principais. Essa tentativa tem como erros fundamentais os seguintes: 1.º, reorganizou apenas a esquematização dos quadros médicos, por enquanto apenas nos hospitais centrais e o facto de já estar um ano atrasado do próprio prazo previsto no Estatuto para alargamento aos hospitais regionais e depois sub-regionais é a prova evidente do que acabei de dizer, de que o Ministério da Saude não sente força para vencer os tremendos obstáculos que encontra nesses hospitais regionais e sub-regionais e que o próprio Governo pela sua orientação criou. Mas, como dizia, o Estatuto Hospitalar nos hospitais a que se estendeu especificamente e por enquanto só nos hospitais centrais, procurou reorganizar os quadros médicos e este é o seu factor positivo. Nomeadamente quando abre o internato hospitalar a todos os médicos recém-licenciados e mais ainda quando se substitui o estágio de medicina pelo externato. Estes são os aspectos muito positivos de Estatuto e que correspondem a uma visão acertada do Ministério na sua elaboração. O que aconteceu, porém, e que não se modificou uma linha o substracto em que os hospitais se desenvolveram; o apetrechamento, as instalações continuaram na mesma. Faço aqui uma pequena chamada para dizer o seguinte: quando se realizou o acordo entre a direcção-geral dos hospitais e a Federação das Caixas de Previdência aceitou-se que os doentes passariam a ir ao hospital munidos de um direito: era o direito de beneficiários das Caixas. E modificaram os hospitais nessa altura as suas tabelas para todos os doentes e organizações sociais, de seguros e outras que acorressem a eles porque os hospitais passaram a receber não por um acto de caridade mas por um direito que o Estado passou a conferir aos cidadãos, simplesmente aconteceu que estes hospitais continuaram a funcionar recebendo cidadãos com um direito, exactamente com as mesmas condições de apetrechamento de instalações e de estruturas com que funcionavam no tempo em que funcionavam como hospitais de caridade, Isto é um ponto fundamental, e, portanto, indo agora ao encontro do problema e voltando aos regulamentos oficiais atrás citados, direi portanto que não modificando o terreno hospitalar, as carreiras e toda a estruturação de quadros técnicos que aí se procurou inserir não encontrou substracto estável para se instalar e este é um dos erros importantes. O segundo é um problema de ordem filosófica do regime e de ordem doutrinária do Governo que foi a não participação dos quadros técnicos e organismos base na gestão desses mesmos hospitais, de tal forma que todo o Estatuto Hospitalar está concebido, de acordo com um jogo político, na dependência total do poder central, todas as formas de direcção, mesmo as colegiais, não englobam aí representantes eleitos que é a forma natural da representação e de reivindicação dos direitos e da comparticipação dos quadros de base nas organizações onde trabalham; não têm aí acesso, e, portanto, tudo se faz depender do poder central de acordo com uma orientação que lhe é peculiar. Desta maneira, nós assistimos à criação de uma situação de não participação, de um hiato criado entre administrações e quadros técnicos e de uma não resposta às solicitações e às necessidades destes quadros. Este é um dos principais problemas do Estatuto e do Regulamento Geral dos Hospitais. Existe ainda uma situação verdadeiramente paradoxal que foi verificar que todas as medidas que o Ministério da Saúde tomou para tentar uma medida de autofinanciamento hospitalar, nomeadamente ao realizar acordos com a Previdência não resultaram como esperavam os que a conceberam. Permitiu-se a sua extensão a entidades privadas de finalidades lucrativas (casas de saúde) que podem também tratar doentes da Previdência. A partir deste momento gerou-se uma natural competição entre os Hospitais e aquelas entidades privadas e o que se verifica é que a balança tende para estas, pelo abaixamento progressivo do rendimento hospitalar em virtude das distorsões tecnológicas que os acordos introduziram na vida hospitalar e pela não modificação do substracto, atrás referida. As verbas que se deveriam dirigir para um autofinanciamento hospitalar são por força das circunstâncias desviadas para os interesses privados em competição com o Estado. É o próprio Ministério das Corporações, é a próoria Federação de Caixas, organismo do Estado ou, pelo menos, dependente directamente do Ministério, e, portanto, do Governo, que está ele próprio a fomentar, pelo tipo de esquema criado, a competição entre hospitais do Estado e as empresas privadas, ajudando à própria destruição da máquina do Estado no domínio da saúde. Não sei se este ponto ficou perfeitamente explícito mas eu não queria deixar de chamar a atenção para ele, pela enorme importância que ele adquire actualmente para explicar a perigosa rotura em que entrou a estrutura da saúde.

MODERADOR — Parece-me, pelo que disse o António Galhardas, que o seu pensamento é de que o Estatuto Hospitalar e o Regulamento Geral dos Hospitais não modificaram em nada o hospital no seu conceito antigo de hospício, quer dizer, essencialmente e ressalvado os acordos com as Caixas e com a A. D. S. E. aos hospitais acorrem os indivíduos não por razões técnicas ou por razões médicas, mas por razões do seu nível económico. Os hospitais continuam a ser, essencialmente, instituições de caridade, e isso repercute-se nas verbas, no nível do seu equipamento, na maneira como funcionam, etc. Pergunto-lhe se, de facto, este tipo de hospitais é compatível com a evolução técnica da Medicina, e se, portanto, é possível uma medicina isolada, uma anarquia da organização ou medicina liberal dentro da actual contingência técnica da Medicina, independentemente do conceito filosófico que se tenha da organização dos serviços de saúde ou dos direitos à saúde

A preparação dos médicos e o problema da enfermagem

MAGALHÃES COLAÇO — Julgo a ideia de que a evolução técnica permitirá que cada vez menos médicos tratem cada vez mais doentes é uma ironia de salão. Na América do Norte, o país onde a medicina científica atingiu o desenvolvimento que conhecemos e onde o número de médicos graduados no país é relativamente pequeno (facto do qual tem sida acusada a Associa Médica americana, que se interessa relativamente mais pela qualidade do que pela quantidade), em 1961 a densidade médica de 136/100 000 era considerada perigosamente baixa. Hoje é de 150/100 000 e continua a considerar-se insuficiente. Voltando ao nosso problma, uma palavra sobre as condições em que estamos preparando os médicos que hão-de preencher os nossos quadros do futuro. Uma última palavra, portanto, sobre o Ministério da Educação. O nível de saúde do País dependerá necessàriamente da qualidade dos seus médicos já que, quanto a número, bastará lembrar que a nossa densidade médica é de 83/100 000. A educação do médico é permanente e a sua escola permanente é o hospital. O verdadeiro centro de formação de médicos é o hospital de ensino, isto é, o hospital onde a Universidade estiver. A Universidade não pode nem deve continuar fechada à chave num hospital. Terá de expandir-se, desenvolver-se em centros a criar pelo menos nos grandes hospitais centrais. Não bastarão os exemplos dos «Associated eaching Hospitals» de Harvard e dos C. H. U. de Paris? Se não estamos em estado de avanço que valha a pena discutir, aqui, se a Universidade portuguesa deve formar clínicos ou cientistas médicos, o certo é que quanto mais perfeita for a educação do médico, isto é, a sua cultura universitária, mais fàcilmente se lhe vincará a noção do valor convergente das facetas preventiva, curativa e recuperadora da única Medicina que existe e mais despropositada lhe parecerá a tendência cíclica de se querer acentuar a relevância de uma de outra. Por isso, eu digo que não é formando médicos como as Faculdades de Medicina o estão tentando fazê-lo nesta altura que acabaremos por preencher os postos que agora estão vagos. Referindo-me particularmente a números, posso dizer que em 1968 seis assistentes ensinavam Anatomia na Faculdade de Medicina de Lisboa a mil alunos (um sistema de ensino não integrado ainda); e que se dão aulas de Medicinas Interna a turmas de 30 e 35 alunos. Embora nem sempre dependente do M. E N., outro problema muito relacionado com este é o da enfermagem. É verdade oficial que não temos pessoal para enfermagem; mas a verdade que se esconde por detrás desta verdade não é bem conhecida. Julgo poder dizer que vivemos num país cujas condições de atraso socio-económico permitiriam ainda que muita gente viesse seguir esta carreira. Simplesmente, não é com cartazes de meninas fotogénicas mas com salários compensadores e com regalias valiosas que se pode atrair a juventude para esta profissão. Algumas das enfermeiras dos nossos grandes hospitais nem sequer têm direito às refeições nos turnos em que trabalham e as «tardes» e as «velas» aguardam remuneração suplementar. Apetece-me concluir dizendo que a Medicina é uma nobre missão e que nisto, apesar de tudo, o que se não lhe tem feito e de tudo o que se tem deixado de fazer, acreditamos ainda. E garantiria que a maior parte dos médicos, enfermeiros e assistentes sociais a têm hoje sofrido talvez mais que alguns doentes.

ANTÓNIO GALHORDAS — O Magalhães Colaço tocou num ponto importantíssimo, o problema da enfermagem, que é no fundo o problema genérico dos quadros técnicos, outra das enormes falhas da política da Saúde em Portugal. É alarmante *a situação financeira e profissional, a programação e o rendimento dos técnicos no domínio da Saúde.* O problema da enfermagem, como o Magalhães Colaço disse, é verdadeiramente extarordinário no pé em que se encontra. Como ele disse, e eu estou perfeitamente de acordo, não se resolve com apelos titubeantes; neste sentido quero só citar o seguinte: sistemàticamente, e isto para mostrar a orientação que tem sido seguida, e de há uns anos para cá para corresponder aos apelos e á publicidade que têm sido feitos para atrair jovens e pessoas para a enfermagem, as escolas de enfermagem não se encontram aptas para receber os candidatos que lhes aparecem. Assim, o ano passado, por exemplo, a Escola Artur Ravara recebeu à volta de 500 e tal candidatas das quais apenas aprovou 200 e tal e nem todas puderam frequentar as aulas por a Escola não ter condições para tal Ao mesmo tempo que se fazia uma larga publicidade nos jornais e na televisão, não se criavam as condições básicas para ensinar e para preparar essas mesmas enfermeiras. Já não falando dos problemas do ensino da enfermagem, das remunerações que são nos hospitais muito inferiores às das entidades privadas, da necessidade imediata e premente de formar enfermagem e técnicos na saúde em regime de preparação intensiva, isto para responder aos próprios números oficiais do Governo que no III Plano de Fomento fala numa falta real de 9000 unidades no País em 1968 para responder ás necessidades que ele próprio considera mínimas.

MAGALHÃES COLAÇO — Este número a que o António Galhordas fez agora referência está calculado numa base de 1 enfermeiro para 500 doentes. Ora a verdade dos números recomendada pela Organização Mundial de Saúde é de 1/350. O que não quer dizer que só a Austrália o atinja; mas, de qualquer maneira, esse cáculo de 9000 lugares para preencher na enfermagem portuguesa da Metrópole é ainda uma estimativa por defeito

Revisão dos conceitos, da orientação e das estruturas

ANTÓNIO GALHORDAS — Muito obrigado Magalhães Colaço pela explicitação deste dado. Não quero encerrar esta análise do problema das técnicas (médicos, enfermeiros e outros quadros) sem chamar a atenção para as actuais condições de trabalho que lhes são oferecidas e que as lançam em permanente e grave frustação para o que concorre o baixo nível das remunerações e a falta de incentivo na promoção e no progresso profissional. O assunto requereria uma longa análise e julgo poder resumi-lo repetindo aqui o que já tive ocasião de dizer, como médico, há cerca de três anos, pùblicamente: corremos o risco de dentro em pouco já não compreendermos uma medicina que hoje já não praticamos. Quero só voltar a um ponto muito breve que o Magalhães Colaço aflorou numa determinada altura das suas intervenções e que é o ponto da Assistência na Doença aos Servidores do Estado e da recente entrada em vigor do seu funcionamento, especificamente no dia 1 de Outubro. Estou perfeitamente de acordo com o que o Magalhães Colaço acaba de dizer a esse respeito e quero chamar aqui a atenção para o seguinte facto: dizia eu há pouco que no seu início a Federação de Caixas de Previdência cometeu o erro técnico básico de realizar aquilo que eu chamei a burocratização da medicina social. Caminha-se neste momento a propósito da A. D. S. E. para um erro exactamente contrário, de resultados talvez ainda mais funestos, a liberalização da medicina social. Isto corresponde ao problema com o qual eu queria provàvelmente começar a chegar ao fim destas minhas intervenções nesta mesa-redonda. Trata-se dos parâmetros a que hoje deve obedecer a edificação das estruturas e organizações médico-sanitárias. A orientação tem de ser dada pela tecnologia e pela necessidade de uma resultante funcional máxima. Os parâmetros políticos, os factores sociais e as limitações de verbas poderão ser condicionantes mas nunca predominantes. Se assim não acontecer surgem imediatamente as distorsões estruturais e orgânicas e o resultado obtido é forçosamente de baixa qualidade, com grave prejuízo, neste caso, para os doentes que não auferem as possibilidades que a medicina tem para lhes dar.

Sempre que se procede á organização da medicina, estes conceitos e estes parametros não podem ser esquecidos. O binómio tem de oscilar entre uma programação tecnológicamente válida e os interesses reais dos doentes. Os outros factores condicionam, como dissemos, mas

(Continua na página seguinte)

(Continuação da página anterior)

não podem dominar o problema. A medicina social á na minha definição simplista a modificação que se gerou em que o cliente do médico já não é o doente mas a organização social. Isto é evidente hoje para todos nós, médicos e doentes. O que acontece é que para o seu exercício ambos têm que estar «socialmente» organizados. Os doentes nos esquemas sociais que os transformam em cidadãos — beneficiários da comunidade. Os médicos em esquemas de bases técnicas e científicas dentro da hierarquização de parametros que acabamos de referir.

Ora foi precisamente isto que a Medicina Organizada, que é o nome que a medicina social de presidência adquiriu entre nós, não realizou.

Organizou os doentes como beneficiários e simultaneamente organizou os médicos e os quadros técnicos como burocratas.

Procura-se agora a fórmula de alguma maneira inversa. Liberaliza o exercício da medicina e entrega-lhe os beneficiários. Económicamente julgo o problema inviável, funcionalmente desastroso.

A medicina liberal é o resultado natural da lei de oferta e de procura, não é uma resultante do Estado; é, se assim quisermos, um excedente da medicina social e será tanto mais praticada quanto pior esta ultima for e o melhor exemplo desta afirmação é a actual situação do problema em Portugal.

A unificação de saude impõe-se e com ela a revisão total dos conceitos, da orientação e das estruturas.

O sector da Assistência

MODERADOR — Portanto, se me é permitido tentar condensar um pouco a evolução da «Mesa» até este momento, parece-me que estamos, de facto, em face de uma situação em que o unico termo que a pode classificar é de catastrófica, no que diz respeito ás garantias do direito á saude da população portuguesa. Verifica-se que há uma ausência completa de organização, há descoordenação dos vários serviços que poderiam contribuir para a prestação desse direito, e quando vamos analisar os serviços em particular verificamos também graves deficiências técnicas, quer no que diz respeito, por exemplo, aos serviços médico-sociais das Caixas, quer no que diz respeito á rede hospitalar do País. Foi abordado também o problema da deficiente ou quase impossível formação de técnicos, não só no que diz respeito a enfermagem como a médicos. Isso é tanto mais importante quanto, como acentua o António Galhordas, há um aspecto tecnológico que não pode ser ignorado nem na planificação, nem na própria execução da medicina. A medicina hoje, no que diz respeito quer ao tratamento, quer á profilaxia, é essencialmente uma medicina de equipa, uma medicina que tem de ser integrada em organizações tecnológicas complexas. Por isso não nos adianta dizermos que temos bons médicos, como se ouve muitas vezes dizer em Portugal, se esses bons médicos não puderem integrar-se em equipas, ou se os doentes não puderem ser confiados a equipas de trabalho apoiados em máquinas ou em realizações tecnológicamente perfeitas. Penso que estes problemas podem ser mais ou menos encerrados e resta-nos algumas considerações, que talvez o Magalhães Colaço queira fazer, sobre outros aspectos da Assistência em Portugal, não directamente já relacionados especificamente com o direito á Saude.

MAGALHÃES COLAÇO — Sem duvida que aproveito, porque não queria deixar de ressaltar que não seria justo transpor para o sector da Assistência o que temos dito em relação ao da Saude. Foi a base da Lei 1998 que definiu pela primeira vez na legislação portuguesa o conceito de Assistência Social; mas fê-lo em termos tão latos que a Lei 2120, em 1963, entendeu sectoriar a Assistência Social em três planos: actividade de saude publica, actividades médico-sociais e hospitalares e assistência social propriamente dita. Deixando de lado, por agora, a assistência privada — uma das principais missões da qual me parece ser a de embaraçar muitas vezes a assistência oficial — quero fazer dois breves comentários sobre a assistência oficial. A Direcção-Geral da Assistência superintende uma série de institutos coordenadores: o Instituto Maternal, o Instituto de Assistência á Familia, o Instituto de Assistência aos Inválidos, o Instituto de Assistência aos Menores, cuja estruturação merecia uma crítica já tão especializada ou técnica que seria um pouco desonesto, até, pensá-la realizável no espaço de tempo que nos é dado. Quero dizer com isto que há ali um conceito de assistência, uma estrutura de instituições, uma coordenação de actividades intradepartamental, uma força de animo para as fazer funcionar que só merece louvor. O povo costuma dizer «Pelo dedo se conhece o gigante» e seria tão insensato acreditar que não existem gigantes destes na Administração, como acreditar que a Administração dará pela existência dos raros que possui. O que o Instituto Maternal realizou e realiza, em Lisboa, através da Misericórdia e no resto do País pelos organismos que orienta em Évora, Coimbra, Funchal, Ponta Delgada e outros, é prova insofismável do que vale a capacidade empreendedora de certos dirigentes. O que se fez na remodelação de estruturas relativas á Assistência a Menores, com o saneamento, passe o termo, de tantas instituições arcaicas e anacrónicas merece o nosso melhor elogio. Ora bem, o grande publico não acredita no que eu estou dizendo e não é preciso dizer que eu também não acredito que ele possa acreditar. Onde está o erro que altera as virtudes do conceito? O erro está no conceito do próprio Ministério da Saude e Assistência sobre o seu sector da Assistência. A comparação da nossa Direcção-Geral da Assistência com qualquer carro modelo GT, cujo consumo ultrapassa as nossas possibilidades financeiras resultaria errada porque o modelo nesse caso é utilitário mas justamente por ser utilitário obriga a grande consumo. E o Ministério da Saude, que nada percebe de GTS, toma a posição perante a Assistência comparável talvez áquele cientista que ao ver a pulga que sempre saltou ás suas ordens deixar de o fazer, quando lhe cortava as patas, concluí que o cortar as patas á pulga lhe corta a possibilidade de ouvir. Porque me parece que o Ministério concluiu que cortar as verbas á Assistência e ao arruinar-lhe a utilidade concluiu que as estruturas terão que ser «adaptadas». Os unicos dois «defeitos» que se poderão apontar á obra da Direcção-Geral da Assistência seriam: primeiro, o de não lhe ter sido possível efectuar uma articulação eficaz quando os problemas que têm a resolver imbrincam com os que estão na dependência da Direcção-Geral dos Hospitais — embora as culpas pesem, a meu ver, muito mais sobre esta. O outro, talvez de solução relativamente mais fácil, é o da «sinalização» para o publico, que muitas veizes não sabe a que «guichet» se dirigir. Mas tal como está organizada, julgo que é uma estrutura a manter e muito do que se tem feito em Assistência neste País deve-se realmente ao exemplo magnifico de visão dos homens que hoje têm a seu cargo a planificação desse sector. Não queria deixar de fazer uma referência a um factor crucial para o rendimento da Assistência e também da Saude: o preço dos medicamentos no nosso Pas. Eu permito-me classificá-lo de verdadeiramente escandaloso. Tanto quanto sei, resulta de dois factores: um, o peso dos impostos á importação de medicamentos estrangeiros, já de si caros: e o segundo, mais escandaloso ainda, o verdadeiro negócio que se consente aos grandes empórios de companhias estrangeiras, que estão a fazer nesta altura, á custa de um país em vias de desenvolvimento, o superdesenvolvimento de si próprios.

Os serviços de Saúde Pública

PARDETE DA FONSECA — Queria ainda acrescentar umas ligeiras palavras, especialmente quanto á minha participação nesta mesa-redonda.

Gostaria de poder ter crismado melhor estes trabalhos, contudo, como informei antes de iniciar-mos, tinha sido indicado para tratar o tema o dr. António Seabra que, no último momento, com grande pena sua e nossa não pode comparecer. Afim de não impedir a realização desta mesa-redonda ficou decidido há momentos que seria ou a pessoa indicada para a emergência, uma vez que se tratava de falar, também, sobre a Assistência. Chegados ao final verifico que a minha contribuição foi muito pequena por não estar preparado para falar sobre problemas técnicos tão ligados à saúde.

Quero ainda referir um aspecto que se liga não só com a Assistência como com a saúde. É o caso da formação de quadros. Não estou a pensar referir-me aos quadros médicos ou de enfermagem, mas aos quadros de serviço social que tão poucos cuidados têm sido no nosso País e que, após um período, o que pensámos viver essa profissão dignificada e valorizada. Neste momento o unico curso universitário de serviço social não aceita mais inscrições e ainda não começou a 2.ª época de exames para os actuais alunos, apesar da falta que existe de trabalhadores sociais e de o futuro antever uma procura grande desses profissionais. É este o cuidado que merece a preparação de quadros. Quanto aos vencimentos dos actuais assistentes sociais, á excepção de alguns de empresas particulares, só há que dizer que se impõe uma rápida actualização, a não ser que se queira transformar os assistentes sociais em simples amanuenses, num trabalho de rotina.

MODERADOR — Um sector a meu ver essencial dos problemas de saude do País que não foi ainda aqui abordado e com o qual penso que podemos encerrar esta mesa-redonda diz respeito á saude publica. É tanto mais importante quanto é certo que somos um país em vias de desenvolvimento, em que grande parte das tarefas estão por fazer, mas em que muitas outras estão em vias de resolução. Peço a António Galhordas se quer dizer algumas coisas sobre este problema.

ANTÓNIO GALHORDAS — Apenas o que poderei dizer acerca do problema da saude publica são aspectos muito genéricos e que se cifram naquilo que são quase lugares-comuns para todos nós. Em primeiro lugar quero dizer que Portugal no domínio da saude publica tinha tradições que não serão para desprezar e que vale a pena lembrar, ligados ao nome, sobretudo, de Ricardo Jorge e da obra que criou. Acontece, todavia, que o problema da saude publica é um problema verdadeiramente inserido nos restantes problemas, económico, cultural e social do País e naturalmente político. Neste sentido o que se tem verificado é que a saude publica tem acompanhado, naturalmente, na sua degradação, os problemas culturais, económicos e sociais, em face do mundo em premente evolução em todos estes domínios. Portanto eu julgo que o problema da saude publica necessita, tal como os outros sectores da saude, de uma normalização política completamente diferente. Aproveito a ocasião para definir agora um ponto de vista em relação a todos estes aspectos ligados ao problema da saude, não só da saude publica mas de outros departamentos; muitas vezes, e nós que aqui estamos á volta desta mesa, todos técnicos ligados ao problema da Saude, podemos dizê-lo, a maioria das vezes não dependem dos técnicos, nem mesmo dos organismos técnicos, os erros fundamentais, eles devem-se a erros de orientação básica, de orientações políticas; são estas que têm determinado o descalabro técnico e as distorsões gravíssimas em que se tem caído. Um exemplo frisante do que aqui foi apontado e com o qual estou de acordo foi o que Magalhães Colaço nos informou do que se está a passar no domínio da Assistência, em que realmente como uma pequena bolsa que se procura remodelar a ela própria onde foi introduzida realmente, bastante gente nova ultimamente, onde foi introduzida gente que começa a sentir os problemas, todavia isto transformar-se-á numa bolsa que será esmagada a seu tempo se os parametros políticos fundamentais não forem suficientemente norteados e eles estão ligados á solução fundamental que implica a ruptura da máquina burocrática corporativa que, eu volto a insistir, tem sido uma causa importante da situação em que nos temos encontrado. Portanto, talvez me tenha desviado um pouco para o problema de fundo, mas o que eu queria acentuar é isto: o problema que se põe é que além de uma tecnologia própria que se encontra hoje definida, através do papel que nisso teve a Organização Mundial de Saude, a saude publica depende fundamentalmente e está naturalmente ligada aos outros sectores e a outros aspectos fundamentais da economia, da cultura e da sociologia própria do país em que nos encontramos.

MAGALHÃES COLAÇO — Ao encerrar queria só dizer mais uma vez que me encontro em perfeito acordo com o António Galhordas e dizer que a solução do problema da saude publica não tem que ser encontrada para o publico mas com o publico, e que enquanto não for dada oportunidade mais ampla a todos de intervirem neste sector, a saude publica continuará a ser apenas a saude de que se ocupa um numero muito restrito dentro da administração

Seiscentas pessoas na sessão da C. D. E. em Pero Pinheiro

• Os candidatos não puderam estar presentes

Cerca de 600 pessoas — na sua quase totalidade trabalhadores — reuniram-se, ontem á noite, numa velha garagem de Pero Pinheiro, para assistir e, participar em, mais uma sessão de debate e propaganda organizada pela Comissão Democrática Eleitaral de Lisboa. Ao encontro de Pero Pinheiro, porém, faltaram os dois candidatos da C. D. E. que deviam estar presentes e usar da palavra: o prof. Pereira de Moura e o dr. Jorge Sampaio. Com efeito, e como foi esclarecido, diligências relacionadas com os acontecimentos que de tarde se verificaram na sede da candidatura, retiveram-nos em Lisboa, impedindo-os de participar na sessão, como estava previsto.

Presidiu o sr. Costa Mendes e tomaram lugar na mesa os srs. Firmino Martins (da Comissão Política da C. D. E. e candidato considerado inelegível), dr. Mendonça Neves, Casimiro Sérgio da Costa e José Joaquim Costa. Aberta a sessão pelo presidente, que proferiu algumas palavras iniciais, falou primeiro Firmino Martins que se referiu á candidatura da C. D. E. e ao actual momento político.

Em seguida, um jovem leu a Declaração Universal dos Direitos do Homem, e, depois, falou a sr.ª dr.ª Maria Benedita Monteiro, da Comissão de Mulheres da C. D. E., que fez uma análise das condições de inferioridade e desigualdade da mulher na sociedade portuguesa, referindo-se, nomeadamente, aos aspectos da instrução, do trabalho e da promoção social.

Em outro passo, a oradora versou os problemas da mulher casada, da educação dos filhos, da falta de assistência, nomeadamente no parto, assim como referiu — além do mais — a altíssima taxa de mortalidade infantil do nosso País, que afirmou ser a mais alta da Europa. Defendeu a greve e outros direitos dos trabalhadores, sendo muito aplaudida

Como não fosse possível realizar a parte de colóquio que estava prevista, o presidente encerrou a sessão — tendo antes, porém, um dos organizadores anunciado que se ia tentar fazer uma nova sessão em Pêro Pinheiro, na qual estivessem presentes alguns candidatos da C. D. E. A terminar, todos os presentes cantaram o Hino Nacional.

Parte da assistência — cerca de seiscentas pessoas — à sessão da C. D. E. em Pero Pinheiro

A sessão da U. N. em Vila Flor

(Continuação da 1.ª pág.)

mentel, candidatos a deputados.

Em primeiro lugar falou o dr Meneses Falcão, que saudou os presidentes das Camaras e da U. N. e os candidatos a deputados para os quais teve palavras de muito apreço pois embora seja monárquico, «hoje mais do que nunca os monárquicos devem estar ao lado de Marcello Caetano que encarna a Pátria una, que não se vende nem se troca».

Falaram depois os candidatos a deputados, dr. Artur Oliveira Pimentel e eng. Camilo de Mendonça.

Disse o eng.º Camilo de Mendonça que «*se enojava da política que por vezes agrava soluções*. Todavia — afirmou — terei de ser deputado pelas gentes e anseios de Bragança».

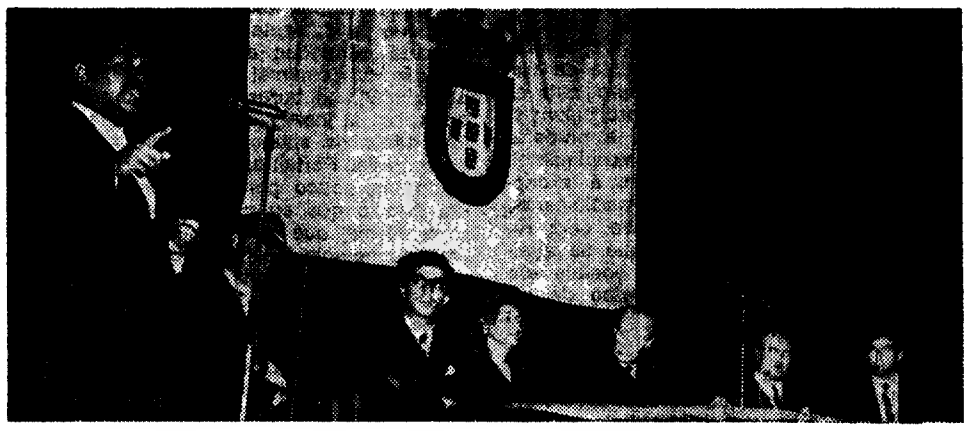
Mais adiante afirmou que não deixará de pelejar pelos problemas das estradas, que precisam de imediata solução.

Referiu-se, depois, aos emigrantes, que procuram na terra alheia o que não têm na sua. Lembrou que há trinta anos está por resolver a irrigação do fértil vale de Vilariça e há uma dezena de anos está carecida de água, esperando que esses magnos e prementes problemas sejam em breve resolvidos, pois o contacto que felizmente tem sido feito com o Presidente do Conselho «*tudo nos diz que virá a dar os seus frutos, embora sejam necessários muitos sacrifícios*».

O eng.º Camilo de Mendonça apelou depois para o eleitorado do concelho, ao qual está ligado por laços afectivos, pedindo união, fé e perseverança na acção do Governo. Se for eleito, pois é essa a sua linha de rumo, pelejará pelo progresso das terras do distrito de Bragança, dizendo estar certo de que «*haveremos de vencer com a ajuda de Deus*»

O eng.º Camilo de Mendonça foi inumeras vezes interrompido por aplausos, escutando no final uma ovação

Com vivas a Portugal, a sessão foi encerrada em ambiente de grande entusiasmo



Fernando Sylvan no uso da palavra na sessão da C. E. M. em Sintra, a que presidiu o escritor Francisco Costa

Se a U. N. tanto julga representar o Ultramar porque não incluiu autóctones em todas as suas listas?

—perguntou um candidato da C. E. M. na sessão de Sintra

A sessão de Sintra da C. E. M. presidiu o escritor Francisco Costa, que se encontrava ladeado pelos candidatos sr.ª D. Luiza Manoel de Vilhena e srs. Magalhães e Silva, António Pardete da Fonseca, dr. Fernando Sylvan, Fernando Quintais e Perry Vidal, este da comissão política. Por trás da mesa, uma bandeira da Restauração e, na plateia, pouca assistência — tendo declarado ao repórter um elemento da organização da sessão que tinham sido postas dificuldades á propaganda da mesma.

Falou em primeiro lugar o sr. Perry Vidal, que se ocupou do municipalismo, defendendo, quanto ao mesmo, uma linha integralista actualizada. Em seguida, usou da palavra a candidata Luiza Manoel de Vilhena, que se ocupou do problema do Ultramar, começando por afirmar que era de facto necessário ter estado lá para o compreender e amar: «*lá, e só lá, nos é dada a dimensão, em sentido material e espiritual, do mundo português*».

Referiu-se á história portuguesa e ás belezas das províncias ultramarinas, sobre as quais se espraiou em apreciações, e até descrições paisagísticas. Em outro passo citou «*a grandeza da Pátria e a fidelidade á História*» e fez um entusiástico elogio das Forças Armadas e dos jovens que se batem em Africa. Lembrou as vezes que já esteve nas províncias ultramarinas e nas zonas de combate, revelando que em Zala foi «*não só a primeira mulher como o primeiro civil a visitar aquele estacionamento*». E depois de muitas outras considerações concluiu afirmando que «*nós queremos e podemos conservar o Ultramar*» e que «*o nosso desejo de conservar o Ultramar toma a forma veemente daquela fé que remove montanhas, daquele querer que é poder*».

O candidato Fernando Sylvan começou por ler o nome dos candidatos da U. N. pelo círculo de Lisboa, convidando-os a desistir da sua candidatura «*em nome do interesse nacional*». Passando a tratar do problema do Ultramar afirmou que a U. N. tem «*uma linguagem mais que todas colonialista*» e que «*fala como se fosse ela a possuidora do Ultramar*». «*Quem consentiu* — continuou — *que esta gente oferecesse tutela tão fraca á gente do Ultramar?*»

E mais á frente: «*Queria perguntar á U N., se tanto julga representar o Ultramar, por que não incluiu representantes dos autóctones de todas as províncias nas suas listas?*». Esta pergunta, como outras palavras de Fernando Sylvan, foram sublinhadas com entusiasmados aplausos. E o orador prosseguiu: «*Considero isto mais do que uma incapacidade — uma traição*». «*Há uma espoliação por parte daqueles a que falta o entendimento da grandeza da unidade da Metrópole e do Ultramar*».

Depois, o candidato da C. E. M. terminou: «*Sou português pela história, pela filosofia e pela consciência. Por isso tenho o direito e o dever de perguntar aos meus governantes, ou melhor: pedir-lhes contas do Império que deixaram esquartejar*». A assistência, de pé, aplaudiu o orador e ouviram-se vivas a Portugal.

Por ultimo falou o sr. Jorge de Magalhães e Silva, que começou por salientar que neste momento «*a Oposição ao Regime tem as mais legítimas dúvidas sobre a genuidade do sufrágio que se aproxima. Mas é preciso ir até ao fim.*» Aplaudido, o candidato continuou:

«*Na sua ultima «conversa em família», o Presidente do Conselho perguntou se queríamos o Ultramar; queremos, mas sem a política governamental. Perguntou se queríamos a ordem; queremos, mas também queremos a liberdade.*

E mais á frente, já a concluir: «*Quarenta anos não foram suficientes para fazer a unidade, porque o que o Estado Novo sempre procurou foi a uniformidade.*

O presidente encerrou depois a sessão, congratulando-se com a elevação da mesma e sublinhando que é preciso marcar posição e esperar que o ambiente se modifique para que daqui a quatro anos a Nação já possa finalmente fazer ouvir a sua voz.

DL MESA REDONDA

SUPLEMENTO DO «DIÁRIO DE LISBOA» — ESPECIAL ELEIÇÕES — 16 DE OUTUBRO DE 1969

SUPLEMENTO
Diário de Lisboa
LITERÁRIO

N.º 584/16 DE OUTUBRO DE 1969

INQUÉRITO

O CINECLUBISMO, HOJE por que vivem, como vivem os cineclubes

(página 3)

A execução sumária

por João Palma-Ferreira

CHEIRO BEM, tenho o aspecto de quem tem 14 anos e um grande nariz redondo; deu-mo a natureza mas quis o destino e um parapeito decrépito que o quebrasse.

ASSIM SE EXPRIMIA Dylan Thomas, numa das suas cartas revendo-se de um estranho ângulo de humor, particularidade que lhe conferia um encanto peculiar, quer estivesse sóbrio ou completamente bêbado, ansioso ou momentâneamente esquecido das suas angústias, acicatado pelo medo ou confiante, apesar de tudo, confiante pelo menos em mais vinte anos de vida. E todo o seu «crescimento» intelectual é a derrota do bom senso que nele se intensifica à medida que vai concluindo que ao contemplar o mundo exterior nada pode ver, afinal, além da *escuridão que por vezes nada tem de belo*. E essa derrota do bom senso é tanto mais absurda quanto mais o poeta se aproxima de um idílico sentido da vida exterior, desse Laugharne que apaixonara Coleridge 150 anos antes, da quietude das colinas, da tranquilidade das vivendas, do ritmo sereno das marés, do voo alargado das aves, da suave e melancólica tristeza do cemitério onde acabou por ser sepultado.

A derrota do bom senso, que estilisticamente, mais do que artisticamente, o pobre Dylan converteu na ansiedade de renovação da palavra, e que em Joyce fora uma aventura cultural, é apenas uma tentativa desesperada de renovação das imagens ou a superação do tradicional e do hermèticamente figurativo. Mas o seu atávico narcisismo ou acentuado egocentrismo, ou, até mesmo, a insensibilidade artística ou pessoal ou a incapacidade de transformar, num irreal imenso, a chapa linear do real que quotidianamente se lhe apresentava, deveriam levá-lo a uma quase insuperável posição de impotência, a um desregramento lírico pungentíssimo, incompreensível, confuso, ou, como Stephen Spender sublinhou, a uma amálgama poética sem princípio nem fim, sem coerência vital. Não se esqueça nunca que o pobre Dylan insistia sempre, sóbrio ou bêbado, que os seus versos, isto é, as suas imagens, derivavam sòlidamente do mundo próprio de «carne e sangue».

A tragédia sumàriamente executada da vida de Thomas viria a apagar a fraqueza congénita dos seus versos profundamente românticos e ultrapassados na raiz da concepção. A sonoridade das imagens, a violência orgiástica da linguagem, a maldição do comportamento fariam de Dylan um mito humano, um homem que se distinguiria de qualquer modo, mesmo que não fosse escritor. Será possível admitirmos «bardos» galeses no século XX? Será possível admiti-los, quando esses mesmos «bardos» se queixam da sujíssima Gales?

A incoerência teatral de Dylan Thomas torna-se mais evidente à medida que o tempo passa e que a lenda, ao invés de se tornar mais significativamente forte, se esvai e roça o próprio esquecimento. E surge já quem comece a levantar sérios obstáculos ao interesse de uma poesia semienlouquecida, mas de uma loucura onde a genialidade toma o tom da incoerência exibicionista, e que apenas perdurou enquanto Dylan semivivo a pôde dizer. Sob este aspecto é curioso verificar-se que enquanto o prestígio da poesia de Dylan declina na Inglaterra, aumenta nos Estados Unidos que conheceram o poeta na glória das suas temíveis *tournées* e na virulência dos últimos arranques de autodestruição.

Dylan foi o Actor. Dylan foi o Poeta Sumàriamente

(Continua na 7.ª página)

Dylan Thomas: o génio não é um cão, nem mesmo quando jovem; será sempre um artista

Aquilino: um dramaturgo em potência

Teatro de Aquilino

por Carlos Porto

QUE ESPERA ENCONTRAR um leitor de Aquilino no seu teatro? Ou que espera um homem de teatro encontrar nas tentativas teatrais (e marginais) do romancista? Da conjugação das respostas a estas duas perguntas depende uma definição do teatro aquiliniano tal como seria previsível: trazendo a força e a riqueza da sua prosa, carreando nela os materiais humanos, sociais e estéticos que definem a sua obra, estruturada em situações dramáticas que muito dificilmente poderiam andar longe de um realismo, aliás específico, em que essa obra se expressa.

Sob estes aspectos, as duas peças de Aquilino não surpreendem: cá temos as qualidades (e os limites) duma escrita que não deixa de ser coloquialmente popular por parecer tocada aqui e acolá pelo eruditismo vocabular, uma escrita que tende para o dramático mesmo quando *não faz* teatro cá temos a paisagem em que os homens naturalmente se incrustam e de que naturalmente, radicalmente participam; cá temos os caracteres em que se tipificam certas relações humanas e veiculam acerbas críticas a toda uma teoria de maneiras de estar no mundo; cá temos os conflitos cuja violência não pode deixar de abrir-se (desencadeando-se em) para a morte, para o sexo, para Deus, na medida em que estas situações de paixão ou de fé são situações do *homem pletórico de vida*.

«O meu escopo foi dar a angústia e o desespero do homem pletórico de vida, não a amando menos que um César, surpreendido, como por um bandoleiro á esquina, pelo ucasse da morte», assim define Aquilino a peça «Tombo no Inferno». Esse homem é Evaristo. É ele *a personagem* da peça, no sentido de ser ela a bitola por onde é possível medir as outras personagens que, na sua esteira humana, são meros comparsas. Evaristo domina a aldeia pela sua maneira de ser homem — pela sua maneira de se *fazer homem*. Pelo trabalho, por um lado; pelo domínio das mulheres, pelo outro; pelo amor, por um terceiro. Mas o meio em que vive é demasiado mesquinho para que Evaristo não deixe, aqui e ali, de ser contagiado por ele. Toda a trama em que está envolvido (e de que se recuperaria através do amor, se a morte, *como um bandoleiro*, não lhe fizesse uma emboscada), seja o dinheiro que rouba ao irmão, sejam os truques de que se serve na apanha de solteiras e de casadas, é, ao fim e ao cabo, indigno da sua riqueza humana, mas ao

(Continua na 7.ª página)

Um novo Nabokov

NABOUKOV acaba de lançar um novo livro: *Ada*. O nostálgico aristocrata da corte russa que ele é, o ácido intérprete da vida norte-americana e o extraordinário prosador *(master of the English prose)* estiveram no sábado passado nos «écrans» da BBC.

Falando como quem escreve, com pontuação convencional e sintaxe de professor, Naboukov intrigou

os espectadores com a arrogância e a sinceridade das suas respostas. Génios da Literatura apontou apenas um, Tolstoi («autor simultâneamente dessa obra execrável que se chama Sonata a *Kreutzer* e dessa miscelânea bem organizada intitulada *Guerra e Paz*», observou). Da literatura soviética não reconhece uma obra grande. Dos autores contemporâneos recusou-se a falar.

Na opinião de Naboukov confunde-se génio com talento. Joyce é um talento, Maupassant será um talentoso. E quanto aos novos escritores americanos nem há palavras que os difinam: «Gastam-se em vocábulos grosseiros e nada mais.»

Das dezenas de manuscritos que os seus admiradores lhe enviam por ano, não encontrou um único digno de grande atenção e quanto aos críticos das suas obras nenhum deles merece que se perca tempo a lê-lo.

Eis, *grosso modo*, o caos do mundo literário segundo Naboukov. *Ada*, o seu

Naboukov: outra «Lolita»?

novo livro, foi posto á venda esta semana — e as primeiras críticas surgiram já. As cartas estão lançadas para o desafio das rudes e inclementes exigências do romancista.

A execução sumária

(Continuação da 1.ª página)

Executado pelo Actor. Foi o Homem que a si próprio fez concessão do próprio génio; o bêbado perdido que consumiu o talento numa desesperada, comovente, patética tentativa de se encontrar no tumulto de uma linguagem disparada ou embrulhada, espessa ou rápida, tépida de vício ou escaldante de excitação quase genésica. E mesmo os que tombaram extasiados perante a escondida grandeza de Dylan Thomas, mesmo os que o consideraram um modelo de inconvencionalismo em face de um mundo de convenções (Dylan, não obstante, disse, por vezes, os seus poemas para uma audiência onde imperava a convenção artística e literária) estavam longe da compreensão simplista do poeta inconsistente e romanticamente titubeante que vivia, afinal, no âmago de uma poesia desregradamente retórica ou simplista como poucas. E o drama maior do talvez mais infeliz poeta da moderna literatura inglesa residia, afinal, na incoerência trágica da sua personalidade, na demência de um comportamento turtuoso que o levou a afastar-se dos seus contemporâneos literàriamente mais dotados para viver na órbita de um submundo de literatos e de boémios, cultivando um mito de maldição e sofrendo desesperado as consequências imediatas.

Se compararmos Dylan Thomas a Malcolm Lowry logo sentimos a profunda diferença que há entre um dipsomaniaco cuja lucidez aumenta na medida directa em que devassa as profundezas mais ambíguas do vício, e um inerte da «beberagem» cuja incoerência ou desejo de impotência ou de indiferença aumentam na razão directa do desregramento. Se Malcolm Lowry bebia triunfalmente para conseguir uma compreensão mais pormenorizada, mais íntima da realidade e dos grandes símbolos da existência, Dylan Thomas envenenava-se ràpidamente para mais ràpidamente se acercar da escuridão ou da difusão de contornos onde se sentia protegido. A Execução Sumária de Malcolm Lowry era a ascensão do génio até ao momento em que a lucidez atinge o brilho máximo; a Execução Sumária de Dylan Thomas era um reflexo da sua necessidade atávica de subtracção à inteligência da vida. Ninguém fará de uma página de Hopkins uma recitação poderosa; em contrapartida consegue-se obter de quatro versos de Dylan um efeito meramente sonoro, verdadeiramente surpreendente.

A incorporação da vida na obra dos grandes génios é normalmente detectável pela forma quase humilde como a genialidade se dilui no dia-a-dia; a consciência absoluta do génio não determina necessàriamente um comportamento específico, um sacrifício do gosto de viver (ou do desgosto), uma assimetria de procedimento ou uma irregularidade atribiliária. O génio não é um cão, nem mesmo quando jovem: será sempre um artista, mesmo quando ainda jovem. Dylan diluia a vida no génio e não o génio na vida o que equivale a uma Execução Sumária ainda mais pérfida porque representa um sacrifício arbitrário muito mais grave. Eis, portanto, porque Dylan Thomas não subsiste mau grado o crescente interesse dos universitários norte-americanos que confundem o exibicionismo parademiúrgico e violentamente romântico e retórico do autor do *Retrato do Artista Quando Jovem Cão* com as recentes expressões da moderna contestação.

E, no entanto, quanto génio não houve na perdularização obscura de uma vida como a de Dylan Thomas?

JOÃO PALMA-FERREIRA

HN 2425
275 L.

Frigorífico

PHILIPS

UM OÁSIS EM SUA CASA

O frigorífico que cabe na sua cozinha e no seu orçamento. Pequeno por fora, enorme por dentro. Nove modelos à sua escolha. Em todos eles a qualidade, o serviço e a garantia de uma marca famosa em todo o Mundo. Entre outras salientam-se as seguintes características:

- **Economia de espaço e de consumo.**
- **Conservação ideal e por longo tempo dos alimentos.**
- **Distribuição racional e regular da temperatura desejada.**

A refrigeração nos modelos «Combi», de duas portas, faz-se pelo sistema F-H (Frio Húmido) que não permite a desidratação dos alimentos e dispensa a descongelação.

HN 2409 – 140 L. | HN 2411 – 155 L. | HN 2126 – 170 L. | HN 2133 – 200 L. | HN 2424 – 225 L. | HN 2132 – 305 L.

Teatro de Aquilino

(Continuação da 1.ª página)

mesmo tempo condição para que essa riqueza se manifeste.

Um dia um acaso — um cão raivoso acaba com tudo: Evaristo é posto perante o seu fim que, aliás, não aceita, e escapa-se para a serra, onde na solidão esperará a morte.

Com Evaristo confrontam-se personagens caracterizadamente aquilinianas: o Padre, a Alcoviteira, o Brasileiro, o Médico. A peça não se limita a dar o drama de Evaristo: outros dramas circunstanciais aqui afloram fruto da defeituosa organização social que Aquilino denuncia com aquela ironia que o caracteriza (problemas como os da emigração, da saúde, da superstição estão aqui bem presentes).

O que mais se admira nesta peça é, contudo, a ambivalência de uma personagem duplamente *danada:* no corpo, e no espírito (mercê de tudo o que a separa do meio em que vive); é a subtileza com que são dadas certas mutações da acção, certas definições de personagens: a maneira como se sugere, logo na primeira cena, a ligação de Evaristo com Carlota Roxa bem como as insinuações contidas nos diálogos travados entre os dois; a explosão, que não sendo inesperada surpreende pela força, do amor entre Evaristo e Branca.

Essa subtileza virá igualmente surpreender-nos na peça em um acto «O Manto de Nossa Senhora» sobretudo no primeiro diálogo em que o conflito se define entre os comentários anódinos dos jogadores, e depois no desfecho (todo o diálogo desta peça é extraordinàriamente expressivo).

O teatro de Aquilino foi confessadamente acidental na sua carreira: observa-se fàcilmente a ausência de ofício na pormenorização romanesca das personagens, por vezes no equívoco em relação ao valor dramático de certas situações: temo, por exemplo, que representado o terceiro acto de «Tombo no Inferno» não resulte tal como o autor o imaginou. Por outro lado, a encenação desta peça talvez implique alguns cortes para um melhor equilíbrio do conjunto. Nem por isso, e na pobreza do nosso teatro, me parecem desinteressantes estas tentativas. Muito pelo contrário: em «Tombo no Inferno» e em «O Manto de Nossa Senhora» (que não hesitarei em comparar a Santareno), há um dramaturgo em potência. Pena foi que outras oportunidades não tivessem dado a Aquilino o suficiente manejo de mão que lhe permitisse escrever o teatro que a sua enorme capacidade de criador fazia prever.

Agora no «Teatro Maria Matos», e pela mão de Igrejas Caeiro, iremos possìvelmente ter a prova real do que aqui com timidez se avança.

CARLOS PORTO

inquérito

O CINECLUBISMO, HOJE

No momento em que entre nós se debate, com particular vivacidade, o problema do cinema como veículo de cultura e se propõe mesmo uma restruturação de base da indústria cinematográfica nacional, com suas naturais incidências económicas e sociais, pareceu-nos oportuno — e porventura útil — abrir as nossas colunas aos actuais responsáveis do movimento que estabeleceu a dinâmica para uma cultura cinematográfica viva, autêntica e participante: o movimento cineclubista, hoje sem o fulgor da hora inicial.

Para tanto, consultámos seis das associações mais poderosas e de maior amplitude: os cineclubes ABC, Imagem e Universitário, de Lisboa, e ainda os do Porto, Coimbra e Barreiro, a cujas Direcções enviámos o seguinte questionário:

1. **Verifica-se presentemente uma certa estagnação rotineira nas actividades dos cineclubes portugueses. No entender desse cineclube a que se deve uma tal circunstância?**
2. **Quais as medidas julgadas necessárias para um reactivar do movimento cineclubista em Portugal?**
3. **No actual contexto político, económico e cultural do País, quais as medidas práticas e imediatas de actuação?**

Eis as primeiras respostas recebidas:

CINECLUBE DO BARREIRO

CINE-CLUBE DO BARREIRO

O CINECLUBE DO BARREIRO inaugurou as suas actividades no dia 29 de Janeiro de 1960, com uma sessão onde foi exibido o filme *Humberto D*, acompanhado por uma palestra de José Cardoso Pires. Os estatutos haviam sido aprovados a 25 de Novembro de 1958 e da comissão organizadora faziam parte todos os entusiastas da primeira hora.

De 1960 até hoje, o C. C. B. promoveu 179 sessões, 106 das quais em 35 mm e 68 em 16 mm, editando, como complemento teórico e elucidativo, *Boletins Informativos*, distribuídos exclusivamente para os seus associados.

O C. C. B. organizou ainda um curso de cinema que despertou grande interesse por parte dos sócios, tendo-se deslocado ao Barreiro, por essa altura, variadíssimos realizadores, técnicos e críticos cinematográficos que desenvolveram matéria teórica e prática.

Com cerca de 500 associados, o Cineclube do Barreiro tem a sua sede na Rua Conselheiro Serra e Moura, 111, no Barreiro.

1

a) Ao desinteresse da maioria da massa associativa cineclubista, que gosta de usufruir das actividades programadas, mas não lhe interessa, por comodismo ou inércia, trabalhar em comissões ou fazer parte dos quadros dirigentes.

b) À falta de um Estatuto de Cinema Não Comercial, que, posto em prática por uma Federação dos Cineclubes Portugueses, plenamente aceite por todos (o que não sucede, por não estarmos de acordo com os seus Estatutos, para os quais a maior parte dos Cineclubes, a exemplo do nosso, numca foram ouvidos quando da elaboração do seu Decreto-Lei) permitisse um intercâmbio fílmico interclubes, com subsídio estatal e isentando-se os cineclubes de encargos fiscais no aluguer das salas de espectáculos. Ao contrário, continuaremos a ser simples promotores de «sessões clássicas» e não verdadeiros cineclubes, situação essa de que nos acusam, mas da qual não somos culpados.

c) Aos condicionalismos oficiais impostos para a efectivação de palestras nas salas de espectáculos e de colóquios, não só nesses recintos, como nas sedes dos Cineclubes, e de outras associações culturais ou desportivas.

2

a) A continuação dos Encontros Nacionais dos Cineclubes para uma acção conjunta em prol do Movimento, suspensos há anos por imposição das entidades oficiais, após reconhecerem pelo Decreto-Lei n.º 40 572 o movimento cineclubista como «*um facto relevante de educação e cultura*».

b) Uma plataforma comum ao nível de Cineclubes do Norte, Centro e Sul do País para uma programação de acção conjunta, o que infelizmente, ainda hoje é difícil de concretizar na cidade de Lisboa, para só citarmos um exemplo.

c) A ajuda económica do Ministério da Educação Nacional para a divulgação do cinema como factor cultural, junto das escolas, sociedades recreativas, etc.

d) Um maior apoio da Cinemateca Nacional no empréstimo de filmes.

e) A possibilidade de através da filmoteca da Rádio Televisão Portuguesa nos serem emprestados filmes culturais.

f) A efectivação de Semanas de Cinema, a exemplo da que realizou o Cineclube do Porto, de 2 a 10 de Dezembro de 1967, de óptimos resultados no aspecto de uma ampla discussão comum em face dos mesmos problemas, e hipóteses de solução para os mesmos, com subsídios de entidades oficiais ou da Fundação Gulbenkian, que patrocinou em parte essa iniciativa, e na qual o Cineclube do Barreiro esteve representado, tendo o seu sócio fundador, sr. Vítor Cardoso apresentado uma comunicação.

3

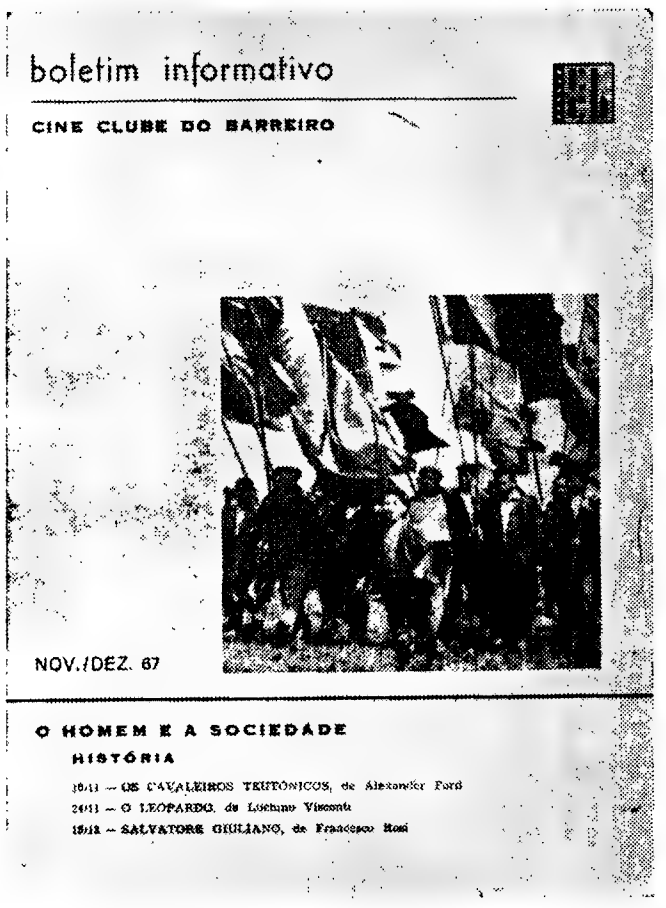
a) A efectivação de sessões de formato reduzido, que, dentro das nossas possibilidades e dos condicionalismos impostos, possam-se realizar em escolas, sociedades recreativas, desportivas, fábricas, penitenciárias, orfanatos, etc.; e, se nos autorizarem, seguidas de colóquios com os assistentes.

b) A publicação de boletins informativos, folhas soltas com críticas para distribuição entre os associados, etc.; actividade que de há muito, e parece que da melhor maneira, nos temos ocupado.

c) A realização de Cursos de Cinema e de Fotografia com aulas teóricas e práticas.

d) A efectivação de Concursos de Cinema de Amadores e de Crítica (textos fílmicos).

e) A preparação de quadros dirigentes através de Cursos de Animadores Cineclubistas.



CINECLUBE IMAGEM

O CINECLUBE IMAGEM, criado em 1952, é o segundo cineclube a ser fundado em Lisboa. Ao longo dos dezassete anos da sua intensa actividade, este cineclube promoveu numerosíssimas sessões de 35 mm (no *Jardim Cinema*, nas três últimas quintas-feiras de cada mês), sessões de formato reduzido (normalmente no Centro Espanhol), sessões infantis e debates (na sede), para além de manter com regularidade a publicação de um boletim bimensal.

Com cerca de setecentos sócios, o Cineclube Imagem (cuja sede se acha situada na Rua D. João V, 6, 3.º, direito) pode orgulhar-se de ter contribuído vivamente para o progresso e maturidade do movimento cineclubista português.

1

cineclube imagem

A ESTAGNAÇÃO a que faz referência tem várias razões. Julgamos todavia que, não é uma recolha de razões de maior ou menor peso, o que interessa neste momento, mas apontar aquela que efectivamente foi determinante. É questão fulcral que está em causa e não as restantes que dela já são reflexo, embora a sua intervenção no processo de estagnação seja igualmente importante. Estagnação que — é sempre bom lembrá-lo — não só se verifica nas actividades dos cineclubes, mas em todo um processo de cultura e na própria vida nacional em conjunto.

Até 1958, data em que os cineclubes ainda puderam realizar o seu IV Encontro Nacional em Santarém, com mais ou menos acutilância puderam desenvolver uma actividade dinâmica e efectivamente fundamentada nos interesses reais das comunidades em que se apoiavam. Os conflitos, atritos e dificuldades diziam respeito, muito mais ao desarranjo, desconfiança e até certa incompetência dos meios mercantis do cinema, do que propriamente ao cerco — e esta é a questão fulcral — que a partir de 1958 lhes seria movido. Falámos de cerco e na verdade, dentro dele foi instituída oficialmente uma rígida proibição de contactos, estiolaram ou até desapareceram cineclubes até então activos; fora deles outros apareceriam subordinados — legalmente ou não — a uma vi-

(Continua na 7.ª página)

O que é e o que faz um cineclube

Define-se Cineclube como: «Associações de fins não lucrativos, tendo por objectivo principal a projecção e estudo de filmes em sessões privadas, com o fim de, por este e outros meios, contribuír para desenvolvimento da cultura cinematográfica entre o publico, interessado pelo conhecimento da história, da técnica e da estética do cinema.»

Cita-se a Associação dos Amigos do Cinema, criada no Porto, em 1926, como o primeiro agrupamento a organizar-se no nosso país, visando a difusão pelos associados, sem fins comerciais, de uma autêntica cultura cinematográfica. Este teria sido o primeiro cineclube português.

Em Lisboa, o mais antigo é o ABC Cineclube de Lisboa, fundado em 1951. Em 1952, criaram-se o Cineclube Universitário de Lisboa e o Cineclube Imagem, chamado até 1954 Clube Imagem.

Em 1956 dá a sua primeira sessão o Centro Cultural de Cinema e, em 1958, é a vez do Cineclube Católico. Ambos são de filiação confessadamente religiosa.

O mais recente cineclube chegado á área de Lisboa é o Cineclube do Barreiro, datado de 1960.

Pelo Decreto-Lei n.º 40 572, de 16 de Abril de 1956, o Governo da Nação, reconhece oficialmente o movimento cineclubista como «um facto relevante de educação e cultura».

Um cineclube tem por objectivos: a) divulgar o cinema como meio de expressão artística e veículo de conhecimentos e de integração do homem no mundo contemporâneo; b) estudar a história, estética e técnica do cinema; c) defender e impulsionar um autêntico cinema português; d) contribuir para o desenvolvimento do filme experimental; e) impulsionar e auxiliar o cinema didáctico e o cinema infantil.

Um cineclube organiza e promove: a exibição e o estudo de filmes de interesse cultural e artístico; b) a divulgação de filmes de curta-metragem sobre arte, ciências, técnica e vida e hábitos dos povos; c) a organização de sessões com filmes importantes da história do cinema português; d) a realização de debates, palestras, conferências sobre problemas da cultura e da arte do filme; e) a publicação de boletins, revistas, cadernos, antologias de carácter informativo, teórico e crítico; f) a criação de secções de cinema experimental; g) a formação de bibliotecas e arquivos; h) a organização de exposições de interesse fílmico.

A VOZ E OS MEIOS EM DUBUFFET

por Rocha de Sousa

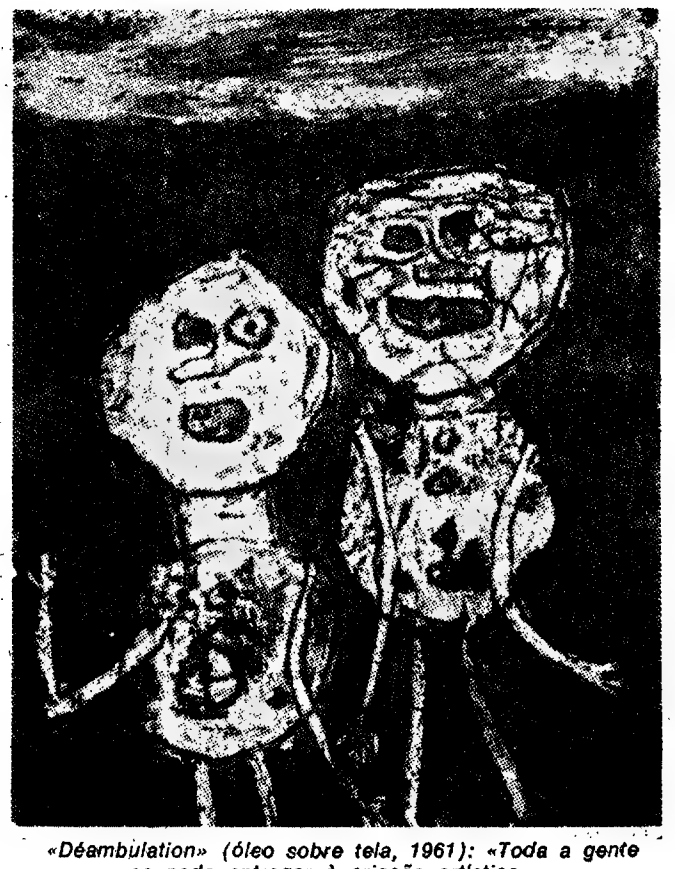
O ARTISTA não é feito apenas da sua obra: tem uma vida,, um modo de ser, tem a sua carne. A obra é também a sua carne, mas o quotidiano, um grito, a própria fraqueza, estão nela em termos especiais. Há, por assim dizer, um limite. Donde o seu desespero e a sua grandeza. De certo modo, o homem todo envolve a obra, está por fora e dentro dela.Hoje é cada vez mais insistente o princípio de que o homem e a obra vivem èticamente ligados. Conhecer o artista na sua voz quotidiana, na sua filosofia particular, será de certo modo iluminar o aparecimento e o existir da sua obra. E cada vez é efectivamente mais importante descobrir essas correspondências, revelando a hereditariedade do produto e a finalidade mais ou menos objectiva que ele persegue. É preciso no entanto não nos esquecermos de que sse produto tem, uma vez exposto, a sua própria voz, tem direito à xistência, pertence aos homens que o utilizam: só tem inteiramente sentido se lhe respeitarmos a autonomia.

JEAN DUBUFFET (1) no museu é circunstância que se deve entender a esta luz. Os museus constituem actualmente um meio de estabelecer com o público o diálogo ainda difícil sobre a criação e os seus problemas. Promovem a informação e, se forem vivos, conduzem o visitante às mesmas perplexidades do artista, estabelecem as interrogações fundamentais que a obra de arte põe. Nesta medida, o museu pode acompanhar o movimento das ideias, propondo-as e também, com elas contestando o que vai sendo contestado.

Aí podemos então entender a permanência de parte da obra de Dubuffet nas salas de um museu (2) já que a sua reflexão e a sua violência pertencem a dimensão da hora que vivemos. Para além de certas tradições falsas e ilusórias, essa escrita tem o mérito de ser explosiva, desnudando as estruturas primitivas da criação. Desvenda o homem e nega a oportunidade do expediente académico, tanto na arte de ontem como na de hoje. A sua provocação sem decorrer de artifícios de circunstância, sobrevive intacta perante o poder de assimilação de um público já desfibrado nas suas resistências típicas. Contra a comodidade dos juízos feitos, contra a própria cultura no que ela possa ter de forma estabelecida, Dubuffet assume uma posição espiritual que é reveladora de uma nova consciência. Aí é tão importante o que ele diz como o que ele pinta. Nisso está o autor envolvendo e explicando a obra; com a lucidez e a propriedade que ninguém mais pode realizar. Trata-se, como ele próprio afirma, de uma celebração lúcida, depois de iluminados todos os fumos e todas as camuflagens. Mais do que novidade, a sua obra encerra efectivamente essa celebração da verdade. Daí o seu peso e a sua violência, as coisas que reabilita, os seres que desvenda. O que está fossilizado revive nela pela aparência das formas e a nudez pétrea dos seres desfaz-se dentro do nosso espanto ou da nossa inquietação, porque nos pertence.

A minha ideia não é exactamente a de que a arte não precisa de nenhum exercício (todo o artista se esforça por aperfeiçoar as suas técnicas), mas a de que o artista não precisa de nenhum ensinamento vindo de outrém, de nenhum estudo do que fazem ou fizeram no passado os outros artistas. Estou inteiramente convencido de que não importa quem, sem qualquer conhecimento ou habilidade especiais, sobretudo sem que nada tenha a ver com não sei que pretensas disposições nativas, pode entregar-se à criação artística com todas as possibilidades de sucesso. Será necessário apenas que ele descubra os meios de expressão que mais lhe convenham, que lhe permitam exteriorizar os seus humores sem nada falsear nem nada perder; é isto que é difícil.

Mais do que o talento, mais do que a excelência da aprendizagem técnica, berta pessoal e a adequação dos meios. É necessà- Dubuffet valoriza a descoriamente um problema que hoje se retoma, porque de novo é preciso redescobrir a origem do gesto que afirma. É preciso raspar a superfície impecável e sofisticada de certos produtos que nos rodelam, recuperar a carne dos objectos, limpar o seu disfarce e o seu engano. Na sua obcessão de se apropriarem dos materiais surpreendentes que sobejam da civilização envolvente, os artistas destroem muitas vezes o sentido do que mais profundamente exprimem. É preciso recuperar o trabalho paciente da investigação, despojando-o da manobra vã, reconduzindo-o ao que é esencial dizer, A corrente expressiva liberta-se paralelamente à sinceridade. O que é verdadeiro, que decorre da experiência pessoal e da reflexão, pode escapar ao cenário da hora mas nunca ao plano da história.



«Déambulation» (óleo sobre tela, 1961): «Toda a gente se pode entregar à criação artística»...

PRONTUÁRIO DAS LETRAS

ESCARPIT NA ARCÁDIA

O pequeno mas preciso volume com que Robert Escarpit contribuiu em 1958 para a colecção «Que sais-je?» — «Sociologie de la Littérature» — está finalmente vertido em português e a preço tão acessível como nas terras gálias de origem (o que nem sempre sucede nestas andanças do compra-traduz-edita). É uma edição da Arcádia, n.º 73-74 da sua série BAB. A adquirir quase obrigatòriamente.

No catálogo da mesma Arcádia uma «Correspondência de Guerra» (BAB, n.º 107-108) trocada de Julho de 1941 a Dezembro de 1943 por Churchill e Staline, que constitui o primeiro volume de uma série de três a completar assim que possível. Os dois restantes incluem (II)as mensagens entre os dois estadistas no período de 1944-1945 e (III) a correspondência coeva Staline-Roosevelt.

«FUNÇÕES DA PINTURA»

Uma das novidades anunciadas pela Bertrand é a colecção dos principais escritos de Fernand Léger — «Funções da Pintura» — que será o próximo número da Enciclopédia de Bolso. Também no catálogo da Bertrand um novo Erskine Caldwell («Linha de Verão») e a «História do Teatro» de Léon Moussinac.

HUMOR PORTUGUÊS

As Edições Afrodite, que recentemente lançaram a «Antologia do Conto Abominável», preparam-se para colocar nas livrarias ainda este ano a «Antologia do Humor Português», com orientação literária de Ernesto Sampaio e Virgílio Martinho, gráfica de João Abel Manta e António Sena. Os dois primeiros seleccionaram os trechos, contribuindo Sampaio também com um prefácio, e ambos — Sampaio e Martinho — com notas. Ambição desta Antologia: mostrar que há um outro humor português (crítico, corrosivo) para além da simples larachã.

NÃO A D. DINIS

Na sua recente «Poesia del Luecento nella Penisola Iberica» (Edizioni dell'Ateneo, Roma, 1969), Giuseppe Taviani adianta a seguinte opinião: o poema «Pero muito amo, muito non desejo», geralmente atribuído a D. Dinis, não seria do trovador-monarca, constituindo afinal um apócrifo interpolado de data posterior. O mesmo se passaria com «Donna e senhora de grande vallia», que se tem dito ser de Juyão Bolseyro. A confirmar-se a tese de Tavani, cai por terra uma outra, qual seja a de a arte maior ter tido origem na lírica galaico-portuguesa, passando depois, e só depois, à lírica castelhana, como disse Santillana. «Pero muito amo» e «Donna e senhora» não são exemplos precoces da arte maior no cancioneiro galaico-português: alguém os juntou tardiamente ao acervo anterior, declara Tavani. Quer dizer que os poetas do cancioneiro estariam na origem de muita coisa, mas não de tudo.

«CHEGÁMOS À LUA!»

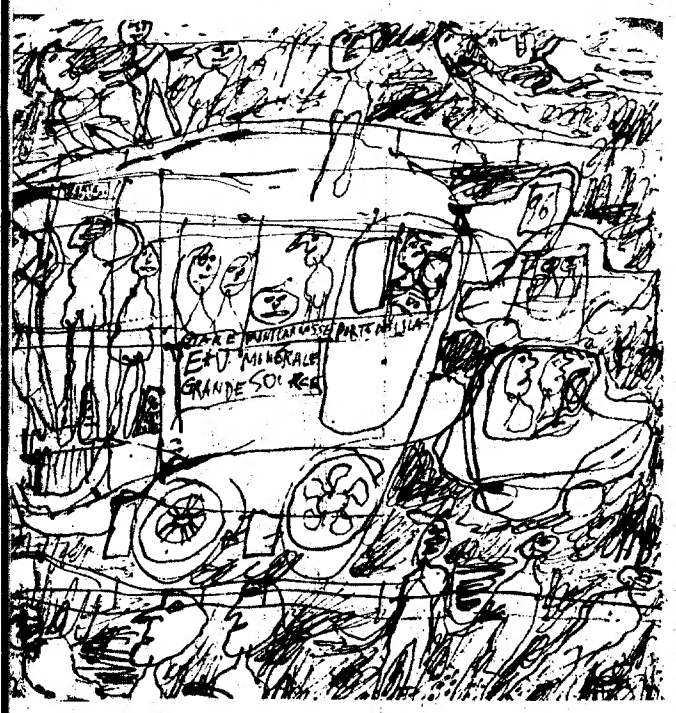
«Entretanto, Tranquilidade, registamos que pousaram. Há aqui um grupo de rapazes que já estavam azuis. Estamos a respirar de novo. Muito obrigado». Com estas palavras saudou Houston, em 20 de Julho, os dois lunautas do módulo «Águia», Neil Armstrong e Edwin «Buzz» Aldrin. O documento, e bem assim toda uma série impressionante de relatos e informações hoje históricos, vem no grosso volume «Chegámos à Lua», de John Noble Wilford, que os livros do Brasil puseram à venda nestes últimos dias. Tradução de Eurico da Fonseca. Wilford, diplomado pelas Universidades do Tennessee e de Syracusa, é director da secção de Ciências Aerospaciais do «New York Times». A sua mestria narrativa vale por boa parte do interesse do livro.

O CINEMA QUE VEMOS

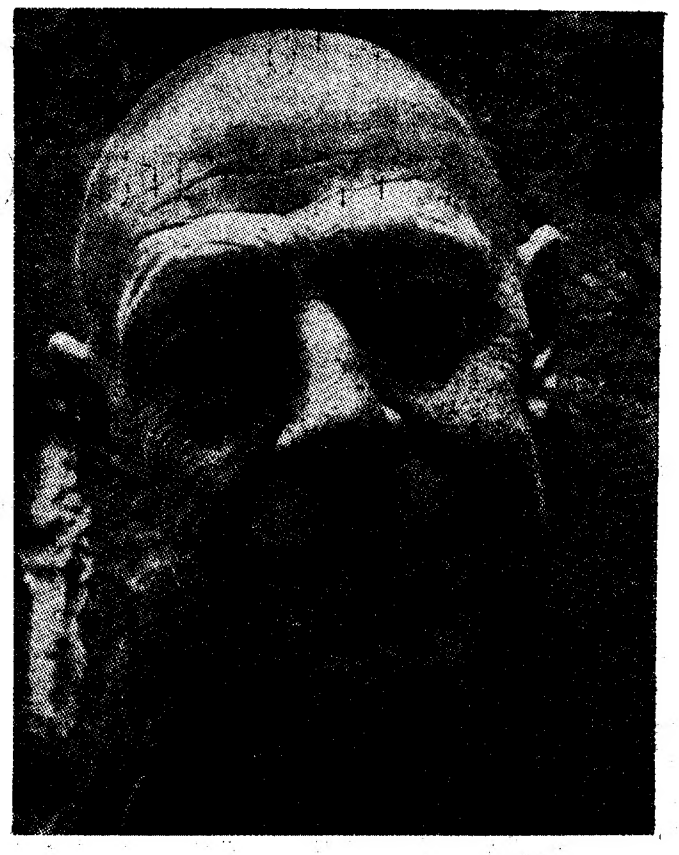
	AdC	ArC	APV	EPC	JVP	LA	MML	VST
Amo-te, amo-te (Alain Resnais)	5	4	2	4	5	5	4	4
Os comediantes (Peter Grenville)	0	—	—	2	1	2	1	1
Por quem os sinos dobram (Sam Wood)	—	—	0	—	—	2	1	—
Repulsa (Roman Polanski)	3	—	3	4	4	4	4	4
O Diabo à solta (Philippe de Broca ...	—	—	—	2	—	2	0	—
Helga (E. F. Bender)	0	—	0	0	0	0	0	0
Duelo no Pacífico (John Boorman)	1	—	3	—	—	4	3	—
O cérebro (Gerard Oury)	—	—	—	—	—	1	—	1
O motim (Buzz Kulik)	—	—	—	—	—	1	—	0
Um lugar para amar (Vittorio de Sica)	—	—	—	1	—	1	—	—

Os «números»: 0 (Abominável); 1 (Banal); 2 (Com algum interesse); 3 (Bom); 4 (Mesmo bom); 5 (Excepcional).

Os «votantes»: Adc (**Adelino Cardoso,** Revista «Rádio e Televisão»); ArC (**Armando Caeiro,** dirigente cineclubista); APV (**António Pedro Vasconcelos,** «Jornal de Letras e Artes»); EPC (**Eduardo Prado Coelho,** D. L.); JVP (**José Vaz Pereira,** D. L. e «Seara Nova»); LA (**Lauro António,** D. L. e «Século Ilustrado»); MML (**Manuel Machado da Luz,** D. L. e «Seara Nova) e VST (**Vítor Silva Tavares,** D. L.).



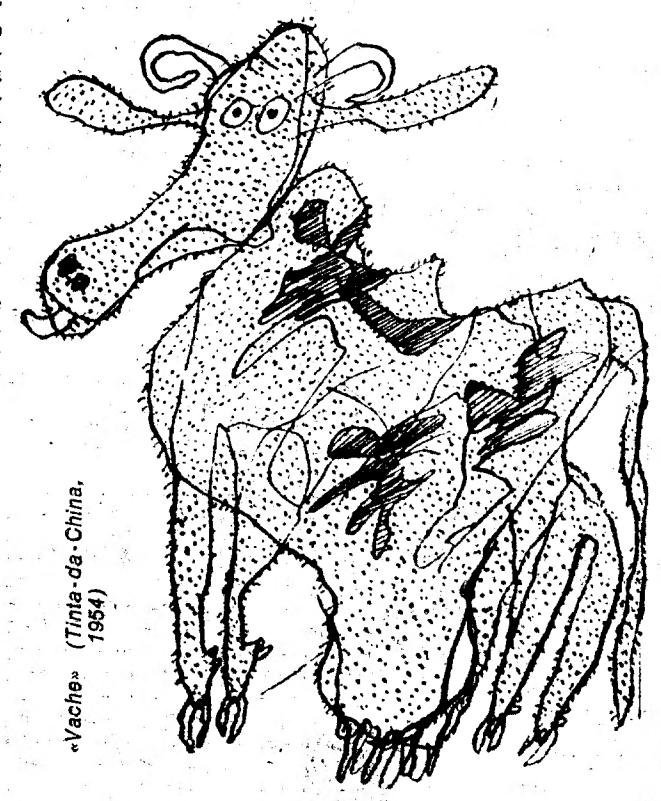
«Boulevard Montparnasse» (Tinta-da-China, 1961): «Grosseiras faltas de jeito...»



A verdadeira arte está sempre onde não se espera. Onde ninguém pensa nela nem pronuncia o seu nome. A arte detesta ser reconhecida e saudada pelo seu nome. Escapa-se imediatamente. A arte é uma personagem apaixonadamente enamorada de incógnito. Logo que a descobrem, logo que alguém lhe aponta o dedo, escapa-se, deixando em seu lugar um figurante adornado de louros que traz às costas um grande cartaz com a palavra Arte, figurante que toda a gente borrifa com champanhe e que os conferencistas passeiam de cidade em cidade com um anel no nariz.

A obra é efectivamente o único facto de um projecto de afirmação e de comunicação empreendido pelo homem, mas isso não a obriga a pertencer a uma ordem reconhecida, não a inclui num sistema. Os sistemas organizam relações aparentes e classificam produtos numa ordem disponível, exacta, definitiva. Mas o projecto de cada artista, tantas vezes repetido e tantas vezes frustrado na obra dada aos outros homens, define-se mais interiormente como uma *não-ordem*, tem a sua vida secreta, possui o segredo de uma experiência pessoal e intransmissível. Um diálogo exterior, manobrado como um comércio vulgar, baseado na transmissão convencional dos produtos catalogados pelo sistema, não substitui a verdadeira convivência com os produtos da criação artística — e a única convivência só será possível quando a arte for espontânea e geralmente aceite por todos, quando as cidades forem inteiramente os nossos museus, a nossa acção, quando a arte não tiver que se refugiar em ordens artificiais, justificando-se, pelo contrário, através do nosso interesse sincero e da nossa urgência. Então o seu projecto corresponderá ao nosso próprio projecto. O seu escândalo não poderá assim decorrer de uma rutura com a nossa visão, antes deverá sobrepor-se à indignação da nossa consciência.

Da mesma ordem são também as mais que aparentes faltas que me sinto tentado (demasiado, sem dúvida) a deixar nos quadros, quero dizer por exemplo manchas involuntárias, grosseiras faltas de jeito, formas nitidamente falsas, anti-reais, cores mal atribuídas, mal apropriadas,



«Vache» (Tinta-da-China, 1954)

todas aquelas coisas que devem provàvelmente parecer insuportáveis a certas pessoas e que a mim mesmo provocam um certo incómodo, por aquilo em que muitas vezes estragam o efeito. Mas é um incómodo que mantenho voluntàriamente.

As dissonâncias conferem às coisas uma presença mais inquietante. O aparecimento dos seres ou dos objectos é assim mais brutal e destrói a indiferença ou o conforto das relações impecáveis. O desequilíbrio gera um novo equilíbrio, propondo ao olhar a perturbação que deve conduzir ao mergulho nas aparências, isto é: ao conhecimento do real. Na pintura, esse conhecimento formula-se a partir de uma dinamização dos meios e da pluralidade operacional que a tem revolucionado. Caminha-se da aparência para a metamorfose e a realidade completa-se, desdobrando-se indefinidamente nos seus aspectos visíveis e invisíveis, esclarecendo-se na simultaneidade e temporalidade dos seus planos.

...a pintura traz as coisas no corpo; e o corpo é melhor que o nome. Ela pode mesmo retirar o corpo às coisas; ou, pelo contrário, dar um corpo àquelas que o não têm. Pode fazer de uma árvore uma ideia; pode fazer de uma ideia uma árvore. Estas operações realizadas, pode manipular os novos corpos, mudá-los de lugar, casá-los mediante todas as espécies de nós e de enxertos, e bater todo este creme. A língua reduz tudo a nomes, deles fazendo em seguida um teclado raso. Mas a pintura dispõe de múltiplas escalas; e, onde é preciso mais uma, ela acrescenta-a. Ela toca, ao mesmo tempo, em numerosos teclados.

Os métodos variam inevitàvelmente de autor para autor e muitas obras contemporâneas confundem-se com a produção industrial, pela riqueza da sua tecnologia, pela variedade e pelo imprevisto dos seus materiais, pelo sonho de uma transmissão *distanciada* em que o artista se anula e o objecto se repete. A variabilidade dos métodos obectiva-se na variação dos meios, mas é contrário à verdade dizer-se que a actualidade de uma obra decorre da actualidade da sua tecnologia. A evolução das formas, e portanto a sua actualidade, determina-se na descoberta técnica, na manipulação particular dos meios materiais, quer se tratem de veículos primitivos, clássicos ou modernos. A voz do artista mantém a sua propriedade temporal se nasce de uma experiência e de uma necessidade paralelas ao seu existir, geradas no tempo e na reflexão do grupo em que ele vive. Não se trata portanto, de um recurso técnico baseado nas formas tecnológicas convencionais, mas de uma descoberta em si mesma, de uma reabilitação dos materiais e das coisas, de uma coerência que deve estabelecer-se entre a atitude mental do criador e os elementos necessários à objectivação e á incandescência dessa atitude.

Sempre gostei muito — é uma espécie de vício — de utilizar apenas os materiais mais comuns, aqueles de que não se pensa antecipadamente por serem demasiado vulgares e próximos e nos parecerem impróprios para o que quer que seja. Gosto de proclamar que a minha arte é tarefa de reabilitação dos valores desacreditados. É também desses elementos, que de tão divulgados são por isso mesmo habitualmente subtraídos ao olhar, que eu sou mais curioso. A voz da poeira, a alma da poeira, interessam-me bem mais que a flor, a árvore ou o cavalo, porque as pressinto mais estranhas.

Para Dubuffet, é importante o exercício da consciência e a descoberta das raízes em que ela mergulha. Para ele, os objectos que isolamos com nitidez no campo do nosso olhar são ainda os que nos parecem estranhos A consciência ocupa-se mais desses objectos e a acção do pintor formula-se de modo semelhante. O resultado desse método, ou dessa atitude, exprime-se por uma espécie de desocultação do que nos é menos habitual ou que de nós se esconde. Mas Dubuffet não se basta no limite de um realismo que a ciência pode confirmar, antes se divide pelas imagens reais e irreais que lhe completam a visão global do mundo. *Aliás, continuo a pensar, como sempre o fiz, que os efeitos verdadeiramente violentos e fortemente eficazes se obtêm doseando hàbilmente os casamentos do irrealismo com o realismo, parecendo-me a presença de um necessário para manifestar o outro.*

(1) Ver «Suplemento D. L.» de 19 de Setembro de 1968 (artigo «Dubuffet: contra a cultura», de Vítor Silva Tavares).

(2) O próprio Dubuffet fez doação de parte da sua obra, em 1967, ao Museu de Artes Decorativas de Paris.

«Borne au logos III» (Esc. 1966)

Jean Dubuffet: biografia

1901 — Jean Dubuffet nasce no Havre; a família dedica-se ao comércio de vinhos.

1918 — Chega a Paris, para se consagrar á pintura; segue os cursos da academia Julian. Passados seis meses, deixa a acedemia e começa a trabalhar sózinho. Conhece Suzanne Valadon, Dufy, Max Jacob e Ch. A Cingria, depois Fernand Léger.

1924 — Renuncia á arte e ao seu academismo para se tornar um homem do comum. Deixa de pintar durante oito anos. Parte para Buenos Aires, onde trabalha em assuntos comerciais.

1925 — Regressa ao Havre. Trabalha no negócio familiar.

1930 — Funda uma empresa de vinhos por grosso, em Bercy.

1933 — Volta á pintura. Modela também máscaras e marionetas.

1937 — Insatisfeito das suas experiências, abandona de novo a pintura, renuncia á arte e retoma o comércio de vinhos.

1942 — Pela terceira vez, decide consagrar-se exclusivamente á pintura. Desta feita para o definitivo: não mais deixará de pintar.

1944 — Primeira exposição, na galeria René Drouin, que suscita vivas controvérsias. Em cada uma das suas exposições passar-se-á o mesmo: apaixonada admiração de uns, viva irritação da maior parte, escândalos, disputas violentas.

1946 — Publicação de um conjunto de textos intitulado Prospectus aux amateurs de tout genre *(Gallimard).*

1947-49 — Três estadas sucessivas no Saará Pierre Matisse organiza-lhe exposições em Nova Iorque e em Chicago. Em breve o publico americano dedica um vivo interessse á pintura de Dubuffet, interesse que irá crescendo com os anos. Em Paris, Dubuffet começa a organizar exposições de obras exaltadas, nascidas á margem da cultura, que ele designa globalmente por ART BRUT. *As colecções da* Art Brut *estão actualmente reunidas num museu privado, Rua de Sévres, 137, Paris.*

1950 — Série dos Corps de Dames.

1951-52 — Série capital dos Sols et Terrains. *Dubuffet vive em Nova Iorque de Novembro de 1951 a Abril de 1952, depois volta a Paris.*

1954 — Exposição rétrospectiva no Círculo Volney, de 17 de Março a 17 de Abril.

1955 — Dubuffet instala-se em Vence, onde vive até 1961.

1960 — Exposições retrospectivas em Itália, Holanda, Alemanha, França (no Museu de Artes Decorativas). Dedica-se a experiências musicais, primeiro com A. Jorn, depois sózinho. Estas experiências são registadas em duas séries de discos.

1961 — Dubuffet começa a viver alternadamente em Vence e em Paris, com breves estadas, a partir de 62, em Touquet, onde constrói uma casa. Grande retrospectiva no Museu de Arte Moderna de Nova Iorque.

1962 — Início do ciclo L'Hourloupe.

1964 — Exposição de L'Hourloupe *em Veneza, no Palácio Grassi.*

1966 — Retrospectivas na Tate Galery, *de Londres; no* Stedelijk Museum, *de Amsterdam; no* Guggenheim Museum, *de Nova Iorque Começa uma longa série de esculturas em polystyrene.*

1967 — Importante doacção ao Museu das Artes Decorativas de Paris. Publicação, pelas edições Gallimard, de todos os escritos que Jean Dubuffet consagrou á sua pintura e á Art Brut: Prospectus et tous écrits suivants *(2 vols.).*

AS PERSPECTIVAS

por Jorge Peixinho

TENDO PARTICIPADO em 1967 e 1968 nas duas realizações musicais que Stockhausen organizou em Darmstadt *(Ensemble* e *Musik für ein Haus)*, com as quais nos propusemos dar uma primeira resposta, num nível altamente criador, ao problema da instauração de uma nova forma de concerto (melhor ainda, da organização de uma sessão musical que deveria renovar a todos os níveis as relações entre a obra e o público, o compositor e o intérprete, o individual e o colectivo), fui naturalmente influenciado por estas experiências e a pouco e pouco notando que tinha eu próprio sofrido uma especial transformação, tanto no que diz respeito à maneira de conceber e planificar a composição musical (as estruturas sonoras, a sua organização e mesmo a forma de pensar), como sobretudo na necessidade de pôr em causa o lugar do compositor no mundo actual, de repensar as suas relações com os músicos-intérpretes e os ouvintes, em suma, de me debruçar sobre toda a problemática ética e sociológica inerente à função do compositor de hoje.

Em 1967, a minha participação em *Ensemble* foi uma experiência apaixonante. Conheci uma verdadeira felicidade espiritual ao trabalhar em íntima colaboração com os outros jovens compositores, não só

Jorge Peixinho e Stockhausen: uma experiência apaixonante

a partir das directivas de Stockhausen mas também segundo as nossas próprias iniciativas.

Posso dizer que devo, pois, a *Ensemble* e a *Musik für ein Haus* uma orientação decisiva no meu pensamento e na minha actividade musical. No ponto de vista teórico, desejei desenvolver eu próprio certos aspectos formulados ou propostos por Stockhausen e procurar as minhas respostas pessoais na praxes compositiva a um nível suficientemente original.

Foi sobretudo após *Musik für ein Haus* que eu senti com muito maior acuidade a necessidade absoluta de continuar a desenvolver esta experiência, pesquisando incessantemente possíveis novos domínios, projectados lùcidamente sobre o futuro.

A partir destas premissas, quais seriam então as possibilidades e as condições de actividade criadora para um jovem compositor em Portugal, país cujas infra-estruturas económicas e culturais são completamente anacrónicas e, naturalmente, muito longe de ser satisfatórias?

É necessário para já frisar que a vida musical em Portugal não tem uma existência real. Não existe minimamente uma cultura viva, onde os acontecimentos artísticos se possam integrar. O que se nos depara é uma sucessão de amostras do passado, dispostas sem qualquer critério selectivo e uma ausência de programação que venha responder de algum modo a uma necessidade cultural.

As restrições á liberdade criadora do compositor são pesadamente asfixiantes, quer se trate das condições da sua vida profissional (ausência de encomendas, escassez ou raridade de execução), quer das limitações dos meios de expressão (inexistência de um estúdio electrónico e de pesquisa, impossibilidade de constituir um grupo estável de executantes e de os contar como colaboradores), das várias pressões que tendem a desviá-lo da sua verdadeira função criadora e social e dos entraves burocráticos aos quais ele se encontra mais ou menos directamente submetido ou indirectamente condicionado.

Desejo, no entanto, tentar duas experiências diferentes em Portugal durante o ano próximo. A primeira deverá ter lugar nos Açores e talvez ainda na Madeira, por ocasião do Congresso Nacional das Juventudes Musicais. Trata-se aqui de um primeiro nível de renovação do concerto tradicional, com a colaboração de dois ou três instrumentistas. O objectivo que me proponho é de atingir uma forma contínua e *composta* do concerto, organizando um processo de ligação ou de conexão entre as diferentes peças preexistentes que irão constituir o programa e de elaborar uma obra composta especialmente para este concerto, com um ou um máximo de quatro solistas e um conjunto aberto e imprevisível de participantes. Esta obra poderá constituir o nó ou o eixo em volta (ou a partir) do qual toda a forma do concerto deverá ser articulada.

Uma outra experiência mais radical desejaria organizá-la no Porto, dentro do esquema do curso de composição que irei leccionar no Conservatório desta cidade.

É necessária, para já, a colaboração muito intensa e intensiva de um pequeno grupo de músicos e de alguns alunos de composição. Esta experiência não foi ainda suficientemente definida nos seus princípios de organização nem nos seus meios de realização; é preciso primeiramente conhecer todos estes meios (que são muito reduzidos) e fixar o grupo de pessoas que desejará e que poderá eventualmente integrar-se (o que é ainda mais raro). Trata-se — tratar-se-á — nas suas linhas gerais de uma grande improvisação colectiva a vários níveis muito controlados, com «estádios» fixos ou móveis compostos e que deverá funcionar como um verdadeiro «acontecimento», livre e aberto, organizado segundo um esquema formal a preestabelecer, mais ou menos detalhado.

Conseguirei ultrapassar todos os obstáculos que, de todos os lados, se irão acumular para comprometer ou impedir esta realização? Não poderei de momento adivinhar o resultado que me será possível obter, mas creio incondicionalmente na profunda necessidade pessoal e social de um tal empreendimento.

secador de cabelo manual

• Ventilador rotativo e silencioso
• Interruptor para ar quente ou frio
• Interruptor para ligar ou desligar
Auto-protector incorporado
MARFIM, ROSA OU AZUL

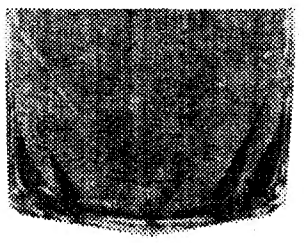
MORPHY-RICHARDS
REPRESENTANTES:
soc. de rep. SIDA SUECA, lda.
RUA DE S. NICOLAU, 44, 48 · LISBOA

MÉDICO
De clínica geral, precisa-se, para grande empresa em Angola. Resposta com curriculum vitae, e indicação de agregado familiar, a este jornal, ao n.º 359.

PASSAPORTES
Obtenha seu passaporte por intermédio da
AGÊNCIA TURALGARVE
Rua Luciano Cordeiro, 6-C
Tel. 53 82 40 — LISBOA

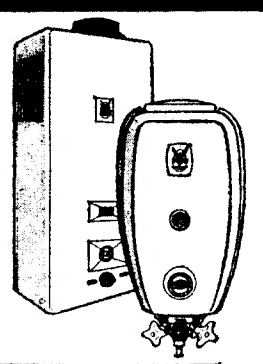
VIDOR
PILHAS SECAS DE ALTA DURAÇÃO

The Antiquary
De Luxe Old Scotch Whisky



Sinal de verdadeira distinção

Vaillant



esquentador a gás
MODERNO-ATRAENTE-PRÁTICO E EFICIENTE
* modelo normal ou com acendedor automático

O cineclubismo, hoje

(Continuação da 3.ª página)

são do cinema — logo do mundo — que nenhum apoio tinha nas necessidades das pessoas a quem em princípio deveriam destinar as suas actividades.

Quando se procurava em 1958 para uma Federação já criada em 1956 pelo Decreto-Lei n.º 40 572 de 16-4-56, já esta tinha funções definidas e viria a ter constituição directiva completamente alheia á situação real do movimento cineclubista. Em resposta a uma exposição da Comissão Consultiva e Representativa dos Cineclubes, o próprio Ministério da Presidência reconhecia logo em 15-6-56, a necessidade de rever o citado decreto, muito embora o não considerasse de momento oportuno.

Se até aqui (1958) fora possível adiantar uma visão organizada — ao nível de movimento cineclubista — daqui para diante resta, na impossibilidade de contactos e de organização de estruturas de topo realmente saídas deles próprios falar de cineclubes. Responder, portanto, de uma estagnação que dirá respeito a cada um deles e não em nome de ninguém. É o que faremos. O contrário nem a suposta e referida Federação, nem o SNI, nem nenhum dos cineclubes, o poderá fazer. E aqui começam as razões pequeninas. O dia-a-dia do universo restrito do cerco. E nele, separados, uns foram tigres, outros leões, outros chacais (lembram-se do Príncipe de Salina do filme de Visconti?).

A situação não implica todavia que nos tivéssemos alheado do desaparecimento de muitos cineclubes verificado a partir do início da década de 60 e do surgir ou do renascer de outros, cuja actividade nos não parece difícil situar, porque vindo a ser naturalmente «livre» e por vezes subsidiada, nada teve — ou tem — que ver com uma cultura e um cinema livres ou na via da construção da sua liberdade, da liberdade dos homens. Nem deixámos de reparar nos outros — em nós próprios — que têm naturalmente a sua história. Essa talvez inglória. Por certo estagnada. Mas ainda assim poderosamente manietada. Tolhida de anunciar actividades nos jornais em bem meia dúzia de anos. Levada a tribunais de polícia por motivos mesquinhos. Incómoda para a tranquilidade particular de muitos dirigentes. Que o digam as sete dezenas de dirigentes que nos últimos dez anos passaram pelo Cineclube Imagem. O que dizer da impreparação em que alguns deles se deram conta de estar, quando em volta de uma mesa se viram na necessidade de, apesar de tudo, decidir, fazer, comunicar, muitas vezes perplexos dos motivos porque, subitamente, alguns amigos ali não estavam, para decidir, fazer, comunicar?

Alguns problemas económicos surgiram num contexto que, para mais, se revela a partir de 1960-61, acentuadamente inflacionista. Julgamos sintomático que mau grado isso, ninguém se tenha lembrado da miraculosa Fundação Gulbenkian de resultados «certos» na defesa de causas bàsicamente perdidas.

De 1000 associados em 1959, damo-nos conta de 600 dez anos depois.

Que se cometeram erros? Mas como negá-lo? Mas como não reconhecer afinal que foi da permanência de centenas de pessoas, que no Imagem se organizaram criticamente numa visão polémica do cinema, debatida — acordemos também que muitas vezes erradamente — entre advogados e electricistas, engenheiros e tipógrafos, empregados de escritório e cineastas? Como na verdade ignorar os milhares de crianças que ao longo de todos estes anos viram nas suas associações de bairro um corpo equilibrado de filmes que o Imagem aconselhou e conjugou em sessões a elas destinadas? E como ignorar o esforço de preparação dos animadores delas, deparando em Institutos de Cultura com um entendimento do cinema, da criança e da cultura, que pretende equiparar Sonika Bo ou Jean Image a farfalhudas «marionettes» portadoras duma moral apologética ridícula e obscena?

Teremos nós respondido?

2

Talvez que, poèticamente, a questão se resumisse em darmos as mãos, as mãos escrupulosamente limpas que ainda nos restem. Sendo certo e importante que não podem ser as dificuldades o que desculpará os nossos erros, a nossa estagnação, o nosso tolhimento. São as dificuldades o que justifica os cineclubes, desnecessários em circunstâncias de tempo e de espaço onde cinema, cultura e vida sejam livres.

«Medidas» implicam quem as tome e por agora, até agora, quem as tem tomado nada tem que ver com o cinema, a cultura e a vida.

Em que medida podemos nós — ser responsáveis, participar nas decisões e nas linhas de orientação do que só a nós diz respeito?

3

A questão entronca na anterior e importa talvez, pelo carácter de eficiência e urgência reclamado, dirigi-la para os aspectos ligados à visão de crítica colectiva do cinema que os cineclubes iniciaram entre nós. Parece-nos imprescindível levar este diálogo crítico colectivo a sectores que até hoje dele têm estado arredados. Como levar a uma sessão que começa às 18.40 horas certos sectores do operariado e da vida comercial (os menos de *élite*) que acabam o seu trabalho às 19 e às 20 horas? Como teimar na participação em colóquios ou sessões que acabam à meia-noite e ainda com a necessidade de regresso a casa, deste sector da população que muitas vezes se ergue ainda noite cerrada para trabalhar por vezes a uma hora e mais dos locais onde reside? Dado que os filmes, talvez os possa ver nos cinemas do seu bairro com menos problemas de deslocação, importa, via cineclubes, dar em boas condições de receptividade, filmes, realizadores e cinematografias até hoje arredados do público português, abrindo horizontes reduzidos a critérios exclusivamente comerciais, justificando desse modo o esforço que a centralização da actividade do cineclube ainda hoje exige.

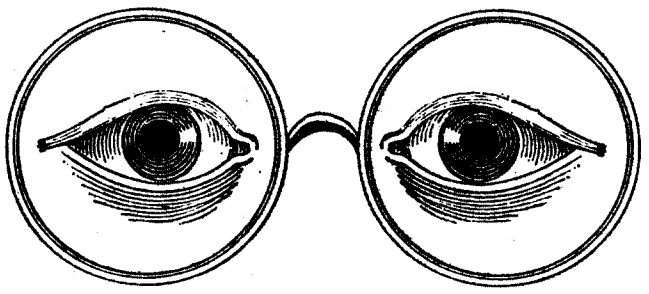
Outra medida parece ser a de levar a vários bairros de Lisboa a actuação dos cineclubes, indo ao encontro das necessidades de um público que não está entre o Saldanha e os Restauradores, procurando definir a partir desse público as linhas de actuação do cineclube.

Mais. Conseguir uma sede que disponha de uma pequena sala de projecção para 16 mm., sem necessidade de recorrermos à disponibilidade de outras associações, algumas para quem a cultura e o diamho são sinónimos.

Conseguir entre os cineclubista ainda existentes e associações interessadas (também) no cinema, organizar uma Cooperativa do Filme. Com ela e por compra, aluguer ou empréstimo, conseguir-se-ia ampliar possibilidades de «*...desenvolvimento da cultura, dos estudos históricos, da técnica e da arte cinematográfica; ...dos intercâmbios culturais cinematográficos*» apontados na definição internacional de cineclubes que o Imagem e outros cineclubes adoptaram.

Possibilidades de também entre os cineclubes organizar estágios de animação cultural e cinematográfica, curtos e práticos, na base de um conhecimento prévio da situação inicial de cada um dos participantes.

Ganhar um activo sentido de intervenção crítica sobre a exibição comercial e as tramas exclusivamente mercantis por que o cinema chega ao publico em Portugal, procurando levar essa intervenção *dialogante* à generalidade do público, nomeadamente pela Imprensa escrita e pela Rádio.



3.º RALLYE DA TAP

VITÓRIA

SPEEDWELL

ENG. HEITOR DE MORAIS

EM MG-1300 MARK II

1.º DA CLASSE (ATÉ 1300)

4.º DA CLASSIFICAÇÃO GERAL

COM EQUIPAMENTO SPEEDWELL

A. M. ALMEIDA, SARL—LISBOA • PORTO

António Damião: «O meu filme não interessa, dizem os distribuidores»

TALVEZ AMANHÃ

ENTREVISTA CONDUZIDA POR LAURO ANTÓNIO

Para quando a estreia de «Talvez Amanhã»?

ANTÓNIO DAMIÃO: 27 anos de idade (n. 28 de Outubro de 1941), vários de técnico de cinema. Uma curta-metragem no activo: **Talvez Amanhã.** Pronta a estrear em princípios de Fevereiro, **Talvez Amanhã** aguarda, ainda, distribuidor interessado. E, no entanto...

E, no entanto, *Talvez Amanhã*, curta-metragem de ficção, é um trabalho que justifica melhor sorte. Passeio de uma mulher através de Lisboa, retrato de uma crise, panorâmica amorosa sobre um rosto e uma cidade e também olhar desencantado (desesperado?) sobre a comunic,ação impossível *Talvez Amanhã* é uma obra desde logo definidora de uma intencionalidade narrativa rara no nosso meio Concentrado de ideias e propostas, tudo ali denota um outro fôlego: a hora e meia de um filme de fundo (que é, para tantos, utópica esperança). António Damião lançou-se pois no filme de autoria, depois de muitos anos de assistência. Trabalhou com Ernesto de Sousa. Alain Bournet, Pierre Kast, Claude Faraldo, António de Macedo, Fonseca Costa e Manuel Ruas. Assistente de realização e de montagem hoje vive numa situação de grande instabilidade económica que é a situação crónica de quem ama, no nosso País, o cinema: desempregado, com uma bobine de dez minutos de solidão debaixo do braço, em busca de um distribuidor inteligente (não é assim tão fácil encontrá-lo. não senhor...). Talvez amanhã?

— *Ao fim de vários anos em que trabalhei no cinema como assistente, achei que era a minha altura de passar à realização Primeiro, porque foi sempre essa a minha intenção, desde início. Por outro lado, sentia-me com aquele mínimo de confiança necessária para principiar qualquer trabalho. Isto era a minha ideia á partida mas, quando tive que filmar o primeiro plano, descobri subitamente que não tinha confiança nenhuma e senti-me como que no meio de um pantano. Tratava-se de fazer um filme dentro daquele mínimo de condições de produção que eu teria possibilidades de obter. Tudo quanto poderia arranjar, de momento, eram meios que me permitiam unicamente a realização de uma curta-metragem. Dentro destas condições pensei o que seria possível tentar. A ideia de quem quero fazer uma referência especial porque, trabalhando como todos os outros, sem receber um tostão, foi o operador ideal para o filme, entendendo todas as suas subtilezas. Foi meu assistente de realização o Jorge Ricardo e assistente de Escudeiro o Victor Esteveão. O José Almeida assina o genérico e, nos intérpretes, Gisela da Conceição e Maria Eduarda Pimenta. O flime termina com um texto de Herberto Helder, retirado de* Retrato em Movimento. *Para além disto tudo, contei ainda com a boa vontade dos laboratórios e do estudio de som.*

Talvez Amanhã *surgiu-me de uma imagem que fui desenvolvendo até á montagem final. Pretendi através da tarde de uma rapariga mostrar uma determinada situação entre o impasse e a dor e situá-la num contexto preciso. Isto é: Lisboa e uma restrita zona de Lisboa. Dentro disto, quis mais fazer uma pergunta ao espectador do que pròpriamente impor-lhe uma directriz.*

— Sobre meios de produção...

—*Um filme deste tipo não tem rentabilidade comercial. Para o fazer foi necessário contar com disponibilidades monetárias especiais e a amizade e boa vontade dos que nele trabalharam ou que, de qualquer modo, a ele deram a sua colaboração. Estão neste caso o Escudeiro, a quem quero fazer uma referência especial porque, trabalhando como todos os outros, sem receber um tostão, foi o operador ideal para o filme, entendendo todas as suas subtilezas. Foi meu assistente de realização o Jorge Ricardo e assistente de Escudeiro o Victor Esteveão. O José Almeida assina o genérico e, nos intérpretes, Gisela da Conceição e Maria Eduarda Pimenta. O flime termina com um texto de Herberto Helder, retirado de* Retrato em Movimento. *Para além disto tudo, contei ainda com a boa vontade dos laboratórios e do estudio de som.*

— Como se explica então que uma curta-metragem de inegável qualidade cinematográfica esteja terminada em Fevereiro e em Outubro não tenha ainda distribuidor?...

— *A resposta é simples: porque os excelentíssimos senhores distribuidores que eu abordei para o distribuirem comercialmennte, acharam que o filme não tinha interesse. Faço notar, por outro lado, que já tenho assegurada a sua exibição num cinema da capital. O unico probelma de momento é, pois, encontrar um distribuidor*

— Sem interesse?...

— *Sim. Os excelentíssimos senhores distribuidores são, normalmente, pessoas auto-suficientes que têm o privilégio de conhecer o gosto do publico e de falar em seu nome. Eles vivem da exploração de um produto que, na maioria dos casos, desconhecem por completo Fazem a distribuição de filmes como se tratasse da venda de sacos de batatas e, neste caso, a melhor batata. segundo eles, é a estrangeira, que tem normalmente a vantagem de ser mais barata. Esta vantagem do produto estrangeiro sobre o nacional é devida ao facto de uma curta-metragem americana, por exemplo, ter automáticamente assegurada uma distribuição internacional através das respectivas cadeias de distribuição. Daqui se infere que, para além do custo de uma cópia (que é relativamente baixo), todo o excedente é já lucro.*

Ora nós, em Portugal quando produzimos um filme, o seu custo de produção, por muito baixo que seja, é sempre, de longe, muito superior aos quatro ou cinco contos porque é paga usualmente uma curta-metragem. Até agora esta desvantagem do produtor português era vencida, porque, de um modo geral, a curta-metragem em Portugal, nos ultimos anos, tem estado limitada ao chamado «filme de prestigio», industrial, turistico ou outros, que são patrocinados pelas entidades interessadas. Este género de filme é, por conseguinte, uma encomenda de características publicitárias e, portanto, normalmente bem remunerado. Os orçamentos destes filmes oscilam entre os duzentos e os quatrocentos contos, o que, tendo em conta as codições de produção, equivale, a maior parte das vezes, ao capital inicial com que um produtor principia a rodagem de um filme de fundo.

Paralelamente a este tipo de documentário, surgiram, nos ultimos anos, algumas curtas-metragens completamente fora dessas coordenanadas. Somos os parentes pobres dessas outras «super-produções»

— O seu filme, bem assim como o do Gonçalves Preto, ou o do César Monteiro, são filmes totalmente pessoais e também totalmente desprotegidos. Que solução prevê para o impasse que se cria em redor deste tipo de *filmes?*

— *Para obviar a este estado de coisas era necessário que não estivéssemos sujeitos á lei da oferta e da procura e, portanto, da rentabilidade do produto. Ora nós estamos mais do que sujeitos a tudo isso. Soluções são, portanto, dificeis. Uma das formas que julgo possíveis, seria a concessão de subsídios, mas os subsídios...*

Mas António Damião tem projectos, apesar de tudo...

— *Tenho encomendado, já algum tempo, a realização de um filme sobre Virgílio Ferreira para a* Cultura Filmes, *integrado na série* Letras e Artes, *produzida pelo Ricardo Malheiro. Fora isso, não há mais nada, pois que a resposta a um pedido de bolsa para estágio no estrangeiro, pedido esse que enderecei á Fundação Gulbenkian, foi negativa.*

Entretanto, *Talvez Amanhã* espera distribuidor. Até quando?...

O PM TOO E D M O

quando o que há não chega

a sua revista veja nas livrarias

O seu futuro depende também da sua letra

FLASH

JIF

Precisa de uma caneta que se adapte perfeitamente à sua personalidade. Para um temperamento vivo: a Flash Waterman de aparo coberto. Para um temperamento calmo: a Jif Waterman de aparo semi-coberto. Flash Waterman — um depósito gigante de capacidade super. Flash Waterman — um verdadeiro aparo de ponta de irídio embutida, acabado à mão.
Flash e Jif Waterman: dois aparos, duas letras, desde Esc. 80$00 até Esc. 210$00.

Waterman

NOVIDADES NECONSAR, LDA. — Rua do Telhal, 43 — Tel. 366478 — Lisboa